

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CHAPECÓ (SC) PARA ALÉM DE PÓLO REGIONAL, UMA CIDADE MÉDIA
NO OESTE CATARINENSE**

CRISTIANE GRETZLER

ORIENTADOR: PROF. DR. OSCAR ALFREDO SOBARZO MIÑO

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**CHAPECÓ (SC), PARA ALÉM DE POLO REGIONAL, UMA CIDADE MÉDIA
NO OESTE CATARINENSE**

CRISTIANE GRETZLER

Orientador: Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño

Banca Examinadora:

**Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (Programa de Pós-Graduação em Geografia
– UFRGS)**

**Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares (Programa de Pós-Graduação
em Geografia – UFRGS)**

Prof. Dra. Doralice Sátyro Maia (Departamento de Geociências - UFPB)

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação
em Geografia como requisito
para obtenção do título de
Mestre em Geografia.**

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2011.

G835 Gretzler, Cristiane
Chapecó (SC), para além de polo regional, uma cidade média no oeste catarinense. / Cristiane Gretzler. – Porto Alegre: UFRGS/PPGea, 2011.
186 f. il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2011.

Orientadora: Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño

1. Geografia Urbana. 2. Polo Regional. 3. Cidade Média. 4. Espaço Urbano. 5. Rede Urbana. 6. Novas Funções I. Título.

CDU 911.375

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Geociências - UFRGS
Renata Cristina Grun CRB 10/1113

Ao meu querido avô, Armino
Carlos Frey, um grande geógrafo
da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta dissertação, é preciso reconhecer a cooperação e a solidariedade de muitas pessoas durante essa jornada. Muitos foram os que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa, cabendo agradecer-lhes publicamente.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a alguns colegas que, no decorrer do mestrado, foram se tornando grandes amigos e parceiros nos tantos momentos instigadores de conhecimentos, com os quais dividi aflições, mas também muitas alegrias e aprendizados, como: Karen Roberta Soares Silva, Evelin Biondo, Jonas Rossatto, Camilo Pereira Carneiro, Dilermando Cattaneo da Silveira, Vitor Barreto, Viviane Borges e Lucas Panitz.

Ao meu orientador Prof. Oscar Sobarzo Miño por suas valorosas orientações, contribuições e pelo voto de confiança. Muito Obrigada!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, principalmente ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, através de seus professores e funcionários.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado.

Aos meus amigos de Chapecó, Monica Hass, Denize Rodrigues, Taiza Neckel, Francieli Bortoli, Bruna Borghetti, Elisangela Silva, Mariana Funfgelt, Joana Paula Favaretto, Vinícius Rech e Danilo Fernandes, meus agradecimentos pelo carinho, incentivo e por tornar os dias mais leves durante essa jornada.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Cidade: cultura, urbanização e desenvolvimento”, Rosa Salete Alba, Cristina Otsuschi, Camila Fujita, Alexandre Matiello e Ana Laura Villela, pelas frutíferas discussões que motivaram a abordagem desta dissertação.

E de forma muito especial, agradecer a minha família, mãe Clarice, pai José, irmão Cleiton e cunhada Carine, pelo apoio, carinho e todo amor

dispensados a mim e porque compreenderam as minhas escolhas, principalmente nesses últimos dois anos. Amo vocês!

E por fim, registrar também meu agradecimento a todas as pessoas, instituições e empresas que, de diferentes formas, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Uma das primeiras cidades criadas no impulso colonizador do Oeste Catarinense, Chapecó, durante vários anos foi à sede administrativa de vasto território, situação que conferiu à cidade uma centralidade que se manifesta ainda hoje. O processo de urbanização brasileira provocou mudanças na estrutura das diferentes cidades, independente de seu porte, suscitando novas análises e interpretações. As metrópoles assumiram novos papéis em escala mundial e, muitas cidades polo regionais, acabam criando e recriando novas dinâmicas no espaço intra e interurbano, com isso, novas funções e diferentes atividades vão sendo desenvolvidas por estas cidades. Chapecó constitui-se como polo regional porque conduz ao seu redor atividades decorrentes de especificidades, atraindo novos investimentos e, gerando interesses ao capital. É considerada capital regional e cidade média, pois possui relações diretas com grandes metrópoles nacionais como também, com cidades subordinadas a ela. A definição de cidade média está atrelada principalmente ao processo de produção do espaço urbano e sua importância na intermediação entre as pequenas cidades e os grandes centros urbanos. O objetivo desta pesquisa é investigar as funções e os fatores que contribuíram para o crescimento de Chapecó e que a elevaram ao nível de cidade média. As metodologias utilizadas podem ser caracterizadas por uma abordagem qualitativa e quantitativa, adotando métodos distintos para o levantamento dos dados e a apresentação dos mesmos. Chapecó assume assim, uma dinâmica importante para o contexto regional e nacional, que significa uma forte integração entre as redes que conectam essas diferentes escalas. Essa integração entre as redes pode ser percebida, principalmente, nas relações que se estabelece, gerando circuitos produtivos que conectam os espaços rurais e, os espaços urbanos, envolvendo as pequenas e médias cidades com as metrópoles.

Palavras-chave: polo regional, cidade média, espaço urbano, rede urbana, novas funções.

ABSTRACT

Chapecó was one of the first cities created in the colonizing impulse to the west of State of Santa Catarina. For several years was the headquarters of a vast territory, for this reason the city received a central role which still exists today. The Brazilian urbanization process has caused structural changes in different cities, regardless its size, prompting further analysis and interpretations. The cities took on new roles on a global scale, and many regional hub cities, started to create and recreate new dynamics in the intra and interurban areas. In this sense, new functions and different activities are being developed for these cities. Nowadays Chapecó emerges as a regional center that drives specific activities, attracting new investments and interests. It is considered a regional capital and a medium sized city because it has direct relationships with major national cities and also with other towns subordinated to Chapecó. The definition of medium sized city is mainly linked to the production process of urban space and importance in intermediating relations between the small towns and big cities. The objective of this research is to investigate the functions and factors that contributed to the growth of Chapecó and that made it possible to reach the level of a medium sized city. Methodologies utilized can be characterized by a qualitative and quantitative approach by adopting different methods for data collection and presentation. Chapecó assumes an important dynamic in regional and national context, which means a tight integration between the networks that connect different scales. That integration between networks can be seen mainly in relationships that are established, creating productive circuits that connect rural areas and urban spaces, involving small and medium-sized cities with the metropolis.

Keywords: regional center, medium sized city, urban space, urban network, new functions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Municípios de Chapecó e Cruzeiro – 07/08/1936	31
Figura 2: Propaganda na mídia impressa destacando o Oeste Catarinense (julho de 1965)	41
Figura 3: Notícia veiculada sobre a criação do Estado do Iguçu	50
Figura 4: Áreas urbanizadas antes e depois das instalações das agroindústrias	53
Figura 5: Evolução da mancha de urbanização do perímetro urbano de Chapecó	54
Figura 6: Região de Influência de Chapecó (REGIC, 2007)	116
Figura 7: Chapecó e conexões externas	116

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Chegada dos colonos em Chapecó – Década de 1920	51
Fotografia 2 – Vista parcial da cidade de Chapecó – Década de 1940	52
Fotografia 3: Matriz da CooperAlfa – Chapecó	75
Fotografia 3, 4 e 5 – Vistas Parciais da cidade de Chapecó – Década de 1950	77/78
Fotografia 6 – Avenida Getúlio Vargas/Centro de Chapecó – Década de 1960	79
Fotografia 7 – Vista parcial de Chapecó – Década de 1970	93
Fotografia 8 - Vista parcial de Chapecó – Década de 1980	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Chapecó: Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços correntes (Mil reais) – 2008	130
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Municípios emancipados a partir do Município de Chapecó	58
Quadro 2 – Nível de Centralidade das Cidades Brasileiras	110
Quadro 3 - Hierarquia dos Centros Urbanos Brasileiros	113
Quadro 4 – Chapecó: Categorização da cidade nos estudos do IBGE	117
Quadro 5 – Chapecó: Órgãos Estaduais presentes	120
Quadro 6 – Chapecó: Repartições Federais presentes	120
Quadro 7 - Chapecó e cidades diretamente polarizadas a partir de variáveis de análise	124
Quadro 8 – Chapecó: Empresas Exportadoras por faixa de valor (por domicílio fiscal) e ramo de atividade – 2009	135
Quadro 9: Chapecó – Localização Agências Bancárias na cidade – 2011	154
Quadro 10: Chapecó e municípios polarizados: Área a construir com licenças expedidas pelo CREA/SC – 2009	159
Quadro 11: Chapecó e municípios polarizados – Ranking do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal – IFDM – 2007	162
Quadro 12: Brasil, Santa Catarina, Oeste Catarinense, Chapecó e municípios polarizados: Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes (Mil Reais) – 2008	163
Quadro 13: Chapecó e municípios polarizados: Produto Interno Bruto (PIB) Per Capita em R\$ - 2008	163
Quadro 14: Decolagens e Pousos no Aeroporto Municipal Serafim Enoss Bertaso – Chapecó	167

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Município de Chapecó em 1917	48
Mapa 2: Primeiros desmembramentos	56

Mapa 3: Desmembramentos ocorridos até 1962	57
Mapa 4: Desmembramentos ocorridos até 1992	58
Mapa 5: Estudo IBGE – 1972	103
Mapa 6: Estudo IBGE 1987	107
Mapa 7: Estudo IBGE 1993	111
Mapa 8: Estudo IBGE 2007	115
Mapa 9: Chapecó e municípios micropolos	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Chapecó: Evolução da população urbana	54
Tabela 2 – Chapecó: Evolução da Indústria Madeireira e Mobiliário	67
Tabela 3 – Chapecó: Evolução dos setores da economia urbana – Décadas* de 1960, 1970 e 1980	80
Tabela 4 – Chapecó: Evolução demográfica do município	82
Tabela 5 – Chapecó e Santa Catarina: Taxas de crescimento populacional ...	98
Tabela 6: Chapecó: Empresas e outras organizações, por seção da classificação de atividades (CNAE 2.0)	129
Tabela 7 – Chapecó: Estabelecimentos industriais ligados à produção agropecuária	131
Tabela 8: Chapecó e municípios polarizados – Hospitais, leitos e internações por município – 2009	146
Tabela 9: Santa Catarina. Hospitais, leitos e internações nos principais municípios – 2009	147
Tabela 10: Chapecó e municípios polarizados - Recursos Humanos segundo categorias selecionadas (Profissionais da saúde) – 2009	148
Tabela 11: Chapecó: Instituições de ensino superior – cursos e total de alunos – 2011	152

Tabela 12: Chapecó e municípios polarizados – Bancos e Agências Bancárias por município – 2011	153
Tabela 13: Chapecó – Número de agências, postos bancários segundo o tipo de dependência, financeiras e <i>factoring</i> – 2011	155
Tabela 14: Chapecó e municípios polarizados – Evolução da População Urbana – 1960 a 2010	161
Tabela 15: Chapecó e municípios polarizados – Evolução da População Economicamente Ativa (PEA) – 1991 e 2000	162
Tabela 16: Chapecó e municípios polarizados: Valor adicionado bruto (VAB) a preços correntes (Mil Reais) – 2008	164
Tabela 17: Brasil, Santa Catarina e Chapecó – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – 1970 a 2000	164

SIGLAS

ACARESC - Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina

ACIC - Associação Comercial e Industrial de Chapecó

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BNH - Banco Nacional de Habitação

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

Ceval – Agro Industrial dos Cereais do Vale S.A

CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CNPSA - Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves

COOPERALFA - Cooperativa Agroindustrial Alfa

CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia

CURA – Comunidade Urbana para Renovação Acelerada

EFAPI - Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

ETA - Escritório Técnico de Agricultura

FACH - Frigorífico e Abatedouro Chapecó
FACISC - Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina
FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FIESC – Federação das Indústrias de Santa Catarina
FUNDESTE – Fundação do Desenvolvimento do Oeste
HRO - Hospital Regional Oeste
IFDM - Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal
IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NESUR - Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional
PCD - Plano Chapecoense de Desenvolvimento
PEA - População Economicamente Ativa
ReCiMe - Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias
REGIC - Regiões de Influência das Cidades 2007
SAIC - Chapecó Indústria e Comércio S.A.
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SERFHAU - Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
SICOM – Sindicato do Comércio da Região de Chapecó
UBABEF - União Brasileira de Avicultura
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul
UNOCHAPECÓ - Universidade da Região de Chapecó
UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina
VAB - Valor Adicionado Bruto
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SUS – Sistema Único de Saúde
FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
DATASUS - Departamento de Informática do SUS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: Contextualização Histórica	26
1.1 Região Oeste Catarinense	26
1.1.1 A disputa das terras	27
1.1.2 Frentes de colonização	30
1.1.3 Ciclos econômicos regionais	34
1.2 O município de Chapecó	47
1.2.1 Criação do município	47
1.2.2 Ocupação e formação do espaço urbano	50
1.2.3 Emancipações e desmembramentos	55
CAPÍTULO 2: Caracterização da Cidade de Chapecó	61
2.1 Os agentes “formadores” da cidade	61
2.1.1 As empresas colonizadoras e madeireiras no processo de constituição e organização da cidade de Chapecó	63
2.1.2 As agroindústrias na formação do espaço urbano e da economia urbana	70
2.1.3 Demais agentes promotores do crescimento e desenvolvimento do núcleo urbano	88
CAPÍTULO 3: Chapecó - Capital Regional e Rede Urbana	95
3.1 Evolução de Chapecó na hierarquia urbana através dos estudos do IBGE95	
3.1.1 Evolução de Chapecó nos estudos do IBGE.....	100
3.2 Centralidade de Chapecó e sua área de influência: a rede urbana formada a partir dessa centralidade	119
CAPÍTULO 4: Chapecó, Cidade Média do Oeste Catarinense	126
4.1 A (re) estruturação intraurbana de Chapecó	126
4.1.1 Os “novos”/“velhos” agentes econômicos e os novos significados	127
a) Grandes equipamentos industriais ou de tecnologia avançada	130
b) Supermercados	140
c) Serviços de saúde especializados	144
d) Ensino superior	149
e) Rede bancária e financeira	153
f) Redes e filiais de venda de eletrodomésticos	155

g) Setor imobiliário	157
4.1.2 Dinâmica populacional e mercado de trabalho.....	160
4.1.3 Os equipamentos e infraestrutura	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
Chapecó, cidade média no contexto catarinense.....	173
REFERÊNCIAS.....	176

INTRODUÇÃO

A partir do século XX, muitas cidades brasileiras se tornaram lugares da reprodução do capital através da produção, do consumo e da concentração de diversas atividades no espaço intraurbano. Ao analisar o processo de urbanização brasileira, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970, podemos verificar um expressivo crescimento na importância de algumas cidades, importância essa acentuada nos anos de 1990 com o processo de globalização da economia, contexto no qual as chamadas cidades médias ganharam destaque. Para Sanfeliu (2009, p. 22), “a urbanização é um processo global e acelerado que se dá na escala planetária seguindo ritmos e caminhos desiguais e diferentes, mas que conduzem a uma mesma realidade complexa e diversa”.

Nas dinâmicas que vêm ocorrendo ao longo dos últimos anos e que vêm alterando a rede urbana brasileira, as denominadas cidades médias passaram a ter um importante papel, pois adquirem novas dinâmicas e demonstram uma crescente especialização em suas funções urbanas.

No contexto da rede urbana e na identificação das cidades médias brasileiras, inserem-se os estudos sobre a cidade de Chapecó que, devido ao seu crescimento industrial e urbano, vem ressaltando a importância de um estudo que vise demonstrar as especificidades presentes em sua dinâmica urbana. Chapecó destaca-se por ser um polo econômico regional, onde são manifestadas diferentes funções, destacando-se através da abertura de mercados, geração de empregos, comércio diferenciado e prestação de serviços e beneficiando-se de novas formas de consumo.

Realizando uma rápida apresentação do nosso objeto de estudo, a cidade de Chapecó está localizada no Planalto Meridional do Brasil, oeste do estado de Santa Catarina, a uma distância de 630 quilômetros de Florianópolis, capital do estado. É o sexto município mais populoso do estado com população, segundo o Censo de 2010, de 183.530 habitantes e ficando atrás somente de Joinville com 515.288 hab., Florianópolis com 421.240 hab., Blumenau com 309.011 hab., São José com 209.804 e Criciúma com 192.308

hab. Note-se que todas essas cidades, exceto Chapecó, estão localizadas no litoral catarinense.

Esta dissertação tem como objetivo investigar e analisar as funções exercidas por Chapecó, por meio de seus agentes econômicos, como também os processos de reestruturação urbana e regional ocorridos na cidade e que a caracterizam não somente como um importante polo regional na rede urbana catarinense e, sim, como uma cidade média do Oeste Catarinense inserida na rede urbana nacional.

Com o aprofundamento do desenvolvimento econômico, principalmente com o processo de globalização, as cidades médias e pequenas cada vez mais participam deste mercado mundializado. Segundo o IPEA *et al.*

As cidades do Brasil desempenharam historicamente funções importantes no processo de ocupação do território, servindo como sítios de suporte ao povoamento, centros de controle político e de armazenamento da produção agroextrativa, núcleos de conexão com os circuitos mercantis, pólos de crescimento industrial e nós das redes financeira e informacional. (IPEA; IBGE; UNICAMP, 2001, p. 85)

Com isso, novas funções e diferentes atividades vão sendo desenvolvidas por essas cidades, fazendo com que se imprima uma nova dinâmica urbana antes não verificada. Este processo não é exclusividade das cidades brasileiras; vários países latino-americanos, por exemplo, estão vivenciando tais mudanças que vêm sendo investigadas por pesquisadores desses países. Chapecó constitui-se como polo regional e, a partir da hierarquia urbana, se apresenta como um nó importante da rede urbana. Segundo Henn e Alba (2008):

Chapecó como pólo regional, apresenta uma expansão capitalista numa escala mundial e nacional, com suas especificidades e características próprias. A cidade, mesmo não sendo de uma região metropolitana, constitui-se como pólo regional porque conduz ao seu redor atividades decorrentes dessas especificidades atraindo novos investimentos e gerando interesses ao capital. (HENN; ALBA, 2008, p. 261)

Faz-se necessário conceituar cidades polos regionais e cidades médias, pois em alguns momentos, nas análises, essas relações serão feitas com a cidade de Chapecó e, para isso, faremos uma breve revisão.

Partimos do princípio de conceituar Chapecó enquanto polo regional através dos estudos desenvolvidos por Perroux (1967) sobre o conceito de polo de crescimento, que afirma que o desenvolvimento econômico, que polariza determinada área, está atrelado a uma indústria motriz (as agroindústrias), e um reflexo da ação dessa indústria acaba propagando e expandindo o crescimento e beneficiando toda uma região por ela polarizada. E ainda complementa afirmando que, a partir dessa indústria motriz, surge um complexo industrial que acaba gerando concorrência entre as várias indústrias existentes na aglomeração territorial. Vale aqui ressaltar que essa teoria levou em consideração que o crescimento não ocorre de forma difusa em todo o território/região, mas se manifesta em determinados pontos suscetíveis ao desenvolvimento, onde então surgiria o polo de crescimento. Segundo Andrade (1977, p. 59):

Em geral a indústria motriz em sua ação de obtenção de matérias-primas, de ponto de atração para a mão-de-obra e de produtora de um ou de uma série de produtos dinamiza a vida regional provocando a atração de outras indústrias, criando aglomeração de população que estimulará o desenvolvimento das atividades agrícolas e pecuárias nas áreas fornecedoras de alimentos e de matérias-primas e desenvolve a formação de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que a cerca, que se instala em sua área de influência.

As agroindústrias instaladas em Chapecó¹ formaram um polo agroindustrial com inter-relações com suas fontes de matéria-prima, fornecedores, transporte, clientes e, conseqüentemente, geraram um efeito em cadeia para toda a cidade polo se propagando para a região de sua influência direta, o que leva outros setores e espaços regionais ao crescimento econômico.

Aliada a essa atividade industrial motriz que constitui um polo de crescimento, queremos apontar os estudos de Walter Christaller elaborados em 1933, sobre a teoria dos lugares centrais. Conforme essa teoria, um centro urbano se torna um lugar central quando ele fornece um conjunto de bens e serviços – funções – a uma área de influência, geralmente a região na qual está inserido. E a partir dessa análise, esses lugares centrais podem ser

¹ Estas serão melhor caracterizadas no decorrer da dissertação.

classificados hierarquicamente, levando-se em consideração a quantidade e a diversidade dos bens e serviços que fornece a essa área de influência. Souza (2005, p. 93) analisando a teoria desenvolvida por Christaller, afirma que:

A diferença fundamental dessa teoria, em relação à teoria dos pólos de crescimento, está na ênfase à prestação de serviços, por parte dos centros urbanos, e não na função indutora da *indústria motriz* do pólo de crescimento e nas interdependências que ela gera entre firmas compradoras e vendedoras de insumos na região polarizada ou no interior do próprio centro principal.

A partir da breve análise dessas duas teorias, podemos afirmar que o polo de crescimento associado à teoria das localidades centrais induz a um determinado espaço – centro urbano, no nosso caso – um poder econômico maior frente à região de sua hinterlândia. O cerne da questão é baseado em que o crescimento de determinado polo é produzido a partir de um centro principal envolvendo centros imediatamente inferiores, secundários.

As relações desenvolvidas pela indústria motriz aliada às relações do conjunto de bens e serviços que o lugar dispõe, criam um centro econômico dinâmico dentro da região que o cerca, gerando fluxos em direção ao centro, como também fluxos inversos, ou seja, do centro para sua região de influência. Assim, o desenvolvimento regional convergiria diretamente ao desenvolvimento de seu polo. Com isso, o crescimento desses polos regionais estaria atrelado a atividades e funções especializadas, que dinamizariam esse centro com efeitos propulsores no crescimento econômico, mas também social, atrelados diretamente ao desenvolvimento regional. Para Souza (2005, p. 91-92):

As noções de pólo e de *região polarizada* estão intimamente associadas com as idéias de urbanização e de industrialização. A região polarizada contém vários centros urbanos e industriais secundários relacionando-se com o pólo central dinâmico. Estão presentes, portanto, as noções de funcionalidade, hierarquia e heterogeneidade nas relações do pólo no interior da região polarizada.

Com isso, podemos afirmar que a cidade polo regional exerce influência direta e indireta sobre determinada região na qual está inserida. E essa influência é exercida principalmente pelos fluxos de toda natureza que esta estabelece com a região por ela influenciada.

Além de polo regional, Chapecó se apresenta também como cidade média devido às especificidades apresentadas por ela e pela influência sobre o espaço urbano e regional. Reside aí, uma das principais características dessas cidades, o vínculo com o lugar, associado ao território, sua hinterlândia, e não somente pelo nível funcional, como também o social. Para Steinberg e Bruna (2001, p. 71), essas cidades “são o elo de ligação entre os espaços urbano e regional e entre os interesses públicos e privados. Acredita-se que essa simultaneidade de papéis é a explicação do sucesso de tais cidades”.

Essas cidades médias seriam as que apresentassem dinâmicas e especificidades mais intensas, mas não chegariam a desempenhar papéis metropolitanos; seriam cidades de diferentes posições na hierarquia e que estabelecem fluxos de grande escala, nacional e internacional, e que poderiam ser caracterizadas como “cidades em globalização” (SPOSITO, 2009). Quanto à definição de uma cidade média, Pontes (2006, p. 334) analisa que estas:

[...] seriam um centro urbano com condições de atuar como suporte às atividades econômicas de sua hinterlândia, bem como atualmente ela pode manter relações com o mundo globalizado, constituindo com este uma nova rede geográfica superposta à que regularmente mantém com suas esferas de influência. Esta segunda rede à que nos reportamos, diz respeito ao sistema de relações realizadas sob o território com áreas rurais ou outras cidades próximas ou mais distantes sobre as quais ela exerce uma condição de comando.

As cidades médias são caracterizadas como aquelas que desempenham papéis de intermediação entre cidades maiores e menores, nos diferentes circuitos, no âmbito de diferentes redes urbanas, diferenciando-se das cidades de porte médio cujo reconhecimento advém somente do seu tamanho demográfico. Segundo Corrêa (2007), a tipologia dessas cidades se caracteriza pela combinação de inúmeros fatores, como tamanho demográfico, aliado às funções urbanas e organização de seu espaço intraurbano. Essas seriam cidades mais dinâmicas, que não apresentam somente um crescimento demográfico, mas também apresentam diversificação de suas funções intraurbanas e interurbanas.

Muitas das cidades médias são constituídas tendo um vínculo muito próximo com o rural, ou seja, a sua economia tem forte relação com a produção agrícola; um desses vínculos rurais pode ser caracterizado pelo setor

agroindustrial, que em Chapecó pode ser considerado o motor propulsor da economia local. Sobre essas relações, Elias (2007, p. 121) destaca que “[...] algumas cidades poderiam ser classificadas como cidades locais ou mesmo médias por ter uma forte ligação com alguma produção agrícola e/ou agroindustrial, compondo exemplos de desenvolvimento urbano associado ao consumo produtivo agrícola”.

Quanto à relação dessas cidades médias com sua hinterlândia, Sanfeliu (2009) aponta as seguintes características: a) quanto ao nível político-administrativo, concentram determinados níveis de governo e administração; b) normalmente são centros de interação social, econômica e cultural dinâmicos; c) as cidades médias oferecem serviços mais especializados para a população de um território mais amplo – sua hinterlândia; e d) devem possuir atividades econômicas vinculadas à função de intermediação, um centro que concentra e distribui os bens produzidos no local e os produzidos em centros maiores e distantes da região.

Na tentativa de compreender e construir um conjunto de conceitos e reflexões sobre as cidades médias brasileiras, Pereira (2005, p. 03) afirma que:

[...] a definição de cidade média tem por base as funções urbanas da cidade, relacionadas, sobretudo, aos níveis de consumo e de comando da produção regional nos seus aspectos técnicos. Já não é mais um centro no meio da hierarquia urbana, mas, sim, uma cidade com capacidade para participar de relações que se estabelecem nos sistemas urbanos nacionais e internacionais. Os estudos sobre essas cidades devem estar calcados numa concepção, em rede, da cidade e da região, numa perspectiva que priorize, mais que a dimensão demográfica, o modo como a cidade média articula as suas relações com os demais componentes do sistema urbano.

As cidades médias seriam então os lugares onde são encontrados produtos e serviços com níveis de consumo mais elevados (SANTOS, 1988), atraindo um determinado nível de consumidores, como também o interesse de capitais que se desconcentram espacialmente e se expandem. Para Sposito (2007), os principais processos que (re)definem os papéis das cidades médias seriam: a concentração e centralização econômica, diversificação dos sistemas de transporte e telecomunicações, formas contemporâneas de organização espacial das atividades econômicas ligadas ao comércio de bens e serviços e o

consumo de bens e serviços especializados ligados à modernização do setor agropecuário.

Talvez o ponto principal que diferencia as cidades polos regionais das cidades médias, seja que a organização do sistema produtivo e a funcionalidade da cidade passa de um modelo hierárquico, conseqüentemente mais rígido, para um modelo mais flexível e variável, em forma de rede, de complementaridade, mas ao mesmo tempo, aumentando sua complexidade em relação à fragmentação, a especialização e à polarização do território próximo.

Chapecó acaba centralizando diversos serviços e agentes não encontrados em outras cidades da região. Podemos aqui nos reportar aos serviços de saúde de média e alta complexidade, bem como ao ensino superior, ao serviço financeiro com uma ampla rede bancária, possuindo agências dos principais bancos brasileiros, além de financeiras. Corrêa (2007, p. 31) aborda a questão das cidades que são consideradas centro de atividades especializadas e destaca que “este tipo de cidade média, caracteriza-se pela concentração de atividades que geram interações espaciais a longas distâncias, pois se trata de atividades destinadas ao mercado nacional e internacional”.

Além desses aspectos, existe forte influência do setor do agronegócio na economia. Henn e Alba (2008, p. 17) apontam que “do ponto de vista do capital agroindustrial, Chapecó ocupa uma posição central na produção e na articulação do território e da economia regional. Os grupos aí instalados encorajam outras funções em nível local e regional”, que dão suporte ao setor agroindustrial. Podemos ainda destacar um comércio diversificado, competitivo, especializado, que atrai consumidores não somente da cidade de Chapecó, como também de diversas cidades da região. Henn e Alba (2008, p. 261) destacam que “esses fatores acabam gerando fluxos de capital e fluxos de pessoas consideráveis, fazendo com que a cidade tenha uma dinâmica diferente das outras cidades da região”. Para Branco (2007, p. 95), uma das linhas a serem analisadas para a identificação das cidades médias utiliza:

[...] a estruturação da rede urbana, com base no papel que cada nó desempenha como centro de distribuição de bens e prestação de serviços, como na teoria das localidades centrais. Neste caso, o universo das cidades médias corresponderia à gama de centros

regionais, com posição hierárquica entre as metrópoles e os centros locais.

Chapecó enquanto polo regional assume uma dinâmica importante no contexto regional e nacional, atraindo atividades econômicas antes presentes apenas em grandes centros. Pires analisa que:

A permanência de um efeito de atração das cidades é um fato incontestável que se verifica em todo o mundo. A cidade tornou-se um pólo que conduz ao seu redor outras atividades decorrentes de sua densidade humana, das infra-estruturas que se beneficia e do poder de compra que representa. Essa polarização não é mais o resultado das atividades industriais tradicionais. (PIRES, 2006, p. 49)

Através da conceituação do que caracterizaria as cidades médias e analisando algumas funções desempenhadas por Chapecó, podemos afirmar que esta pode ser considerada uma cidade média e, através das análises feitas nesta dissertação, queremos apontar para essa caracterização.

Quanto à metodologia adotada para esta investigação, a análise iniciou-se com um levantamento bibliográfico e análise de estudos já realizados sobre Chapecó, assim como também sobre o tema cidades médias, privilegiando as análises teóricas. Após a análise do material bibliográfico, demarcou-se o levantamento de dados primários e secundários a partir das variáveis: os “novos”/“velhos” agentes econômicos e os novos significados, dinâmica populacional e mercado de trabalho e os equipamentos e infra-estrutura. Foram realizadas pesquisas em bancos de dados digitais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), do Banco de Dados Agregados – IBGE, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, do Ministério da Saúde – Departamento de Informática do SUS - DATASUS, Ministério da Educação – emec, da Secretaria de Estado do Planejamento de Santa Catarina, no Banco Central do Brasil, no Sistema FIRJAN, no Banco de Dados da Prefeitura Municipal de Chapecó. Também foram consultados os *sites* das indústrias, empresas e prestadoras de serviços analisadas e realizados contatos via e-mail e telefone. Também foi realizada pesquisa de campo para levantamento de dados primários e produção de material iconográfico.

Através desses procedimentos metodológicos, foram levantados dados e informações sobre a dinâmica econômica da cidade, principalmente sobre as empresas ligadas ao setor do agronegócio, do comércio e dos serviços, como também levantamento de dados relativos às dinâmicas populacionais e aos equipamentos e infraestrutura que dão suporte às funções urbanas desempenhadas por Chapecó. Essas informações e os dados coletados foram sistematizados em quadros e tabelas analisados e apresentados ao longo deste trabalho.

A seguir, apresentaremos os resultados e as análises para compor essa reflexão. Para entendermos a posição hierárquica superior de Chapecó perante a região Oeste Catarinense, no Capítulo 1, é descrito o processo histórico de formação regional, os antecedentes econômicos – ciclos econômicos – que conduziram a economia regional nas primeiras décadas de constituição do território, como também um pouco da história do município de Chapecó no contexto regional.

No Capítulo 2, é feita a caracterização da constituição da cidade de Chapecó, analisando os principais agentes econômicos formadores do espaço urbano. Demonstram-se as principais características dessas atividades econômicas, como também os demais agentes promotores do crescimento e desenvolvimento do núcleo urbano.

No Capítulo 3, é analisada Chapecó na rede urbana regional, recorrendo de estudos publicados pelo IBGE, relacionando-os com as funções, equipamentos e infraestrutura da cidade em cada período.

No Capítulo 4, por sua vez, faz-se uma análise da dinâmica do espaço urbano de Chapecó, sobretudo, no que diz respeito a sua expansão e estruturação intraurbana e os novos significados atribuídos aos agentes econômicos, como também a dinâmica populacional, aos equipamentos e à infraestrutura da cidade em comparação com cidades de hierarquia inferior na rede urbana do Oeste Catarinense.

Na última parte desta dissertação, à guisa de conclusão, o esforço é feito no sentido de demonstrar que todas as dinâmicas apresentadas e

comparações realizadas, quanto à complexificação e especialização de Chapecó, apontam-na como cidade média no Oeste Catarinense.

CAPÍTULO 1: Contextualização Histórica

1.1 Região Oeste Catarinense

Para compreendermos os processos que ocorrem em Chapecó, que é a cidade objeto do nosso estudo, precisamos compreender primeiro o processo histórico de ocupação da região, pois grande parte desse território, por muitos anos, se constituiu como o município de Chapecó e hoje faz parte da região Oeste Catarinense.

A grande região Oeste Catarinense que possui uma área aproximada de 25 mil quilômetros quadrados e compreende atualmente 118 municípios – organizados em sete associações municipais² – ficou por muito tempo esquecida, ou ainda, pouco valorizada no primeiro século de colonização do estado de Santa Catarina³. Para Renk (2004, p. 2):

A região em estudo passou a ser denominada Oeste Catarinense a partir do Estado Novo. Anteriormente nos mapas constava zona desconhecida, zona despovoada. Ora era o sertão nacional, contrapondo-se aos Campos de Palmas, ora era sinônimo de área inóspita e limítrofe (com fronteira internacional em disputa).

Até o começo do século XIX, todas as políticas de colonização feitas pelo Estado eram voltadas para o litoral ou cidades próximas. Até então, a cidade mais interiorana era Lages⁴, mas esta já muito importante antes mesmo das políticas de colonização, pois era uma cidade de pouso⁵ dos tropeiros que levavam o gado do interior do Rio Grande do Sul até os mercados de Minas Gerais e São Paulo. Segundo Alba (2002, p. 16):

² A saber: AMAI - Associação dos Municípios do Alto Irani, AMAU – Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense, AMEOSC - Associação dos Municípios do Extremo Oeste de Santa Catarina, AMERIOS - Associação dos Municípios do Entre Rios, AMMOC - Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense, AMNOROESTE - Associação dos Municípios do Noroeste Catarinense, AMOSC - Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina. Informações extraídas do site da Fecam – Federação Catarinense de Municípios: <http://www.fecam.org.br/home/index.php>

³ Data do final da segunda década do século XVIII a vinda dos primeiros imigrantes ao estado de Santa Catarina.

⁴ A fundação de Lages data do ano de 1766.

⁵ Registros antigos apontam que Lages servia de pouso para os tropeiros desde 1661. (Fonte: www.lages.sc.gov.br – acessado em 07 de nov. 2010)

A história do início da colonização fazia parte de um projeto de colonização feito pelo governo estadual que objetivava colonizar todo o Oeste de Santa Catarina, considerado pelas autoridades da época como um vazio demográfico.

Para fazer jus à história e mesmo aos seus atores, precisamos registrar que mesmo antes da política de colonização feita pelo Estado e pelas colonizadoras, vivia na região um contingente populacional considerável. Como afirma Alba (2002, p. 16):

[...] desde o princípio, que este território já antes das colonizadoras, era habitado por índios e brasileiros ou caboclos. Esta população (os brasileiros) era constituída pelo excedente da população das fazendas de gado e migrantes de outras áreas do país que começaram um povoamento rarefeito em diferentes locais da região antes da chegada da população migrante do Rio Grande do Sul, sendo sua sobrevivência baseada na agricultura de subsistência.

Devido aos vazios demográficos e ainda temendo disputas regionais e mesmo internacionais requerendo o mesmo território, o então governador do estado de Santa Catarina, Coronel Felipe Schmidt, em 25 de agosto de 1917, cria os municípios de Chapecó e Cruzeiro (hoje Joaçaba) que anos depois, originariam os atuais municípios da mesorregião Oeste Catarinense.

1.1.1 A disputa das terras

A região oeste de Santa Catarina é marcada por disputas de território tanto com a Argentina quanto com o Paraná, disputas estas, conhecidas como a Questão de Misiones⁶ e Questão de Palmas⁷, respectivamente. Um dos

⁶ “No tratado de Santo Ildefonso, em 1881, os argentinos interpretaram que os rios que limitavam os dois países eram os rios Chapecó e Chopim, enquanto os brasileiros entendiam como divisa os rios Peperi-Guaçu e Santo Antônio. [...] A disputa pelo território Oeste catarinense entre o Brasil e a Argentina ocorreu, entre outros fatores, também pela riqueza da erva-mate e araucárias. [...] Foi somente no final do século XIX (1895) que Brasil e Argentina resolveram à questão dos limites territoriais (sob arbítrio do presidente dos Estados Unidos da América, Grover Cleveland), tempo suficiente para que o governo brasileiro enviasse expedições para lá a fim de expulsar o gentio e iniciar o povoamento da região [...]”. (BAVARESCO, 2005, p. 29-32)

⁷ “A região que veio a ser conhecida como Campos de Palmas e que corresponde ao Oeste de Santa Catarina, criou uma disputa entre os estados de Santa Catarina e Paraná quanto à questão dos limites. [...] A disputa do território se acirrou sobre aquela área, quando o Paraná se dizia herdeiro da questão com São Paulo. Em 1904, o Supremo Tribunal Federal deu ganho

principais interesses, entre os envolvidos na disputa, era a exploração econômica da região. Para Bavaresco (2005, p. 35):

[...] a riqueza da mata de araucárias, a abundância da erva-mate e os Campos de Palmas, ótimos para a criação de gado, moveram uma das mais acirradas disputas no Oeste catarinense. A disputa com a Argentina demonstra a expansão territorial que ocorria no século XIX, e o longo período de disputa com o Paraná reflete a busca das riquezas naturais para o desenvolvimento econômico dos estados brasileiros.

As divergências que envolviam a Argentina foram resolvidas no ano de 1884, com a intervenção do então presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland. Já a Questão de Palmas, disputa com o estado do Paraná, somente é encerrada e dado o ganho da causa ao estado de Santa Catarina em março de 1917 (BAVARESCO 2005; BELLANI, 1989; FERRARI, 2005, 2007, 2010).

Com essas divergências resolvidas, o então estado de Santa Catarina teve incorporadas diversas localidades e vilas, muitas delas paranaenses. “Na jurisdição que formou o município de Chapecó, temos: a antiga Colônia Militar de Xanxerê, Passo Bormann, Passo dos Índios (cidade de Chapecó), Campo Erê, Serrinha, Antas (São Domingos), Barracão (Dionísio Cerqueira)” (BELLANI, 1996, p. 23). Segundo Peluso Junior (1991, p. 286):

O município de Chapecó fez parte do território que, em virtude do acordo que pôs fim à questão de limites Paraná – Santa Catarina, em 1916, voltou à jurisdição catarinense. Na parte ocidental dessa área foram criados dois municípios, o de Chapecó e o de Cruzeiro do Sul, este passando, mais tarde, a denominar-se Joaçaba. A divisa entre os dois municípios então criados foi fixada no rio Irani. Com a área de 14.793 quilômetros quadrados, o município de Chapecó passou a constituir a região OESTE CATARINENSE ou região de CHAPECÓ.

Impõem-se ressaltar que, a partir da legalização do território da região Oeste Catarinense como pertencente ao estado de Santa Catarina, o Estado empreendeu uma política de concessão dessas terras a empresas colonizadoras, pois não tinha todo o aparato institucional necessário para o empreendimento da colonização da área. Bavaresco (2005, p. 70) analisa essa questão sob a seguinte ótica:

de causa a Santa Catarina e, em 1910, novamente o Supremo Tribunal Federal confirmou a decisão anterior”. (BAVARESCO, 2005, p. 33-34)

Para integrar o Oeste catarinense ao desenvolvimento econômico do Estado de Santa Catarina foram necessárias algumas medidas que promovessem a colonização daquela área. Começa então a concessão de terras a empresas colonizadoras, tendo à frente pessoas de prestígio junto ao governo. [...] o governo passou a se interessar pelas terras do oeste para garantir a posse. Impossibilitado de promover o desenvolvimento da região, deixou-o a cargo de empresas colonizadoras particulares. Essas empresas tinham somente objetivos econômicos, enquanto, para o governo, o importante era ocupar as terras e promover o desenvolvimento, onde apenas viviam os “fora da lei” e os foragidos do estado vizinho, Rio Grande do Sul.

Numa das expedições feitas em 1929 pelo então governador do estado Adolfo Konder à região, o mesmo relatou o seguinte⁸:

[...] a premência da ocupação do Oeste catarinense como expansão do processo civilizador para o interior, não só do estado, como também do país; [...] impunham-se eliminar os vazios demográficos e fazer com que as fronteiras econômicas, geográficas e culturais coincidissem com as fronteiras políticas.

O objetivo do governo era ocupar o espaço para que não fosse mais motivo de disputas regionais. Então, com a política de povoar a região, deu a concessão das terras a empresas colonizadoras para promoverem a sua ocupação efetiva. Medeiros (2006, p. 282) complementa, dizendo que:

[...] a política de colonização procurou ocupar os espaços, considerados vazios pelo governo. O espaço então coberto pela mata nativa foi sendo aberto e os colonos foram se instalando em lugares distantes e na maioria das vezes ficando isolados dos centros da época.

Para Pertille (2008, p. 59), “a concessão de terras, visou à ocupação do estado até a fronteira com a Argentina e beneficiou as empresas colonizadoras, redirecionando a evolução econômica e a vida sociopolítica da região”. Para Peluso Júnior (1991, p. 289), “a colonização do Oeste Catarinense foi empreendimento de natureza econômica, em que empresários do Rio Grande do Sul [...], investiram vultosos capitais em Santa Catarina”.

Até fins do século XIX e começo do século XX, percebe-se nitidamente que a região estava à mercê de qualquer tipo de investimento por parte do Estado, uma porque distava da capital do estado e dos centros urbanos já

⁸ Flores e Serpa (2005, p. 130)

organizados na época em Santa Catarina; e outro fator a ser destacado era que, como ainda não era colonizada, oficialmente não ocorriam trocas econômicas, apesar de ter sido um descaminho dos tropeiros em direção às feiras de São Paulo e Minas Gerais, e ainda, a exploração da erva-mate feita pelos caboclos que habitavam aquele território ou então pelos forasteiros vindos da Argentina. Só com a possibilidade de perder parte desse território é que o Estado vê a região como um potencial a ser organizado e explorado.

Com os entraves de fronteira solucionados e com uma política de ocupação efetiva desse território, a partir da década de 1920 chegam à região as primeiras frentes de colonização, lembrando que desde esse movimento migratório é que se inaugura a expansão da fronteira agrícola por parte das antigas colônias do Rio Grande do Sul.

1.1.2 Frentes de colonização

Depois da criação dos municípios de Chapecó e Cruzeiro, em agosto de 1917, e com políticas dirigidas à ocupação da região, o Estado concede a algumas colonizadoras⁹ o direito de comercializarem as terras em troca da instalação de um mínimo de infraestrutura para a mesma. Abaixo, um dos primeiros mapas (Figura 1) confeccionados dos então municípios de Chapecó e Cruzeiro:

⁹ As colonizadoras que obtiveram a concessão das terras da região Oeste Catarinense: Bertaso e Maia, Companhia Territorial Sul Brasil, Barth e Benetti, Chapecó-Peperi Ltda, Luce e Rosa e Cia, Volksverein, Colonizadora Capelli, Territorial Mosele, Eberle, Anrons e Cia., Colonizadora Brum e Irmãos Lunardi (BELLANI, 1988; WERLANG, 2002). Com o desenvolvimento da colonização, outras empresas surgiram, muitas vezes pela compra ou incorporação de outras colonizadoras.

Figura 1: Municípios de Chapecó e Cruzeiro – 07/08/1936



Fonte: Arquivos CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) – Unochapecó

Esses dois municípios, segundo Pertille (2008, p. 60), “[...] tornaram-se os embriões da ocupação de toda aquela região que formaria, posteriormente, a Mesorregião Oeste catarinense e a nova fronteira agrícola para os migrantes procedentes do Rio Grande do Sul”.

Depois de terem sido definidos os primeiros pontos de fixação populacional, na década de 1920, começou a colonização de fato, através das frentes de colonização (BAVARESCO, 2005). Estas frentes provinham do estado do Rio Grande do Sul que começava a enfrentar a falta de terras. Segundo Espíndola (1999, p. 21):

Os colonos que migravam para o Oeste catarinense eram filhos de pequenos produtores gaúchos que não conseguiram sobreviver na propriedade paterna em virtude do excedente populacional e do superaproveitamento dos solos.

Alba (2002) complementa essa análise, afirmando que levas de agricultores oriundos do Rio Grande do Sul adquiriam suas pequenas propriedades rurais¹⁰, constituíam família, juntamente com o sonho de

¹⁰ Hoje ainda, a região Oeste Catarinense é caracterizada por pequenas propriedades rurais voltadas para a agricultura familiar. Conforme Konzen (1986, p. 40), “a pequena propriedade rural desempenha, historicamente, a função básica de produtora de alimentos para a sua auto-sustentação e para o abastecimento do mercado urbano”. Cerca de 40% das propriedades rurais da região possuem menos de 10 hectares (informação disponível em

enriquecer; vinham com a promessa de obterem suas próprias terras e se fixaram ao longo do rio Uruguai. Mais tarde, foram expandindo a área de ocupação até chegarem à divisa com o Paraná. Destacamos que, nesse processo, a terra se transforma em capital para as colonizadoras através da compra e venda dessas terras, pela regularização da propriedade e, posteriormente, pela inserção da produção agrícola para subsistência.

Essa colonização estimulada pelo Estado por meio das empresas colonizadoras acirrou conflitos com os habitantes da região, os então ocupantes das terras, índios e caboclos¹¹, que não eram donos da mesma, viviam de modo rudimentar e extraíam dela seu alimento. Segundo Testa (1996), a região era ocupada, em sua maioria, por índios e caboclos, que não tiveram reconhecida a propriedade da terra e que praticavam uma agricultura pouco integrada com a economia nacional. Para Paim (2006, p. 126):

Os colonos que compravam as terras no Oeste Catarinense queriam que elas estivessem limpas, ou seja, sem moradores. Para a limpeza da terra os caboclos e os poucos indígenas que ainda viviam foram expulsos de suas terras, pois eram considerados improdutivos. Esses povos, ou foram sendo empurrados para áreas distantes nas matas, ou foram para as cidades, quando não foram literalmente eliminados.

Assim como afirma Paim na citação acima, Hass (2001, p. 63) complementa quanto à questão dos direitos dos posseiros que não foram respeitados:

As concessões de terras, no entanto, foram feitas sem levar em conta direitos dos posseiros. O Estado não se preocupava com eles, pois sua produção era insignificante e não contribuía com impostos. De antigos ocupantes da região passaram a intrusos, já que não se encaixavam com o novo sistema que se instalava. Por muitas vezes também fez-se o uso da violência para resolver questões de terras, uma vez que a região foi disputada por indígenas, caboclos e brancos.

<http://www.ameosc.org.br/conteudo/?item=3111&fa=3110>, acesso em 11 de janeiro de 2011). Os Censos Agropecuários de 1960 e 1995/1996 nos fornecem dados para comparações: 1960 – Região Oeste Catarinense possuía 49.771 propriedades rurais, onde a média do tamanho da propriedade era de 95,32ha.; 1995/1996 – a região possuía 88.279 propriedades rurais e o tamanho médio por propriedade era de 24,51ha. Percebe-se que houve um grande parcelamento do solo rural.

¹¹ Caboclo é a denominação pejorativa dada aos luso-brasileiros pelos descendentes de origem europeia. Esse grupo autodenomina-se de "brasileiros" (RENK, 2000).

Com isso, foi imposto aos mesmos que ou comprassem a terra onde viviam, ou então procurassem outro lugar para viver, já que a terra então tinha dono – as colonizadoras. Não tendo condições para a efetiva compra de um pedaço de terra, muitos deles migraram para outras regiões e até outros estados. Os que resistiram foram utilizados como mão de obra pelas colonizadoras, como escreve Viebrantz (2009, p. 18): “os índios e caboclos que viviam nessas terras, foram explorados para abrir estradas e depois expulsos, não tinha escritura de suas terras e tampouco condições financeiras para adquiri-las”. Para Renk (1995), a desestruturação dos modos de vida desses posseiros resultou numa “crise de desenraizamento”, pois os mesmos, acostumados com o lugar e organizados naquele espaço, são colocados como intrusos e excluídos do processo colonizador. Segundo Rover (2003, p. 279), “este é o momento em que a empresa colonizadora chega às terras ocupadas por posseiros e afeta seu modo de vida. A colonizadora é tratada como um divisor de tempos e do mundo dos ex-posseiros”.

Nessa perspectiva, Hass (2000, p. 64) destaca que “retalhando as enormes propriedades existentes na área, a empresa Colonizadora Bertaso forçou a estrutura minifundiária que caracteriza a região, alterando as relações socioeconômicas e políticas vigentes”.

Ao mesmo tempo em que as empresas colonizadoras não levaram em consideração os que habitavam aquele território, sendo na maioria das vezes hostis com os mesmos, elas também tiveram um papel fundamental na ocupação e colonização daquela região; do contrário, talvez a mesma ficasse à margem do desenvolvimento por mais algumas décadas.

Outro ponto a ser destacado nesse processo inicial de colonização foi o interesse de colonos gaúchos na ocupação desse território. As antigas colônias gaúchas já enfrentavam um grave problema de falta de terras, e as famílias que na época eram numerosas, muitas vezes formadas por até 15, 16 membros, já não encontravam mais terra para seus filhos quando estes constituíam família. Uma possibilidade encontrada foi a migração dos mesmos para terras catarinenses, iniciando, assim, a expansão da fronteira agrícola. A partir disso, grande contingente de agricultores gaúchos se deslocaram para a

região, adquiriam pequenas propriedades e constituíam famílias. Segundo Rosseto (1995, p. 12):

A colonização se processa principalmente em consequência da expansão da área colonial procedente do Rio Grande do Sul. A frente de expansão agrícola, instalada no noroeste do Rio Grande, foi intensificando seu avanço para o interior de Santa Catarina, composta, em regra, por descendentes de imigrantes, particularmente de italianos.

Podemos destacar, assim, os interesses aí postos: o do Estado em ocupar definitivamente a região, o das colonizadoras em lucrar com a venda das terras, já que as receberam em forma de concessão, e o dos agricultores gaúchos, pois estes já não encontravam mais meios e terras suficientes para a organização familiar, como confirma Mello (2009, p. 51) em seu estudo sobre a organização da agricultura familiar no Oeste Catarinense:

Na colonização do Oeste de Santa Catarina conjugaram-se os interesses das companhias colonizadoras, do Estado e dos colonos. Àquelas interessava vender a terra; ao Estado, ocupar a área; enquanto para os colonos era uma oportunidade de acesso a terra para assegurar-las aos seus filhos.

Dessa forma, a região que era coberta por mata nativa foi dando espaço à produção agrícola. No começo, já no período da colonização, a exploração era baseada na agricultura de subsistência, sendo o milho um dos principais produtos que servia de alimento para os animais domésticos, tais como aves, suínos e bois. Mas, antes mesmo dessas relações econômicas baseadas na produção agrícola, a região passou por outros períodos nos quais eram outros produtos os responsáveis pelo movimento econômico da região, que foram caracterizados por alguns pesquisadores como ciclos econômicos, como trataremos a seguir.

1.1.3 Ciclos econômicos regionais

Antes do processo de colonização iniciado na década de 1920, o espaço regional do Oeste Catarinense participava de maneira marginal nos

circuitos produtivos do centro do país¹². Com efeito, a região servia de rota – descaminho¹³ – para a passagem das tropas de gado oriundas do Rio Grande do Sul e que eram comercializadas na Feira de Sorocaba, interior do estado de São Paulo, e serviam para o abastecimento da região da exploração aurífera em Minas Gerais.

Alguns autores chamaram este período de ciclo econômico da pecuária, que iniciou em meados do século XVII. Segundo Bavaresco (2005), o ciclo da pecuária foi importante na ocupação da área, ao contribuir para o surgimento de povoações e novas rotas de deslocamento de tropas com destino a São Paulo. No começo, o gado era tropeado pela região de Lages, na serra catarinense, mas logo após o início do tropeamento, o governo instalou em Lages e em outras regiões do estado postos de recolhimento de impostos sobre os produtos que circulavam dentro e fora do estado. Na região Oeste não havia ainda nenhum posto fiscal, formando-se assim um descaminho para fugir da tributação sobre o gado. Uma das principais vilas criadas na região nesse período foi Campo Erê, que ligava Palmas, no Paraná, com Corrientes, na Argentina. Outro povoado que podemos destacar é a sede do atual município de Descanso, que recebeu esse nome por ter sido um local de descanso das tropas. Segundo Bavaresco (2005, p. 51),

O ciclo da pecuária foi importante na ocupação da área, ao contribuir para o surgimento de povoações e novas rotas de deslocamento de tropas com destino a São Paulo. Porém, o desenvolvimento verificado nesse período resume-se em pequenos povoados [...].

Podemos observar que, mesmo tendo a região tido um momento em que a pecuária, de uma forma ou de outra, teve uma importância econômica, esta não perdurou no período seguinte. Encontramos nos municípios onde existe inspeção estadual, pequenos frigoríficos que abatem o gado para o abastecimento dos açougues.

¹² Sobre isso, ver em Bavaresco (2003 e 2005).

¹³ Entrada ou saída de produtos sem passar pelos trâmites devidos. Ver mais em Ferrari 2005, 2007.

Outro ciclo econômico registrado na região foi o ciclo da erva-mate¹⁴, entre o século XIX e começo do século XX. Segundo Ferrari (2003, p. 453):

O ciclo econômico da erva-mate teve grande importância na Região Sul do Brasil durante todo o século XIX, até aproximadamente 1930. O produto era altamente valorizado, tanto no sul do Brasil, como na Argentina, Uruguai e Paraguai, por substituir o café, na forma de infusão (chá) e, sobretudo, como chimarrão, muito consumido entre os tropeiros e estancieiros brasileiros, uruguaios, paraguaios e argentinos.

Como a região era praticamente despovoada na época, a não ser por alguns índios e caboclos que moravam nela, o território era coberto por mata nativa fechada, com uma riqueza em madeiras nobres como pinho, cedro e louro, e também com grandes manchas de ervais, dos quais era retirada e produzida a erva-mate. Quem retirava a erva-mate das matas da região nesse período, eram os caboclos. Esta era considerada uma atividade nômade, pois entre uma poda e outra, se tinha um período de renovação da planta, que requeria em torno de três anos. Entre uma coleta e outra, o caboclo migrava para outro lugar para poder fazer a extração da erva-mate.

A erva-mate era comercializada com o Paraná, Rio Grande do Sul e com a Argentina, grande compradora da erva-mate catarinense. Segundo Bavaresco (2005), era para a Argentina que se conduziam pequenas tropas de gado e mulas para comercializar a erva-mate em troca de gêneros de primeira necessidade. E complementa, ainda que, muitas vezes, a erva era retirada em terrenos devolutos por estrangeiros sem vínculo com o estado, não proporcionando nenhum benefício para Santa Catarina.

A produção e comercialização da erva-mate ainda se registraram nas décadas seguintes e mesmo hoje, na região principalmente do Distrito de Marechal Bormann, interior do município de Chapecó, essa atividade econômica é encontrada, sendo muitas vezes uma das únicas fontes de renda das famílias. Essa erva-mate é industrializada no município mesmo, onde se registram duas ervateiras, que comercializam as marcas Cavalo Branco e Chiru e ainda, segundo dados do IBGE¹⁵, no ano de 2009 foram produzidas em Chapecó em torno de 600 toneladas de erva-mate cancheada. Segundo uma

¹⁴ Ver mais em Renk (2006).

¹⁵ Dados IBGE Cidades.

publicação do IBGE (1968, p. 141), que analisou a Geografia do Brasil na Região Sul, no oeste de Santa Catarina:

A extração da erva-mate é uma atividade complementar do colono, que sempre lhe dá lucros, em vista do pouco cuidado que a produção requer, salvo, na época da colheita. Os municípios de maior produção dessa área são: Joaçaba, Concórdia e Chapecó.

A partir da colonização da região, dá-se início a um terceiro ciclo econômico, o da madeira, do início do século XIX até meados de 1960. Como mencionado anteriormente, o governo estadual concedeu as terras da região a empresas colonizadoras que, em troca, deveriam proporcionar a ocupação da área e construir estradas para transporte e deslocamento. Com isso, esperava promover o desenvolvimento da região e integrar a mesma ao restante do estado. Segundo Alba (2002, p. 19):

Para uma região tão carente de todas as inovações tecnológicas, na época, as estradas eram as maiores e as mais importantes inovações que os colonizadores poderiam produzir, e era através delas que seria escoada a produção procedente do trabalho realizado, e que também seria permitida a circulação de novos colonos compradores da terra, que se transformou em mercadoria, gerando renda aos desbravadores.

Essas colonizadoras, antes de venderem as terras aos colonos, extraíam a madeira nobre; por isso, destaque das madeireiras¹⁶ na região naquele período. Segundo Bavaresco (2005, p. 81):

As colonizadoras, muito menos que os governantes, não estavam preocupados em estabelecer um modelo de colonização. O importante era atrair compradores para as terras e explorar a riqueza em madeira existente.

Além do pagamento das terras feito pelos colonos, esses se comprometiam em “limpar” as áreas por eles ocupadas. Primeiramente era feita a derrubada da mata, utilizando-se a madeira para a construção das casas, galpões, paióis, estábulos e a infraestrutura necessária nas propriedades; o restante era vendido para as madeireiras que começaram a

¹⁶ Trataremos sobre a questão da importância das madeireiras para a constituição da cidade de Chapecó no capítulo 2.

surgir e se instalar na região. Os que não cumpriam com essas imposições feitas pelas colonizadoras, muitas vezes perdiam os direitos sobre a colônia¹⁷.

A madeira mais nobre era levada até o rio Uruguai, onde eram feitas balsas e, em períodos de cheias, essa madeira era transportada pelo rio até a Argentina ou Uruguai e lá era comercializada. Em troca da madeira, os comerciantes adquiriam sal, armas, bebidas e vestuários, entre outros itens de primeira necessidade. Ou então era transformada em tábuas, ripas ou vigotes, que após eram enviados para os centros urbanos, abastecendo as fábricas de laminados, esquadrias, caixas, etc. (IBGE, 1968).

Na região, as principais ocupações florestais eram de madeiras de grande valor econômico, como o pinheiro-brasileiro, a grápia, a imbuia, o cedro, a canafístula, o louro-pardo e a guajuvira. Segundo Bellani (1996), a exploração dessas matas e a indústria madeireira, tornaram-se os pilares da economia oestina na época.

Segundo Bavaresco (2005), o aumento do número de madeireiras a partir de 1950¹⁸ e o crescimento populacional verificado no período contribuíram significativamente para a melhoria da infraestrutura. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros apresentou que, em 1955, a cidade de Chapecó possuía 14 estabelecimentos que se dedicavam à extração e ao beneficiamento da madeira.

Após o ciclo da madeira, quando consolidada a ocupação das terras pelas empresas de colonização, surgiu o ciclo agroindustrial, que ainda hoje é um dos principais propulsores econômicos da região. Com a colonização e a abertura de terras para o cultivo de cereais, desenvolve-se num primeiro momento uma agricultura de subsistência; logo esta gera algum excedente que servia para troca e venda.

¹⁷ Uma notícia publicada em um periódico e distribuído pela Igreja Católica trazia a seguinte notícia: “Atenção! Compradores de terras de “Porto Novo” (hoje cidade de Itapiranga, um dos primeiros municípios a ser desmembrado de Chapecó). Todo um grupo de compradores de lotes de nossa colônia que fizeram suas compras a dois anos, não estão cumprindo suas cláusulas contratuais de desmatar a floresta, construir e morar em suas terras. Para o interesse do desenvolvimento de nossa colonização, o não cumprimento desses termos contratuais até a primavera, isto é, até final de setembro, perde seus direitos da colônia comprada e a terra estará a disposição da administração da colônia”. (HANN, 2005, p. 33)

¹⁸ No ano de 1954, a região Oeste Catarinense possuía um total de 73 madeireiras ou beneficiadoras de madeira (PELUSO JÚNIOR, 1991).

Devido ao excedente de produção e à precariedade dos transportes para escoar a produção, uma das alternativas encontradas pelos agricultores foi criarem primeiramente suínos para vendê-los aos comerciantes locais que serviam de intermediários entre os produtores e os consumidores dos maiores centros. Alba (2002, p. 31) em seu livro comenta da importância desses comerciantes:

A figura do intermediário comerciante é de destaque, pois era aquele que comprava os excedentes agrícolas e vendia os gêneros de primeira necessidade (erva-mate, tecidos, linhas para costura, açúcar, etc.)

Viebrantz (2009, p. 32) complementa, afirmando que:

A produção agrícola, embora visasse venda ao mercado para pagamento de dívidas ou aquisição de bens, tinha como base a produção para o autoconsumo. Dependia-se do comércio com ingredientes como o sal, querosene, tecido e despesas médicas.

Eram assim comerciantes que desenvolviam a troca de excedentes agrícolas e gêneros de primeira necessidade, estabelecendo uma rede entre produtores e os centros maiores do país; ou eram comerciantes ligados ao comércio extrativista, através da venda da erva-mate ou da madeira, que era feito com o resto do Brasil e também com a Argentina; ou ainda os colonizadores que enriqueceram vendendo as terras aos colonos do Rio Grande do Sul.

Nesse processo começam a formar-se as primeiras agroindústrias na região Oeste Catarinense. Sabe-se que em São Paulo as agroindústrias já estavam inseridas no contexto industrial e econômico desde a década de 1920. Segundo o estudo do IBGE (1968, p. 141):

A grande produção obtida pelo somatório da produção, em pequena escala, praticada em cada uma das propriedades coloniais, incentivou a instalação de frigoríficos nos principais centros urbanos. [...] A presença desses frigoríficos estimulou a melhoria na produção, evoluindo os processos de criação com fins de atender à demanda dos estabelecimentos industriais.

As agroindústrias que começam a se instalar na região a princípio distam uma da outra e intensificam suas relações comerciais e econômicas no âmbito local. Mas a partir da necessidade do mercado, elas acabam se

sobrepondo, ou seja, aumentando sua área de abrangência e muitas vezes atraindo produtores das outras agroindústrias. Pimenta (1984) aponta que, até meados da década de 1970, as empresas frigoríficas encontravam-se relativamente dispersas na região e possuíam grande influência na área circundante, tendo a relação intensificada na razão direta da proximidade. Comenta ainda sobre a concentração de capital que acaba reunindo empresas existentes, ou seja, as empresas maiores acabam incorporando as menores, e podemos afirmar com isso que acabam se formando oligopólios no setor agroindustrial¹⁹.

Assim, na metade da década de 1930, no Vale do Rio do Peixe, no atual município de Videira, nasce um pequeno comércio de secos e molhados que mais tarde se transformaria numa das maiores agroindústrias do país, a Perdigão Agroindustrial S.A. Na década de 1940, na cidade de Concórdia, é fundada a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Concórdia, que mais tarde viria a se chamar Sadia (SA de Sociedade Anônima e DIA das últimas letras do nome Concórdia). Essas duas empresas, atualmente, encontram-se em processo de fusão e juntas formarão um dos maiores grupos mundiais do ramo alimentício a BRF – Brasil Foods S.A.

A partir daí, começam a surgir outras agroindústrias na região Oeste Catarinense, como a S.A. Indústria e Comércio Chapecó (SAIC) – que mais tarde passou a se chamar Chapecó Alimentos – em Chapecó; Frigorífico Seara, em Seara; S.A. Frigorífico Itapiranga, em Itapiranga; S.A. Indústria e Comércio – UNIFRICO, em Salto Veloso; Indústrias Reunidas Ouro S.A., no município de Ouro; a Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora, em Chapecó; e o Frigorífico São Carlos, em São Carlos.

O setor agropecuário, com o nascimento de tantas agroindústrias na região, teve influência direta na consolidação do complexo agroindustrial que aqui se instalou, tendo reflexos nacional e internacionalmente. Para Lins (2003, p. 506), “a produção de alimentos aparece como marca registrada do “grande

¹⁹ A Perdigão e Aurora, principalmente, adquiriram frigoríficos menores já instalados, ou ainda, incorporando outros, tais como: a União Velosense de Frigorífico – UNIFRICO S.A., de Salto Veloso (SC), a Agropecuária Confiança Ltda e a Comércio e Indústria Saulle Pagnocelli S.A., ambas de Herval D'Oeste (SC), adquiridos pela Perdigão, o Frigorífico São Miguel, Frigorífico Marafom e a Chapecó Alimentos pela Aurora, entre outros.

oeste”, onde a agroindústria de suínos e aves enraizou-se e passou a garantir densos vínculos comerciais com muitos países”. A região Oeste Catarinense começou a ser reconhecida no setor agropecuário e considerada o Celeiro do Brasil, como mostra a figura 2 abaixo:

Figura 2: Propaganda na mídia impressa destacando o Oeste Catarinense (julho de 1965)



Fonte: Imagem extraída do Jornal Folha do Oeste – Arquivos CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) – Unochapecó

Um dos fatores para o surgimento de tantas agroindústrias, além da necessidade de industrializar o excedente, eram os incentivos dados pelo Estado²⁰, através dos entes federais e estaduais para as empresas investirem no setor, como também para os agricultores, através de financiamentos e orientações técnicas. Segundo Testa (1996), a política de incentivos dada nos anos 1970 foi captada de forma diferencial pelos agentes agroindustriais, e estes, com os incentivos obtidos, investiam na modernização de suas plantas e mesmo na construção de novas unidades, nos ramos de suínos, aves e soja. Segundo Alba (2002, p. 46):

Os créditos, ou eram direcionados para a reestruturação produtiva das empresas, ou eram direcionados aos agricultores, que de qualquer forma iriam ser revertidos em resultados positivos na produtividade e na qualidade da produção, beneficiando, assim, diretamente o capital agroindustrial.

²⁰ Abordaremos mais sobre a importância do Estado na estruturação e consolidação do urbano de Chapecó no Capítulo 2.

Espíndola (1999) afirma que houve um estímulo em nível nacional para a instalação de frigoríficos na região Oeste Catarinense. E o mesmo autor considera que o Estado participou como agente direto e indireto na consolidação dos grupos agroindustriais. Sobre isso, Alba (2002) comenta que o Estado, através de suas instituições, foi elemento importante e fundamental na reprodução do espaço, já que possibilitou a própria reproduzibilidade das coisas “comuns” e necessárias ao capitalismo, ou podemos ainda dizer que o Estado foi e é um instrumento da expansão do capital.

As agroindústrias da região se modernizaram tecnologicamente tanto na área de processo como nas fontes de matérias-primas, tornando-se altamente competitivas, inclusive, internacionalmente. Elas possuem em toda a sua linha de produção, desde o uso da genética para o fornecimento dos pintos de um dia e dos suínos, passando pela modernização das propriedades rurais, pela orientação técnica até o processamento do produto final, alta tecnologia, fazendo com que aumente a produção e também a comercialização do produto. Aliado a tudo isso, está a circulação de seus produtos, que são vendidos tanto no mercado interno como externo. A Sadia e a Aurora, duas grandes agroindústrias instaladas em Chapecó, exportam seus produtos para mais de 100 países.

Essas modernizações no processo produtivo vêm ocorrendo há algumas décadas, tendo consequências diretas no espaço em que estão inseridas, ou seja, no local e muitas vezes extrapolando esses limites. Segundo Elias (2006, p. 284):

O novo modelo de crescimento agropecuário baseia-se na incorporação da ciência, da tecnologia e da informação como principais forças produtivas, visando a aumentar e a melhorar a produção e a produtividade, culminando em memoráveis transformações econômicas e, portanto, socioespaciais.

Com sua organização, as agroindústrias começam a implantar formas de produção tanto nas suas plantas industriais, como também com os produtores fornecedores das matérias-primas. Na década de 1950, a Sadia²¹

²¹ Sobre isso, ver mais em Espíndola, 1999.

moderniza essa relação com a implantação do modelo de integração vertical, ou seja, a agroindústria adota o sistema, e os produtores ou acabam se inserindo no mesmo, ou então são excluídos do processo. A exclusão de muitos desses produtores rurais, que acabaram deixando o campo e indo morar na cidade e, muitas vezes, viraram mão de obra nessas agroindústrias, se evidenciou em Chapecó principalmente entre as décadas de 1960 e 1970, período em que a população da cidade teve um grande incremento.

Nesse modelo de integração, o criador é proprietário das instalações físicas do aviário e também responsável pela mão de obra dispensada para essa atividade. Em contrapartida, a empresa fornece os pintinhos de um dia, a ração, os medicamentos e toda a assistência técnica necessária. O criador entrega as aves na data estabelecida pela empresa e a remuneração dependerá dos resultados técnicos que o lote apresentará. Podemos destacar a forma em que as agroindústrias e os agricultores se articulam, nesse modelo de integração, onde se podem pontuar dois fatores principais que estão atrelados a isso: um refere-se ao uso e aplicação de grande tecnologia, e o outro, a necessidade de capital para os investimentos. Nesse modelo, os agricultores são meros atores do processo, pois continuam sendo os proprietários das terras e mão de obra, mas sua produção é definida pelas agroindústrias às quais são integrados, e são elas que ditam as regras da produção, desde quanto e como produzir. Os agricultores acabam perdendo a autonomia sobre a produção de sua propriedade.

Esse modelo acaba sendo adotado por todas as agroindústrias que se instalaram na região, pois com a expansão do capitalismo e a produção em escala, essas se adaptam às exigências do mercado mundial. Cada empresa tem no sistema de integração seu raio de ação, ou o seu campo. Esse novo modelo de integração acaba isolando ou até excluindo produtores que já estavam no ramo da criação de suínos ou aves há muitos anos. Segundo Skrzypczak (2004), ao mesmo tempo em que a integração é favorável para a agroindústria, resolvendo o problema da produção e o fornecimento da matéria-prima, exclui muitos produtores de toda a região Oeste Catarinense. E vai mais longe quando afirma que:

Cabe lembrar que a modernização nas pequenas propriedades rurais é responsável pela exclusão de muitos produtores das atividades de integração, principalmente aqueles que não têm acesso ao financiamento, obrigando-os a abandonar a atividade e a migrarem para as cidades. (SKRZYPCZAK, 2004 p. 53)

Mior (2005, p. 78), em sua análise sobre o sistema de integração, assegura que “este modelo seria responsável tanto pelo sucesso econômico regional como pelos crescentes problemas socioeconômicos e ambientais ressaltados pela crise vivenciada nos anos 1990”.

Numa outra perspectiva, esse sistema gera mudanças profundas nas propriedades rurais. Para os que conseguem crédito com bancos para modernizarem a propriedade, conseguem fazê-lo sem grandes problemas, mas para a grande maioria, ou gera crise ou ainda a exclusão da agricultura familiar. As agroindústrias chegam a formar cartel, pois não aceitam integrar agricultores excluídos de outra agroindústria. Pimenta (1984, p. 119-120) afirma que entre as agroindústrias:

Existe um acordo não formalizado, mas explícito, que determina que o integrado que se desligue de um contrato de exclusividade com determinado frigorífico, não seja aceito por nenhum outro. Tal fato coloca a opção de integração com determinada empresa como a única possibilidade para o camponês ou sua total desvinculação da produção regional.

Mior (2005) acredita que, associado ao processo de exclusão da integração agroindustrial, está havendo também o êxodo rural, que contribui com a urbanização²² regional e favorece o surgimento e a ampliação do mercado para produtos coloniais. Alba (1998) reforça que as famílias agricultoras, que não conseguiram adaptar a produção às exigências dessas empresas, acabaram engrossando as periferias das cidades, com o aumento de bairros pobres. Skrzypczak (2004) faz uma analogia onde, ao mesmo tempo em que aumenta a produtividade em uma propriedade, excluem-se outras tantas. Para Pertile (2008, p. 183):

O desenvolvimento das atividades agroindustriais no estado foi fortalecido durante o processo de industrialização nacional. Nesse processo, de um lado, parte da pequena produção familiar conseguiu integrar-se às agroindústrias e garantir a comercialização dos produtos. De outro, aqueles que não conseguiram acompanhar o

²² Podemos observar essa evolução da urbanização no Quadro 1 deste capítulo.

processo de modernização da agricultura, mas que sofreram suas consequências, transformaram-se nos mais pobres do campo. [...] Com isso, foram conduzidos a buscar diferentes formas de assalariamento nas maiores cidades da região.

Cabe aqui salientar que esse sistema não foi desenvolvido pelas agroindústrias da região para excluir ou incluir um ou outro produtor, mas sim para atender às exigências do mercado mundial. Alba (2002) justifica muito bem a afirmativa acima, quando diz que “[...] a partir dos anos 1980, principalmente, as agroindústrias têm passado por um processo de reestruturação, obrigando as empresas a se adaptarem à chamada economia mundializada”. Bavaresco (2005) complementa ainda afirmando que isso é fruto das exigências do mercado mundial, estas empresas, para se manterem na concorrência, modernizam-se, voltando-se para a qualidade da produção.

As agroindústrias, com as constantes modernizações no sistema de integração, cada vez mais exigem a elevação da produtividade por unidade familiar, concentrando assim a produtividade em um número reduzido de agricultores, restringindo a entrada de novos produtores. Espíndola (1999) percebe que o processo de aumento da produtividade foi conseguido mediante a taylorização constante dos operários. Aqui, de certa forma, os produtores acabam sendo operários das agroindústrias.

A partir disso, Pertile (2008, p. 179) resume bem esse processo de modernização e de afirmação dessas agroindústrias na região:

Para as agroindústrias do Oeste de Santa Catarina conseguirem exercer sua territorialidade, elas dispõem de uma gama variada de objetos técnicos distribuídos pelo espaço, de forma a atender as intencionalidades e objetivos para as quais tais objetivos foram criados.

Pode-se assim dizer que é do comércio incipiente presente no final da década de 1930 que surgem os grandes oligopólios regionais que comandaram e que ainda comandam boa parte da economia regional, mas principalmente, das cidades onde estão instaladas. A cidade de Chapecó se estruturou e se afirmou enquanto polo agroindustrial, a partir da instalação das mesmas na cidade, como também de todos os serviços agregados a elas e que melhor serão explicitados no capítulo 2.

Nos anos de 1990, as agroindústrias catarinenses foram se expandindo para a região centro-oeste do Brasil, principalmente a Perdigão e a Sadia. Mior (2005) aborda essa questão, mas frisa que ao mesmo tempo em que se expandem para outras regiões, elas também investiram alto em suas plantas agroindustriais da região Oeste Catarinense. Segundo o mesmo autor, “[...] modernizaram suas unidades visando adequá-las à exportação de produtos de maior valor agregado para novos mercados, como o da Europa” (MIOR, 2005, p.103). Com isso a reestruturação da produção agroindustrial observada principalmente a partir dos anos 1980, sugere mudanças técnicas e organizacionais promovidas a partir desses grandes grupos agroindustriais.

Com base nas análises feitas acima, observa-se que a região Oeste Catarinense se desenvolveu em alguns ciclos econômicos ou de desenvolvimento, caracterizados em ciclo do extrativismo (erva-mate e madeira), ciclo da colonização com implantação da pequena propriedade agrícola com produção de excedentes e o ciclo das agroindústrias. Esses ciclos econômicos foram importantes para o desenvolvimento da região. Testa (1996) afirma que estes ciclos demarcaram a inserção, mesmo que tardia, da região no processo global de constituição do mercado nacional, característico do desenvolvimento econômico de caráter urbano-industrial do Brasil.

Foram ciclos econômicos que contribuíram com o acúmulo da riqueza para a implantação e o desenvolvimento do atual quadro que tem no comando, principalmente, as agroindústrias. Podemos afirmar que a formação socioespacial da região Oeste Catarinense foi estruturada a partir desses ciclos econômicos. Destacamos que, ao longo da história da formação econômica da região, a estrutura fundiária não teve grandes alterações, mas a região passou de uma agricultura de policulturas de subsistência para uma produção em maior escala, ou seja, uma produção comercial combinada de suínos, aves e milho. Essa produção comercial está diretamente atrelada ao surgimento e fortalecimento das agroindústrias que se constituíram a partir de uma demanda incipiente criada nesse contexto local e regional e que foram se adaptando as novas necessidades do mercado, se valendo do potencial criado e hoje estão inseridas num circuito econômico mundial, pois formam um dos maiores polos agroindustriais da América Latina. Estão localizadas aí grandes empresas, que

marcaram e marcam presença através de seus produtos, em todo o território nacional e em vários países dos continentes americano, asiático e europeu.

Hoje a região, analisada sob o ponto de vista econômico, é uma das regiões mais dinâmicas na economia brasileira; isso se deve diretamente ao desenvolvimento centrado nas agroindústrias e empresas a elas vinculadas direta e indiretamente.

1.2 O município de Chapecó

1.2.1 Criação do município

Nesse contexto regional apresentado acima, insere-se o município de Chapecó²³ (Mapa 1), oficializado através da Lei nº 1.147 do dia 25 de agosto de 1917. Juntamente com Chapecó, nesta mesma lei foram criados outros três municípios na região Oeste Catarinense: Mafra, Porto União e Cruzeiro, hoje Joaçaba. Segundo Alba (2002, p. 17-18), “o território de Chapecó ficou, então, com uma área de aproximadamente 14.000 Km², sendo hoje a maior parte das terras pertencente ao atual oeste de Santa Catarina”. A área oficial do então novo município criado era de 14.793²⁴ quilômetros quadrados.

²³ “A criação do Município de Chapecó em 25 de agosto de 1917, representou para a região oestina: a) a definição da região como parte integrante no contexto catarinense – nova unidade político-administrativa, b) necessidade urgente de uma ação de colonização para a região, por parte das autoridades constituídas quer a nível local e estadual, c) transferência da colonização para a iniciativa particular. Assim a colonização da região inicia-se com as primeiras manifestações no sentido da região receber ações e empreendimentos das Companhias de Colonização através da venda e ou doações de terras por parte do governo”. (Banco de Dados da Prefeitura Municipal de Chapecó, Julho de 2009, p. 24)

²⁴ Peluso Júnior (1991).

Mapa 1: Município de Chapecó em 1917



Elaborado por Tajjana da Silva

Mas antes mesmo da criação do município, Chapecó de certa forma era a sede do comando militar para proteção da fronteira²⁵, e a vila criada a partir da instalação dessa sede, mais tarde, seria o núcleo primaz do atual centro urbano de Chapecó. Em 1859 é estabelecida a Colônia Militar de Xanxerê, mas que somente em 1882 foi instalada definitivamente. A sede da Colônia por diversas vezes foi alterada, ora era na Vila de Xanxerê (hoje sede do município de Xanxerê) e ora era em Passo dos Índios (hoje Chapecó), e era administrada pelo Capitão José Bernardino Bormann. Segundo Parisotto e Fávero (2008, p. 11):

²⁵ O limite fronteiro com a Argentina, dista em torno de 150km de Chapecó, distância esta que hoje é considerada Faixa de Fronteira pelo governo.

Foi em 1882 que o diretor da Colônia Militar, o capitão José Bernardino Bormann, fixou a sede da Colônia ao lado do Rio Xanxerê, inicialmente com 40 famílias, e a dirigiu durante 17 anos. Estabeleceu escola para crianças e praças, uma escola de música, uma banda e um jornal (O Xanxerê), dando-lhes grande impulso e progresso [...].

Quando da criação do município em 1917²⁶, Chapecó se torna a sede do mesmo até 1919 quando a Vila Xanxerê passa novamente a ser sede do então município de Chapecó. Essa situação perdurou até abril de 1931, quando, definitivamente, a sede do município é fixada na atual cidade de Chapecó. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959, p. 74), “o nome de Chapecó foi dado pelo Decreto-Lei estadual nº 86, de 31 de março de 1938, que elevou a sede do município à categoria de cidade”. Esse vaivém da sede municipal obedecia aos jogos políticos da época para beneficiar políticos influentes da região, levando em consideração os partidos que estavam no poder no nível estadual. Em 13 de setembro de 1943, no governo de Getúlio Vargas, através do Decreto-Lei nº 5.812, foi criado o Território Federal do Iguaçu, que compreendia praticamente todo o Oeste Catarinense e o Oeste do Paraná. Com essa determinação do governo federal, a região deixou de pertencer ao estado de Santa Catarina, pois o Território era uma divisão político-administrativa independente dos estados. Este, como vários outros territórios criados no período, serviu para reforçar a defesa nacional no contexto da Segunda Guerra Mundial, já que se localiza em zona de fronteira. Em setembro de 1946, através da Constituição de 1946, foi extinto o então Território Federal do Iguaçu, e as terras voltaram a pertencer aos estados do Paraná e Santa Catarina. Na década de 1960, houve articulações na tentativa de criar o Estado do Iguaçu enquanto ente federativo, como podemos ver na reportagem abaixo (Figura 3), mas que não se efetivou.

²⁶ Sua sede, localizada na povoação de Passo Bormann e transferida, em 1919, para Xanxerê, voltou para Passo Bormann em 1923, e, novamente, para Xanxerê em 1929; finalmente, pelo Decreto-lei estadual nº 100, de 9/4/1931, foi fixada na povoação de Passo dos Índios, que, pelo Decreto estadual nº 86, de 31/2/1938, recebeu a denominação de Chapecó e os fóros da cidade. (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 286)

Figura 3: Notícia veiculada sobre a criação do Estado do Iguaçu



Fonte: Arquivos CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) – Unochapecó

1.2.2 Ocupação e formação do espaço urbano

Por vezes a história de Chapecó se confunde com a da região, e o contrário também é verdadeiro. Durante o período de colonização, principalmente em seus primeiros anos, eram as empresas colonizadoras as responsáveis pela fixação populacional no município, trazendo colonos do Rio Grande do Sul. Segundo o Perfil Socioeconômico de Chapecó (2010, p. 3):

A criação do município de Chapecó, em 1917, demandou a ação de colonização por parte das autoridades locais e estaduais. O governo catarinense participou com incentivos para a iniciativa empresarial colonizadora. [...] a empresa construiu estradas e estabeleceu nas terras milhares de colonos vindos das antigas colônias do Rio Grande do Sul, na maioria, imigrantes italianos e alemães.

A Colonizadora Bertaso, responsável pela ocupação e venda das terras, estabeleceu a sede da empresa na cidade de Chapecó. Segundo Hermes e Vilella (2005, p. 55): “[...] pelo fato da colonizadora necessitar instalar um mínimo de condições para que possa atrair um número maior de migrantes, começa a se conceber e formatar o núcleo urbano de forma mais organizada”, mesmo porque precisavam atender às necessidades e exigências dos imigrantes que aqui chegavam. Na fotografia 1, podemos observar a chegada

dos colonos na década de 1920. Segundo Lancini (2003, p.13-14), “em 1942 o núcleo urbano despontava em meio à vasta região de pinheiros e araucária nativos, fonte do recurso extrativista cobiçado e considerado ‘baluarte’ do enriquecimento regional”.

Fotografia 1 – Chegada dos colonos em Chapecó – Década de 1920



Fonte: Zolet Fotografias

Na década de 1940, o núcleo urbano não passava de uma pequena vila, a aglomeração de algumas dezenas de residências – como podemos observar na fotografia 2 – e a função urbana era restrita às necessidades imediatas da população, principalmente o comércio de produtos de primeira necessidade (ALBA, 2002). Até então, percebe-se que o urbano está subjugado diretamente ao rural, pois era esse rural que comandava as atividades econômicas da cidade.

Fotografia 2 – Vista parcial da cidade de Chapecó – Década de 1940



Fonte: Zolet Fotografias

Além de uma pequena concentração populacional no núcleo urbano de Chapecó, o município concentrava atividades econômicas, como a produção de origem vegetal (madeira e milho) e produção de origem animal (principalmente banha suína), que sobressaíam aos demais municípios da região. Isso podia ser medido através do volume de tributos arrecadados nas coletorias estaduais presentes na região²⁷. Aos poucos, a história da cidade de Chapecó e as variáveis dessa escala espacial vão apontando para uma concentração de atividades e funções por ela desempenhadas que a caracterizarão como um polo regional²⁸ atrativo.

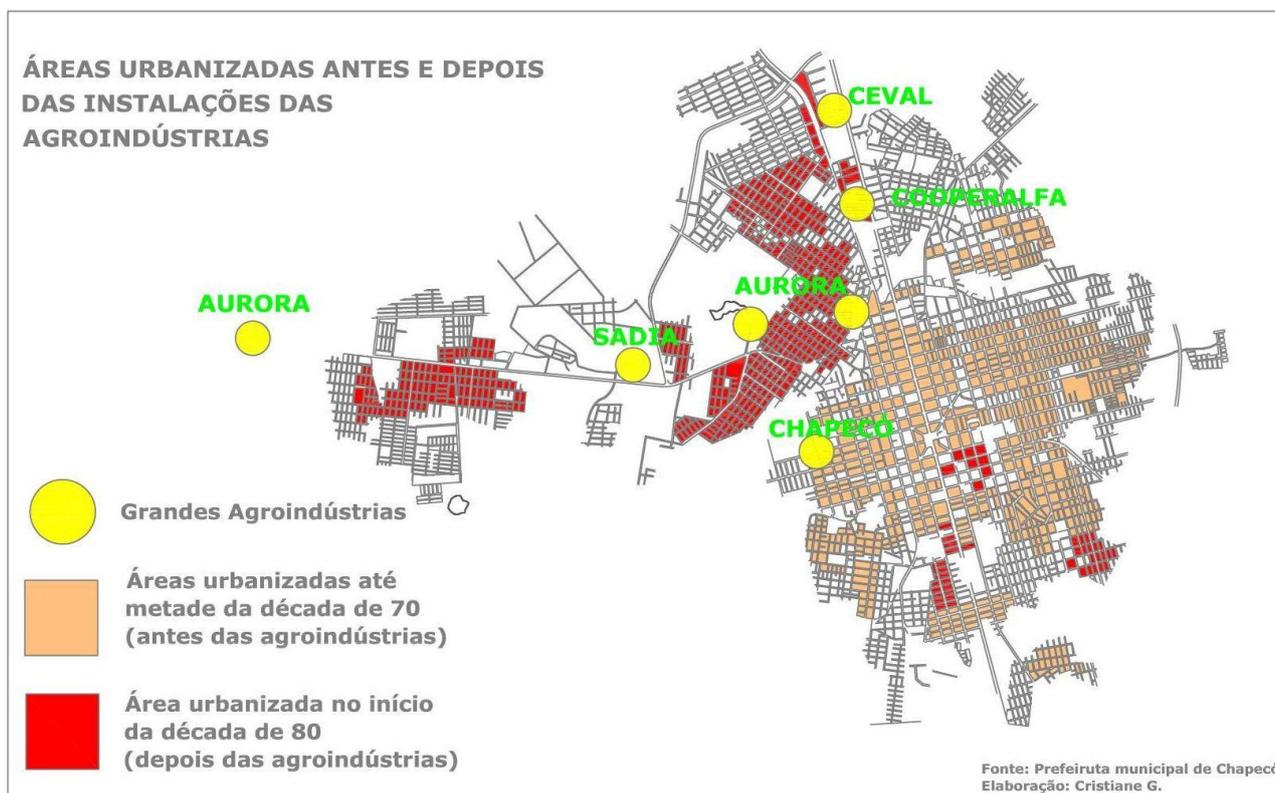
A produção agrícola nos primeiros anos de colonização era voltada para a subsistência, e o excedente, principalmente grãos, como soja e milho, eram destinados para os suínos que depois eram vendidos aos comerciantes locais para a obtenção da banha, comercializada principalmente em São Paulo. Com o crescente aumento da produção e com a dificuldade de escoamento da mesma, devido às péssimas rodovias, começam a surgir, a partir da década de

²⁷ As coletorias de Passarinhos (hoje Palmitos), Itá e Itapiranga arrecadaram juntas, tributos no valor de 496.576\$700, a de Xanxerê com arrecadação de 108.560\$000 enquanto a coletoria de Chapecó, totalizou 624.505\$900. (PELUSO JÚNIOR, 1991).

²⁸ Abordaremos mais sobre esse aspecto no Capítulo 2.

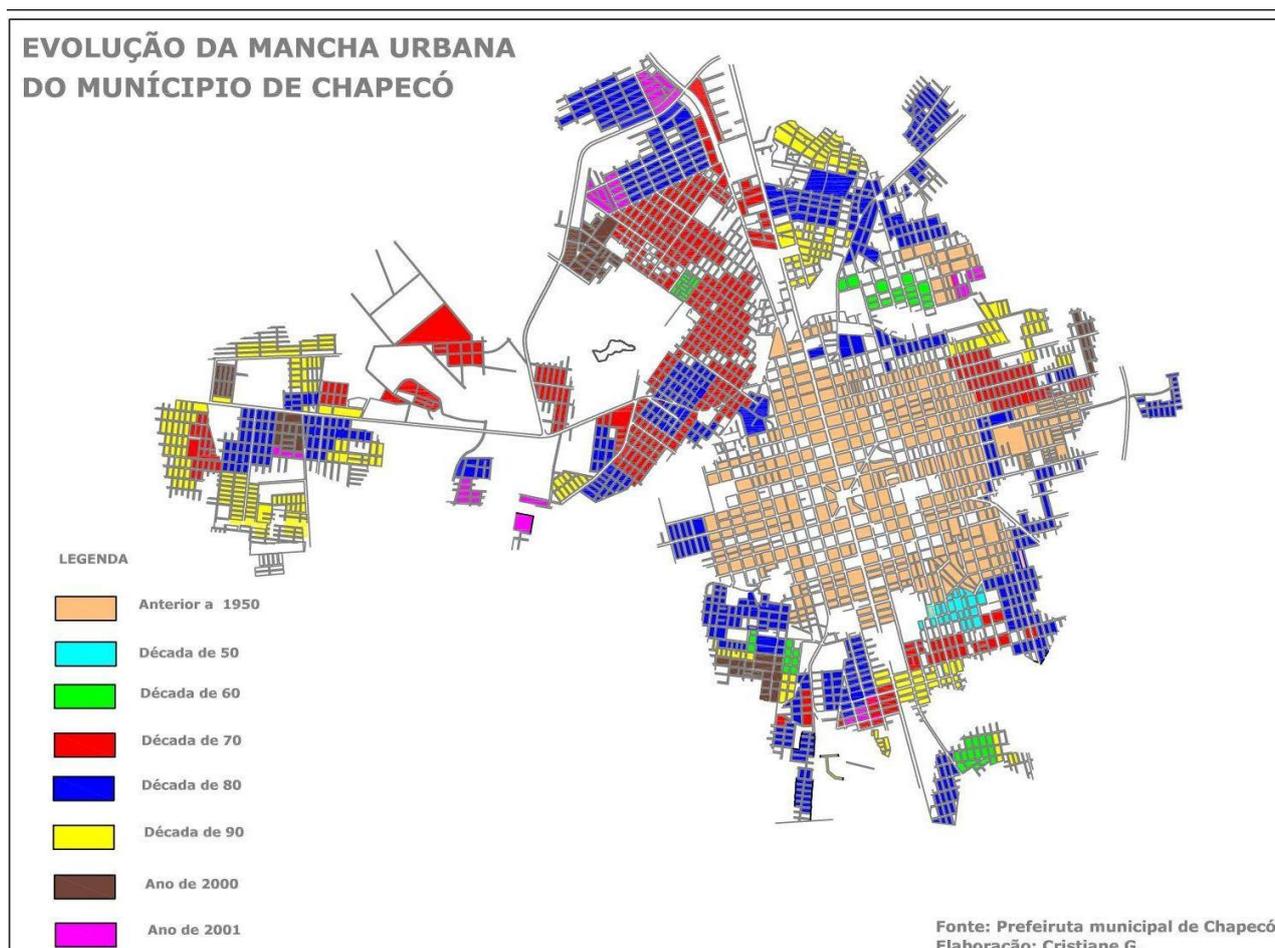
1940, como já comentado anteriormente, pequenas agroindústrias. Com a instalação dessas agroindústrias na cidade, principalmente a S.A. Indústria e Comércio Chapecó (Chapecó Alimentos) e mais tarde a Cooperativa Central Oeste Catarinense (Aurora), Ceval Alimentos S.A., Sadia Concórdia S.A. e Cooperativa Regional Alfa, ocorreu também um acelerado crescimento tanto do perímetro urbano, acarretando com isso, conforme Reche (2008), loteamentos descolados da malha urbana, principalmente próximos a essas agroindústrias e originando, conseqüentemente, bairros operários, como também um crescimento da população urbana, conforme podemos observar nas figura 4 e 5 abaixo e na tabela 1 sobre a evolução da população urbana:

Figura 4: Áreas urbanizadas antes e depois das instalações das agroindústrias



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó, 2000
Elaborado pela autora

Figura 5: Evolução da mancha de urbanização do perímetro urbano de Chapecó



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó, 2001.
Elaborado pela autora.

Tabela 1: Chapecó: Evolução da população urbana

ANO	POPULAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO	% EM RELAÇÃO AO TOTAL	POPULAÇÃO DA CIDADE DE CHAPECÓ
1940	4.128	9%	801
1950	9.756	10%	2.633
1960	16.668	32%	8.564
1970	20.275	41%	18.668
1980	55.269	66%	53.181
1991	96.751	79%	93.697
2000*	134.592	92%	-
2010	168.159	92%	165.255

Fonte: IBGE – Censos Demográficos Brasileiros de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

* Sem dados.
Organizado pela autora

Conforme a tabela acima, pode-se observar que de 1940, década em que se instala a primeira agroindústria em Chapecó, até começo da década de 1990, ocorre a inversão demográfica aliada principalmente à modernização da agricultura que excluiu um grande contingente populacional do meio rural e provoca o crescimento vertiginoso da população urbana. Precisamos nos reportar também ao fato de que entre essas décadas – 1940 a 1990 –, acontece a criação de novas agroindústrias e a expansão das mesmas.

Os primeiros agentes formadores do espaço urbano de Chapecó foram a Colonizadora Bertaso, as madeireiras que surgiram devido à grande oferta de madeira e, em meados do século XX, as agroindústrias. Com estas, outras atividades foram surgindo e acabaram tendo um papel importante na formação do espaço, principalmente as atividades ligadas às agroindústrias, como também ao setor de serviços. Esses agentes serão melhor caracterizados no capítulo 2.

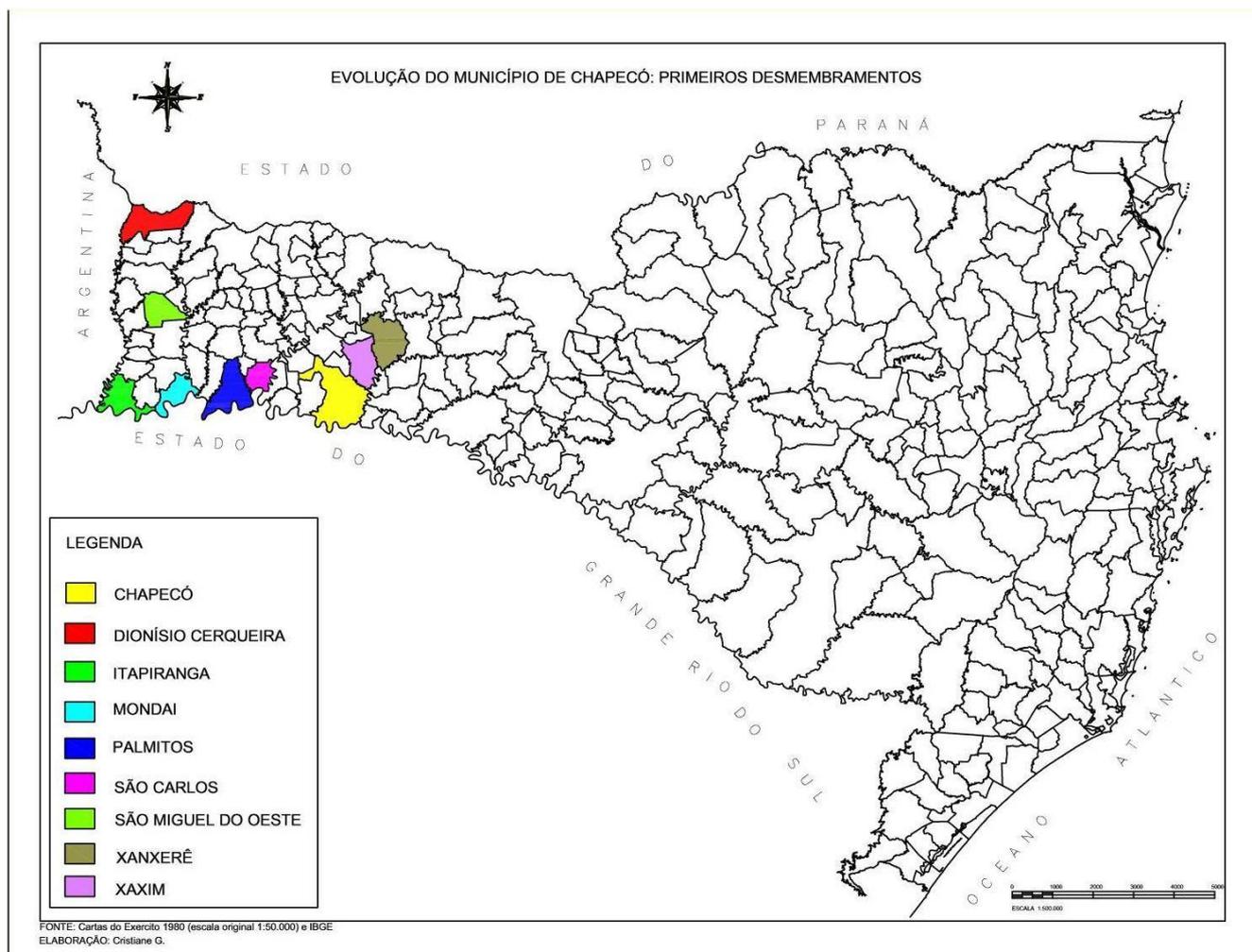
1.2.3 Emancipações e desmembramentos

Para podermos analisar a configuração regional neste trabalho, precisamos primeiro contextualizar o processo de constituição dos atuais municípios que formam a região Oeste Catarinense, caracterizada acima, pois são oriundos da fragmentação do município de Chapecó. Eles surgem a partir das dinâmicas próprias e com isso criam autonomia, desvinculando-se do município-sede.

Desde a sua criação em 1917 até meados da década de 1950, o município de Chapecó não teve perdas territoriais, ou seja, até 1953 manteve a mesma extensão territorial. Para formar a atual região Oeste Catarinense e, ainda, com o surto de emancipações que estava ocorrendo no estado de Santa Catarina nas décadas de 1950, 1960 e 1990, Chapecó perdeu parte de seu

território e, conseqüentemente, de sua população²⁹. Somente em 1953, houve a primeira fragmentação do território, através da Lei nº 133 de 30 de dezembro, quando foram criados oito novos municípios: São Miguel do Oeste, Itapiranga, Mondaí, Dionísio Cerqueira, Palmitos, São Carlos, Xaxim e Xanxerê, conforme apresenta o Mapa 2.

Mapa 2: Primeiros desmembramentos



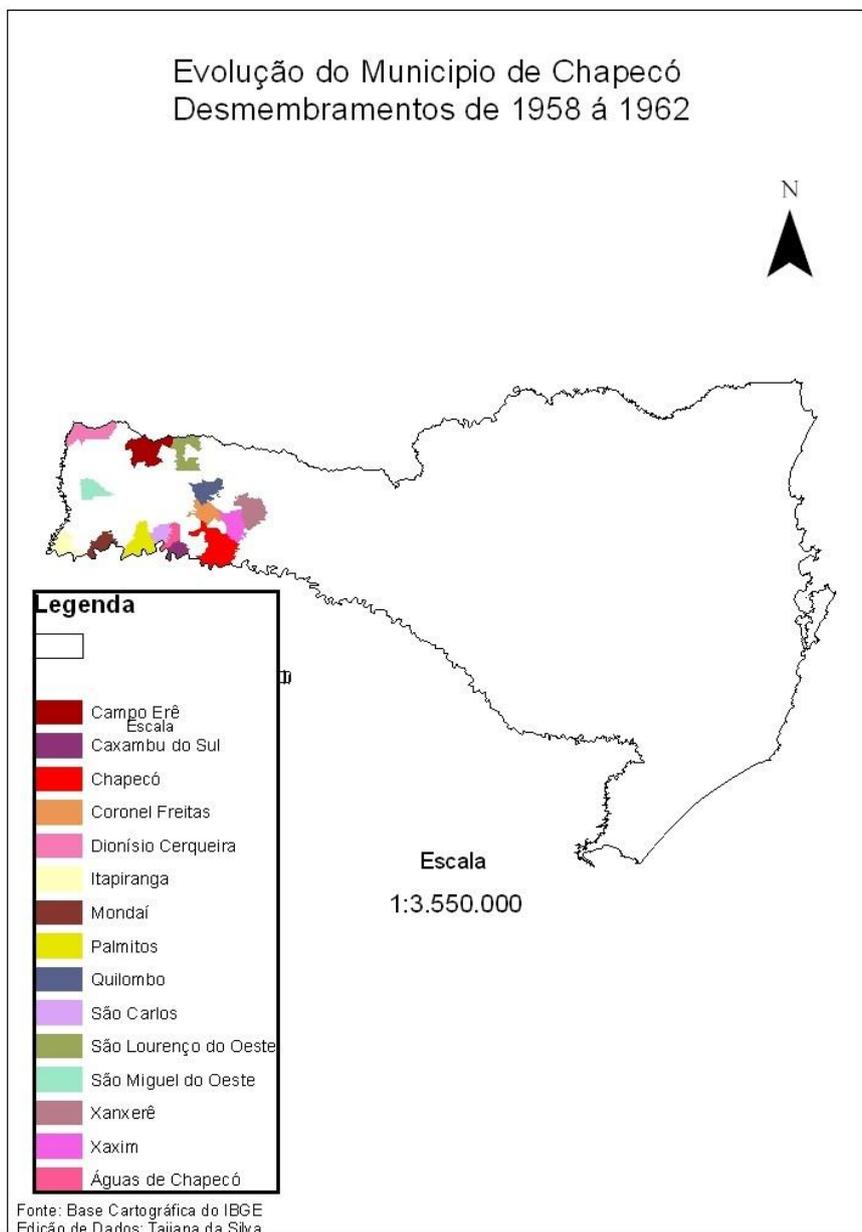
Elaborado pela autora.

Uma segunda etapa de desmembramentos ocorreu em 1958, através da Lei nº 348 datada de 21 de junho, pela qual foram criados os municípios de Campo Erê e São Lourenço do Oeste. Na década de 1960, mais quatro novos municípios foram criados a partir do “Município Mãe – Chapecó”: em 1961, pela

²⁹ Essa perda no contingente populacional pode-se destacar que só ocorreu no índice de população rural, como podemos observar na Tabela 4 – Chapecó: Evolução demográfica do município do capítulo 2.

Lei nº 763 de 6 de outubro, os municípios de Coronel Freitas e Quilombo desmembraram-se de Chapecó; no ano seguinte, através da Lei nº 866 de 14 de dezembro de 1962, os municípios de Águas de Chapecó e Caxambu do Sul. No Mapa 3 podemos observar os desmembramentos ocorridos até 1962.

Mapa 3: Desmembramentos ocorridos até 1962

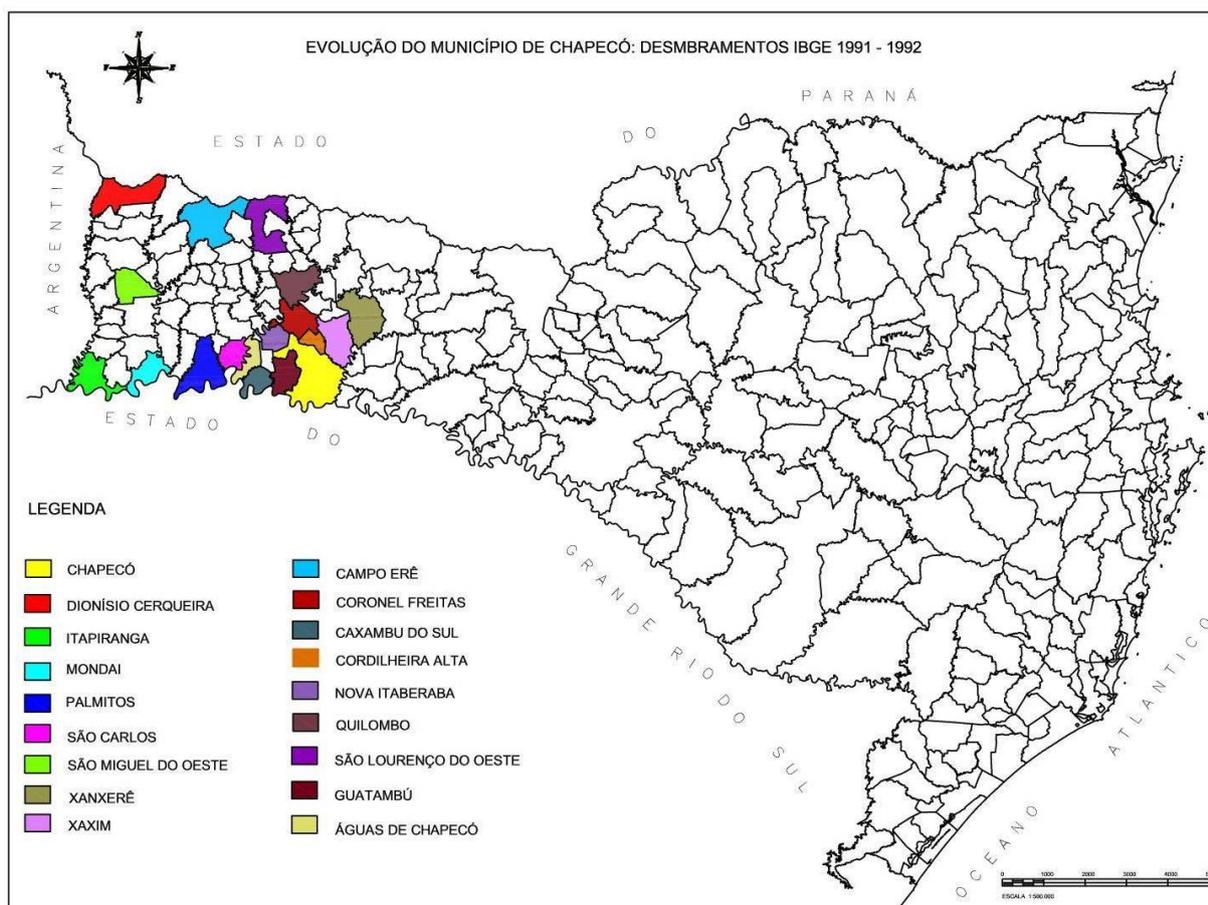


Elaborado por Tajjana da Silva

Passaram-se praticamente trinta anos para ocorrerem os últimos desmembramentos do município de Chapecó. Em 26 de setembro de 1991, pela Lei nº 8.354, houve a emancipação de Nova Itaberaba e três meses depois, em 12 de dezembro de 1991, através da Lei nº 8.482, foi criado o

município de Guatambu. No último desmembramento ocorrido em 30 de março e 1992, o então distrito de Cordilheira Alta foi elevado à condição de município pela Lei Municipal nº 8.557. No Mapa 4 podemos observar os municípios criados a partir de desmembramentos feitos do município de Chapecó – os espaços em branco são de municípios constituídos posteriormente.

Mapa 4: Desmembramentos ocorridos até 1992



FONTE: Cartas do Exército 1980 (escala original 1:50.000) e IBGE
ELABORAÇÃO: Cristiane G.

Elaborado pela autora.

O quadro 1 apresenta os municípios emancipados por data e por lei de criação.

Quadro 1: Municípios emancipados a partir do Município de Chapecó

MUNICÍPIO	DATA DA EMANCIPAÇÃO	LEI DA CRIAÇÃO
SÃO MIGUEL DO OESTE	30/12/1953	Lei nº 133
ITAPIRANGA	30/12/1953	Lei nº 133
XANXERÊ	30/12/1953	Lei nº 133

XAXIM	30/12/1953	Lei nº 133
SÃO CARLOS	30/12/1953	Lei nº 133
PALMITOS	30/12/1953	Lei nº 133
DIONÍSIO CERQUEIRA	30/12/1953	Lei nº 133
MONDAÍ	30/12/1953	Lei nº 133
CAMPO ERÊ	21/6/1958	Lei nº 348
SÃO LOURENÇO DO OESTE	21/6/1958	Lei nº 348
CORONEL FREITAS	6/10/1961	Lei nº 763
QUILOMBO	6/10/1961	Lei nº 763
ÁGUAS DE CHAPECÓ	14/12/1962	Lei nº 866
CAXAMBU DO SUL	14/12/1962	Lei nº 866
NOVA ITABERADA	26/9/1991	Lei nº 8.354
GUATAMBU	12/12/1991	Lei nº 8.482
CORDILHEIRA ALTA	30/3/1992	Lei nº 8.557

Fonte: Federação Catarinense das Associações Municipais – FECAM (2010).
Organizado pela autora.

Nasceram desses e ainda dos desmembrados de Cruzeiro (hoje Joaçaba), os 118 municípios que compõem a atual mesorregião Oeste Catarinense com uma população em torno de 1.200.712³⁰ habitantes. Temos que dar destaque também para o fato de que 78% dos municípios da região possuem até 10 mil habitantes e, ainda, que 61% desses têm mais de 50% do seu PIB vindo da agropecuária, ou seja, são municípios com uma forte ligação com o rural.

Observamos que, mesmo perdendo território e população, o município de Chapecó e, conseqüentemente, seu núcleo urbano, se afirmou enquanto tal e continuou se reestruturando a partir das realidades criadas, sobressaindo dos demais da região, conforme já vinha apontando estudo realizado pelo IBGE em 1968 (p. 484) quando destacava que “[...] Chapecó que, embora ainda não esteja totalmente equipada para exercer a função básica de uma cidade, já sobrepuja as demais, estabelecendo sua influência pelos municípios do oeste, que constituíam outrora, um único município, o antigo Chapecó”.

O reforço do papel regional que Chapecó vem desempenhando está intrínseco na história da cidade, atrelado primeiramente ao poder de gestão

³⁰ Dados do IBGE de 2010.

municipal de um vasto território, no qual surgiram dezenas de pequenos povoados e vilas subordinadas a essa gestão. E atrelado a isso, a cidade foi se constituindo como principal centro econômico, fortalecendo cada vez mais a oferta de bens e serviços para a ampla região. Esses fatores serão melhor caracterizados nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 2: Caracterização da Cidade de Chapecó

2.1 Os agentes “formadores” da cidade

Sendo o espaço construído resultado das ações humanas em sociedade, entende-se que cada organização social, política e econômica cria suas próprias características espaciais e suas condições de sobrevivência, de acordo com as condições históricas do momento.

Na atualidade, com o modelo globalizatório/globalizante em voga, o espaço cada vez mais apresenta grandes transformações, decorrentes desse modelo econômico, social e político. O capital necessita, portanto, conquistar e organizar adequadamente o espaço para que qualquer lugar que seja do seu interesse possa ser explorado, sem muitas vezes considerar a vida das pessoas que nele habitam. Exemplos disso foram explicitados no capítulo anterior sobre os caboclos e posseiros que foram expulsos quando da chegada das colonizadoras e décadas depois, com a modernização da agricultura e a implantação dos modelos de integração pelas agroindústrias, quando milhares de agricultores se viram à mercê do capital, e muitos destes agregaram a massa populacional nas periferias das cidades.

Fazer a inter-relação dos elementos históricos, sociais e econômicos que permitam desvendar o caráter interno do espaço e possibilitar a sua contextualização com o todo é o que tentamos fazer no Capítulo 1, destacando a região Oeste Catarinense e é o que tentaremos fazer neste Capítulo 2, quando abordaremos diretamente nosso principal objeto de pesquisa, que é a cidade de Chapecó, por vezes fazendo uma relação com o contexto regional, pois a cidade exerce grande influência na região, e essas relações por diversas vezes extrapolam o intraurbano e também porque a cidade equipou-se para atender às demandas do campo da sua hinterlândia.

Como já comentado no capítulo anterior, o município de Chapecó foi criado em 1917, sendo de colonização recente, comparado com municípios do Norte, do Litoral, do Sul ou da região da Serra Catarinense. A sua sede foi aos poucos se constituindo como polo regional pelas funções que desempenhava e especificidades apresentadas, conduzindo atividades decorrentes dessas

funções e especificidades, atraindo novos investimentos e gerando interesses ao capital (HENN, 2008; HENN & ALBA, 2008). Percebemos que Chapecó possui especificidades econômicas e sociais que lhe propiciam um crescimento maior perante outras cidades da região e que a caracterizam como polo regional, características essas que queremos abordar neste capítulo.

A cidade de Chapecó concentra diversas atividades que a fazem um centro de referência regional, principalmente nos serviços de saúde de média e alta complexidade, ensino superior – dando destaque para a pós-graduação em nível de especialização e mestrado -, serviços bancários – possuindo agência de grandes bancos (Safra, HSBC, Itaú entre outros) – e pelo dinamismo do seu setor agroindustrial. A partir disso, a cidade concentra atividades e desempenha funções que suprem as necessidades não somente dela, como também de um conjunto de cidades circunvizinhas. A formação do espaço urbano de Chapecó constitui-se num processo evolutivo vinculado principalmente aos aspectos socioeconômicos. Para Peluso Júnior (1982, p. 367):

O estudo da evolução de Chapecó leva-os a expor as condições econômicas e sociais do território anteriormente à criação do município, para, em seguida, acompanhar o povoamento da área e o aparecimento de outros lugares centrais, caracterizando, finalmente, as condições de centro regional da cidade de Chapecó.

A pressuposição de Chapecó se constituir como polo regional ocorre por esta cidade exercer o caráter de coordenação e liderança de relações do ponto de vista econômico, centrado, sobretudo, nas agroindústrias aí instaladas e demais empresas a elas ligadas. Mas outros atores foram importantes nesse processo de evolução de Chapecó e constituição da mesma enquanto polo regional, juntamente com as agroindústrias, tais como as colonizadoras e madeireiras, o Estado como agente direto na constituição do espaço e, mais tarde, o setor de serviços, isso será destacado na sequência deste trabalho.

2.1.1 As empresas colonizadoras e madeireiras no processo de constituição e organização da cidade de Chapecó

No capítulo anterior, fizemos uma breve abordagem sobre a colonização da região Oeste Catarinense, os ciclos e os principais agentes dessa colonização. O grande interesse na ocupação desse espaço, primeiro era quanto ao limite das fronteiras e principalmente à integração do mesmo ao desenvolvimento econômico de Santa Catarina. Para isso foram adotadas algumas medidas que auxiliaram a colonização daquela área. Para Pertile (2008, p. 59), “com o processo de colonização, aparecem os colonizadores, os produtores rurais e os pequenos comerciantes como novos agentes a mobilizar as mudanças daquele espaço”.

A partir disso, foram concedidas às colonizadoras porções de terra, tendo como condições para essa concessão, principalmente, a questão da viabilização de infraestruturas na região e, portanto, em Chapecó. Essa infraestrutura deveria dar condições para o desenvolvimento socioeconômico da mesma. Podemos afirmar que essas colonizadoras foram as grandes responsáveis pelo desencadeamento efetivo do processo de ocupação, aliando a isso a produção e a comercialização da madeira (BELLANI, 1996).

Para a colonização das terras onde hoje se localiza o município de Chapecó, foram concedidas à Sociedade Bertaso, Maia e Cia³¹, de propriedade dos coronéis Agilberto Maia, Manoel dos Passos Maia e Ernesto Francisco Bertaso, essas terras. Em 1923, é dissolvida essa sociedade, e o coronel Ernesto Francisco Bertaso constitui firma – a Colonizadora Ernesto Francisco Bertaso – assumindo o processo de colonização efetiva. Instala então a sede da empresa colonizadora no antigo povoado Passo dos Índios, que em 1939 passa a denominar-se Chapecó.

A colonizadora “[...] construiu estradas e estabeleceu nas terras milhares de colonos procedentes de lugares diversos das antigas colônias do Rio Grande do Sul” (PELUSO JÚNIOR, 1991). Segundo Viebrantz (2009), a

³¹ A mesma obteve uma de suas concessões do governo do Estado de Santa Catarina por haver “aberto” a estrada entre Passo Goio-Ên e Passo dos Índios (Chapecó). (PERTILE, 2008, p. 62)

Colonizadora Bertaso trouxe mais de oito mil famílias do Rio Grande do Sul³² para o estado, a grande maioria para Chapecó. Com isso, destacamos que a colonização teve um cunho político, relacionado com os interesses do Estado na ocupação efetiva do território, e também um cunho empresarial, no interesse da colonizadora.

A entrada desses colonos para Chapecó era feita passando pelo porto Goio-Ên, ao sul do município, pelo rio Uruguai, divisa com o Rio Grande do Sul. Uma das primeiras grandes dificuldades encontradas pelos colonos era o acesso aos lotes adquiridos, já que a infraestrutura de estradas ainda era muito deficitária e, muitas vezes, eram não mais do que picadas abertas no meio do mato. A abertura das estradas que começaram a ser feitas pelas empresas colonizadoras era um grande avanço social e econômico.

Outro ponto a destacar foi que não havia uma demarcação organizacional para a constituição do núcleo urbano, não havia ruas demarcadas ou lotes, muito menos equipamentos necessários para a sua formação estrutural, como o comércio. Registra-se que a terra urbana simplesmente era ocupada à medida que os moradores iam chegando e ali se instalando (HERMES; VILLELA, 2005). Anos depois, a colonizadora vê a necessidade de instalar um mínimo de condições possíveis que pudessem atrair mais migrantes e, a partir disso, concebe um núcleo urbano mais organizado. Em 1931, a Colonizadora Bertaso organiza um primeiro planejamento da cidade, baseando-se em modelos europeus e tendo como principal característica as ruas em traçado xadrez com avenidas largas e partindo perpendicularmente de uma praça central (praça que tem hoje o nome de Praça Coronel Bertaso), para dar à cidade uma ideia de progresso. Segundo Hass *et al* (2010, p. 62)

Em 1931, ano em que a vila Passo dos Índios (Chapecó) se transformou em sede do município, foi implantado o Plano Diretor produzido pela Empresa Colonizadora Bertaso, com uma ordenação cartesiana (traçado urbano xadrez, avenidas largas, quadras bem definidas), transmitindo ao migrante ou visitante a visão de uma cidade planejada, organizada, a caminho do desenvolvimento. Entretanto, o projeto colonizador não chamou a atenção apenas dos colonos [...], mas também dos “intrusos”, “expropriados”, como eram

³² No ano de 2000, conforme dados apresentados por Bernardy *et. al.* (2008), 25,19% (cerca de 37.000 habitantes) dos residentes de Chapecó haviam nascido no Rio Grande do Sul.

chamados os índios e os caboclos (estes praticavam a agricultura de subsistência) que se encontravam na região quando da chegada das empresas colonizadoras.

Esses “intrusos”, como as autoras destacam acima, se estabeleceram no núcleo urbano, e as construções de suas residências não passavam de barracos feitos com lona e madeira. No começo, eles serviam de mão de obra para as madeireiras e, mais tarde, para a SAIC³³, como também carregadores de caminhões, engraxates, prostitutas, entre outras funções. Mas esses trabalhadores começaram a ser os “sujos e feios” da cidade que, segundo as colonizadoras, causavam uma impressão ruim de Chapecó. A solução encontrada pela Colonizadora Bertaso e pelos agentes públicos da época, final dos anos 1960 e começo dos anos de 1970, foi criar um loteamento popular afastado da cidade e deslocá-los para aquele espaço definido, o loteamento São Roque que mais tarde viria a originar o Bairro São Pedro. Mas isso não ocorreu de forma pacífica, principalmente pela forma como foi feito, pois a Empresa Colonizadora chegava com os caminhões nos barracos, carregava as coisas e depois “desovava” no lote que cabia a eles dentro do loteamento. Marchiori e Pinto (2001) classificaram isso como uma limpeza urbana. Segundo as autoras:

[...] o processo de industrialização e urbanização que desencadeou uma “limpeza urbana”, articulada pelas autoridades municipais em conjunto com a Empresa Colonizadora Bertaso na década de 70, para que a cidade aparentasse limpeza, progresso e desenvolvimento. (MARCHIORI; PINTO, 2001, p. 6)

Esse deslocamento forçado da população, essa política de exclusão social, já que todos os “intrusos” que chegassem a Chapecó após isso, eram enviados a esse loteamento, resultou numa reorganização do espaço urbano, por meio da distribuição e ocupação do espaço, em função de interesses dos agentes econômicos e políticos da época. Chapecó acaba sendo fruto do processo colonizador e surge como um núcleo urbano calcado na necessidade e nas exigências dos imigrantes gaúchos.

³³ S.A. Indústria e Comércio Chapecó (SAIC), agroindústria de abate de suínos, esta será melhor detalhada no item 2.1.2 abaixo.

Começam a instalar-se nesse momento em toda a região as primeiras madeiras, mas principalmente em Chapecó, pois essas terras tiveram maiores investimentos da colonizadora. Como abordado no capítulo anterior, o ciclo da madeira surge com a colonização e pela necessidade da derrubada da mata, gerando assim um excedente dessa matéria-prima, ou seja, mesmo com a utilização de boa parte da madeira na construção da infraestrutura das propriedades e das casas no núcleo urbano, grande parte da mesma não era utilizada. Dessa forma, havendo densa concentração de madeiras e serrarias em Chapecó, com grande oferta da matéria-prima, o preço por ela pago aos agricultores na comercialização era baixo. Vigora então o comércio da madeira, primeiramente transportada em toras inteiras pelo rio Uruguai na época das cheias até a Argentina e mesmo o Uruguai, e mais tarde, com o surgimento das madeiras, a matéria-prima era beneficiada e depois vendida nos centros urbanos do Sul e Sudeste brasileiros. Pode-se afirmar, assim, que são essas madeiras que inauguram o processo de industrialização em Chapecó. Mello (2009) faz uma análise desse processo na região Oeste Catarinense, mas podemos reportar isso principalmente para Chapecó, pois o primeiro registro de estabelecimento industrial foi do ramo madeireiro:

Nos primeiros momentos da colonização a atividade madeireira deu início ao processo de industrialização da região permitindo uma acumulação de capital que posteriormente foram destinadas para outras atividades produtivas na região. [...] Para os agricultores que não possuíam a posse da terra, a possibilidade de trabalhar nas serrarias se constituía em uma das poucas oportunidades de geração de renda para a manutenção da família e para a aquisição de terra. (MELLO, 2009, p. 56)

Dados analisados apontam que, em 1927, existiam em Chapecó 32 serrarias e, entre os anos de 1936 a 1945, registravam um total de 109 unidades, entre madeiras, serrarias e mobiliário no município (PERTILE, 2008; BELLANI, 1991; HASS, 1993). Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959, p. 75), “o município assenta sua economia, principalmente, na extração de madeira de pinho. A produção de pinho serrado, pranchões e tábuas atingiu, no ano de 1956, a 28.145 m³ [...]”. Pode afirmar-se que a extração, o beneficiamento e a comercialização da madeira e, conseqüentemente, a instalação de serrarias e madeiras em Chapecó constituíram a implantação do primeiro ramo industrial na cidade. Em 1940,

segundo Peluso Júnior (1991), encontravam-se em Chapecó 57 estabelecimentos industriais, entre os quais podemos destacar os de beneficiamento de cereais, ferraria, marcenaria, olaria, serraria, carpintaria, madeireiras, fabricação de cerveja, curtume, funilaria e mecânica, que empregavam 311 pessoas. Mais tarde, a indústria da cerâmica, moinhos de trigo, frigoríficos e a energia elétrica imprimindo os primeiros passos da industrialização (ROVER, 2003).

Segundo os censos industriais publicados pelo IBGE e fazendo uma análise sobre os dados, em Chapecó isso pode ser observado pelo crescimento em estabelecimentos industriais ligados às madeireiras e ao mobiliário conforme a tabela 2:

Tabela 2 – Chapecó: Evolução da Indústria Madeireira e Mobiliário

Ano	1954		1960		1970		1980	
	Nº de estab.**	Pessoal Ocupado	Nº de estab.	Pessoal Ocupado***	Nº de estab.	Pessoal Ocupado	Nº de estab.	Pessoal Ocupado
Madeireiras	14	147	29	-	31	235	32	424
Mobiliário	-	-	06	-	19	74	10	133
Total*	14	147	35	-	50	309	42	557
Total de unidades industriais de todos os gêneros	21	302	61	-	173	1.127	156	4.063

* Nos censos não se têm dados das serrarias existentes em Chapecó.

** Onde se lê: estab., leia-se estabelecimento

***O censo de 1961 não apresenta o número de pessoal ocupado.

Fonte: PELUSO JÚNIOR, 1991; Censo Industrial IBGE, 1960, 1970 e 1980.

Organizado pela autora.

Essas indústrias registradas até por volta dos anos de 1950 consistiam em pequenos estabelecimentos industriais artesanais que se destinavam ao atendimento da população urbana, como também da rural do seu entorno.

A Colonizadora Bertaso foi uma das grandes empresas de exploração da atividade madeireira, mas, ao mesmo tempo, contribuiu com o crescimento de Chapecó, pois além de povoar as terras, garantiu alguns subsídios aos colonos, como abertura de estradas para transportar a produção destinada ao comércio gaúcho. A par dessa preocupação com o espaço rural, dando condições para os colonos, a empresa Colonizadora Bertaso teve também uma preocupação com o urbano, como já retratado anteriormente. Segundo Hass (2006, p. 74) “além de se preocupar com o desenvolvimento econômico do

oeste catarinense, desde o princípio, o coronel Ernesto Francisco Bertaso também se preocupou com o planejamento da ocupação do espaço urbano da cidade”. Essa preocupação foi retratada no plano diretor de 1931 elaborado pela Colonizadora, baseado em modelos europeus, delimitando o centro urbano num traçado xadrez, com avenidas largas partindo perpendicularmente da praça central. O objetivo desse plano diretor era dar destaque a “uma cidade com ideia de progresso a partir da produção do capital” (HASS et al. 2010, p. 73).

Além da presença do Sr. Ernesto Bertaso no cenário econômico, o mesmo também começa a intervir nas questões políticas, pois era tido em alta conta pelo governo do estado, como bem sintetiza Alba (2002, p. 20): “sabe-se que quem mantém o poder econômico é detentor também do poder político”. O coronel Ernesto Francisco Bertaso era um importante aliado político dos governantes do estado catarinense na época. O poder político, na maioria das vezes, estava ligado aos coronéis ou então pessoas diretamente ligadas a eles, e estes tinham por base a supremacia econômica, de parentesco ou algum laço de dependência (HASS, 2006).

Em 1944, o filho do Sr. Ernesto F. Bertaso, o engenheiro civil Serafim Enoss Bertaso, foi nomeado prefeito de Chapecó e era um dos representantes do Partido Social Democrático (PSD). Ficou no cargo de 1944 a 1947. De 1917 a 1947, figuraram no cenário político de Chapecó como prefeitos nomeados coronéis, tenentes, pessoas ligadas às empresas colonizadoras e de alta conta junto ao governo estadual. Para Hass (1999, p. 25), “a estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de toda uma cultura social e política **e também econômica** (grifo meu) resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado tornam-se complementares”.

A partir de meados dos anos de 1940, “os coronéis, representando o segmento dos colonizadores e madeireiros começam a perder o controle absoluto de seus eleitores” (HASS, 2006, p. 70).

Além das serrarias e madeireiras presentes em Chapecó, outros aparatos que davam suporte à vida econômica e social já estavam instalados na cidade no final da década de 1940. É oportuno citar aqui a instalação, em 1943, do primeiro cinema; no ano de 1946 da delegacia regional de polícia e,

no ano de 1947, vários foram as entidades ou órgãos instalados, tais como um posto de saúde estadual, inspetoria de estradas e rodagens, serviços radiofônicos, o primeiro jornal – Jornal d'Oeste – e a Associação Comercial e Industrial de Chapecó (ACIC³⁴). No ano de 1948, instala-se a Força e Luz no ramo de energia elétrica e o Aeroclube; e, em 1949, a primeira rádio, a Rádio Sociedade Oeste Catarinense. No Guia do Estado de Santa Catarina, de Alberto Entres, Suplemento de 1938, citado por Peluso Júnior (1991), identifica-se a presença de hotéis, casas comerciais, advogados e dentistas em Chapecó. Observa-se nesse período também, entre as décadas de 1940 e 1950, um incremento significativo na população do centro urbano de Chapecó, como nos aponta a tabela 1 apresentada no capítulo 1.

Até esse período, a função urbana era restrita às necessidades imediatas da população, o comércio era basicamente de primeira necessidade e as relações sociais e econômicas não iam muito além do intraurbano. Podemos destacar que até o final da década de 1940, as bases da economia de Chapecó eram voltadas para a indústria madeireira, ou seja, a produção de origem vegetal. Até então, a produção de origem animal era incipiente, basicamente voltada para a extração e venda da banha.

A partir das análises feitas acima, os primeiros agentes no processo de acumulação de capital em Chapecó foram decididamente as colonizadoras, madeireiras e os comerciantes em consonância com o Estado.

Já na década de 1950, a produção agrícola, atrelada às necessidades urbanas, começa a produzir excedente, e é nesse contexto que nascem as primeiras agroindústrias que tiveram um papel fundamental na constituição do urbano de Chapecó, o que analisaremos a seguir.

³⁴ “Em Chapecó, um grupo de empresários decidiu instalar, no final da década de 40, uma associação que os representasse política, econômica e socialmente. Fundada em 10 de maio de 1947, a ACIC representa os setores da indústria, comércio, serviços e agropecuária e pertence à Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina – FACISC”. (História da ACIC: Disponível em: <http://www.acichapeco.com.br/acic/historia.htm>)

2.1.2 As agroindústrias na formação do espaço urbano e da economia urbana

Além da importância das colonizadoras e madeireiras na organização econômica da cidade e da região no período colonizatório e várias décadas após, as agroindústrias surgem e se autoafirmam - ainda hoje - como importantes agentes econômicos na estruturação da cidade, e muitas das funções urbanas são criadas a partir das necessidades dessas agroindústrias.

Em Chapecó se encontram dois grandes frigoríficos atuantes no ramo de carnes, com forte presença nacional e internacional: a Sadia³⁵, que industrializa, desde o abate até o processamento, frangos e perus; e a Aurora³⁶, que em Chapecó possui dois grandes frigoríficos de suínos, um deles estabelecido no bairro Efapi, ao oeste da cidade, e outro nas instalações da antiga Chapecó Alimentos³⁷, no bairro SAIC. Tem ainda a Bunge Alimentos³⁸, que possui dois centros de distribuição em Chapecó, e a Cooperativa Agroindustrial Alfa³⁹, que atuam no ramo de cereais.

A origem desses grupos agroindustriais em Chapecó e região é muito semelhante; todos eles se originaram do capital obtido do comércio dos excedentes agrícolas da região com mercados de centros maiores, como de São Paulo ou Porto Alegre. A Sadia e a Chapecó Alimentos tiveram origem na própria região e a partir de descendentes de colonos do Rio Grande do Sul, que migraram para o Oeste de Santa Catarina. A Aurora e a CooperAlfa

³⁵ A União Brasileira de Avicultura (UBA, 2008) divulgou em seu relatório anual as 50 maiores empresas abatedoras de frango no Brasil, a empresa Sadia posicionou-se em primeiro lugar, participando, em 2007, com 15,07% do abate; em seguida ficou a Perdigão, com 12,51%. As demais empresas, na maioria, participaram com cerca de 1% no abate nacional. (BELUSSO, 2010, p. 58; BELUSSO & HESPANHOL, 2010, p. 35). Quanto às exportações de carne de frango em 2009, a Sadia figura em segundo lugar com 22,46%, ficando atrás somente da BRF Foods S.A., controlada pela Perdigão, que possui um volume de 23,36% do total de exportações (UBABEF, 2010). Mas no total de exportações do ramo de carnes, a Sadia figura em 2º lugar, ficando atrás apenas do Grupo JBS Friboi.

³⁶ A Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora Alimentos, figura na posição 140º, no ranking das 1000 maiores empresas do Brasil, publicado pela Revista Exame de julho de 2010.

³⁷ Frigorífico esse que teve um papel importante na constituição do urbano de Chapecó e que foi arrendada pela Aurora após o seu fechamento em 2003. Em 2005 foi decretada a falência da Chapecó Alimentos.

³⁸ Antiga Ceval Alimentos S.A. Informações retiradas do site da empresa: <http://www.bunge.com.br/home/default.asp>

³⁹ No referido ranking da Revista Exame de julho de 2010, a CooperAlfa ocupa a posição 404º.

nasceram da necessidade originada, primeiramente, do armazenamento da produção excedente da agricultura e, mais tarde, para agregar valor ao produto dos agricultores, isso já entre o final da década de 1950 e 1970. A Sadia teve sua origem em Concórdia; a Cooperativa Aurora, CooperAlfa e a referida Chapecó Alimentos, em Chapecó.

A Chapecó Alimentos iniciou suas atividades em outubro de 1952, na cidade de Chapecó, então com o nome de S.A. Indústria e Comércio Chapecó. Inicialmente as atividades eram voltadas para o abate, frigorificação e processamento de suínos. A produção começou em setembro de 1955, com 29 funcionários abatendo 40 suínos por dia. Com a fundação da Chapecó Indústria e Comércio S.A. (SAIC) em 1952, foram implantadas as raízes da agroindústria em Chapecó.

Em 1996, a Chapecó Alimentos entra em crise que só é sanada em 1999 quando foi adquirida pela Alimbrás S/A, empresa do Grupo Macri, com o decisivo apoio do grupo BNDES/BNDESPAR em forma de empréstimos para a aquisição. Foram feitos grandes investimentos na Chapecó Alimentos que volta a ter importância econômica no município. Em 1999, a Chapecó Alimentos tinha 11.600 pontos de vendas diretos no mercado nacional e, no ano de 2000, mais do que dobrou, indo para 26.500 pontos. Além dessa presença no mercado nacional, a Chapecó Alimentos chegou a atender 41 países e ter um faturamento de R\$ 65 milhões em 2000. Um dos países para o qual exportou desde 1977 é o Kuwait; podemos também citar alguns países do Oriente Médio, da África, Ásia, Europa e países do Mercosul. Nesse período, a Chapecó Alimentos era a 4ª exportadora em suínos e a 5ª em aves no país. Em 2001, estava entre as cinco maiores indústrias do segmento da América Latina e, na região Sul, respondia por 50% da produção de carne suína.

A crise econômica que afetou a Argentina em 2001, teve reflexos diretos na Chapecó Alimentos que voltou a enfrentar graves crises financeiras. Essa situação perdurou por quase dois anos, até que em 2003, em meio às crises sociais e econômicas que envolviam o Grupo Chapecó e, conseqüentemente, todos que estavam ligados a ela, a empresa demite todos os seus funcionários e suas unidades industriais são arrendadas para outras agroindústrias. Destaque-se aqui a intervenção direta do poder público

municipal e estadual a fim de salvaguardar a empresa e, num segundo momento, os funcionários e agricultores a ela ligados. Em julho do mesmo ano, fecham-se as portas da Chapecó Alimentos, e somente na unidade de Chapecó foram demitidos mais de 1.500 funcionários. Em maio de 2005, foi decretada a falência da Chapecó Alimentos com dívida aproximada de R\$ 1 bilhão acumulada em 10 anos de crise. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) é o maior credor: R\$ 560 milhões. Para Henn e Alba (2008, p. 17):

[...] com a crise e falência da Chapecó Alimentos, ficaram claras questões que podem ser pensadas em escala de uma economia hoje globalizada. [...] O envolvimento das prefeituras regionais, especialmente a de Chapecó nos diferentes momentos de negociações também é exemplo disso. Percebe-se assim que o Estado é “chamado” para estruturar, financiar a empresa e em seus momentos de crise ainda como interventor no processo de negociações a favor dos agricultores e dos funcionários, evitando com isso uma crise social de alcance ainda maior.

Como já foi citado anteriormente, as origens da Sadia S.A. são em Concórdia, município distante cerca de 90km de Chapecó. Em 12 de agosto de 1970, foi instituída a Sadia Avícola S.A., começando a construção de uma unidade de abate de perus em Chapecó. As atividades de abate iniciaram em 1973 com a marca de abate de 550 mil perus/ano; na mesma unidade industrial, também eram abatidos frangos de corte. A vinda da Sadia Avícola para Chapecó teve um fator muito importante: receberam inúmeras vantagens do poder público local para que isso acontecesse. Vantagens, tais como a isenção fiscal por um período de cinco anos, a doação do terreno por parte da Prefeitura Municipal e financiamento junto ao BNDES através de linhas de crédito. Em 1975 a Sadia começa a exportar frango congelado para o Oriente Médio e, em 1980, já exportava para mais países, como Japão e Hong Kong. Atualmente a Sadia exporta seus produtos para mais de 100 países e todos os continentes. A unidade de Chapecó possui em torno de 6.900 funcionários em sua planta industrial, entre o frigorífico e a fábrica de rações, instalados no mesmo terreno.

A Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora – foi fundada em abril de 1969 por algumas lideranças, dentre as quais Aury Luiz Bodanese, e teve como objetivo industrializar e comercializar a produção de suínos dos

integrados das cooperativas associadas⁴⁰ à Cooperativa Central. Com isso, possibilitava a relação direta do produtor com o frigorífico, sem mais ter a intervenção do comerciante, melhorando as condições do produtor rural de suínos e conseguindo espaço no mercado. Com a sede administrativa em Chapecó, o início das atividades industriais ocorreu em outubro de 1973 quando foi adquirido o antigo Frigorífico Marafon para realizar as atividades frigoríficas no ramo de abate de suínos. Em 1992, inaugura-se em Chapecó o frigorífico e abatedouro de suínos, denominado FACH I (Frigorífico e Abatedouro Chapecó I) e, em 1995, inicia-se a construção de uma unidade armazenadora de cereais, também em Chapecó. Com o arrendamento das instalações da antiga Chapecó Alimentos, têm início as atividades do FACH II. Atualmente a Aurora conta com três unidades frigoríficas, uma fábrica de rações e uma unidade de armazenamento de cereais em Chapecó, possuindo um total de 14.700 funcionários, dos quais 4.879 nas unidades de Chapecó.

A Ceval – Agro Industrial dos Cereais do Vale S.A. – foi criada em 1971 por empresários catarinenses da Cia. Hering e a princípio tinha a finalidade da industrialização e comercialização de cereais, sendo a sua primeira unidade industrial em Gaspar (SC). Em Chapecó, a empresa instalou-se no ano de 1973 quando adquiriu a Extrafino Extração e Refinação de Óleos Vegetais S.A., que atuava na extração e refino de óleos vegetais, mas só começou a produzir em 1974. Em 1997, o controle acionário da Ceval Alimentos foi vendido para a Bunge International Ltda. A Bunge é uma empresa do ramo alimentício que está no mercado há mais de 200 anos. Sua história começa em Amsterdã, na Holanda, no século XIX, mais tarde se transferindo para a Bélgica. Atualmente, a Bunge possui em Chapecó dois centros de distribuição.

⁴⁰ Atualmente são 13 cooperativas filiadas: Cooperativa Agroindustrial Alfa - Cooperalfa, Cooperativa de Produção e Consumo Concórdia - Copérdia, Cooperativa Regional Agropecuária de Campos Novos - Copercampos, Cooperativa Agrícola Mista de São Cristóvão Ltda – Camisc (PR), Cooperativa Agropecuária São Lourenço – Caslo, Cooperativa A1 – Cooper A1, Cooperativa Agropecuária Videirense – Coopervil, Cooperativa Regional Itaipu – Cooper Itaipu, Cooperativa Rio do Peixe – Coperio, Cooperativa Regional Auriverde – Auriverde, Cooperativa dos Suinocultores de Lacerdópolis – Colacer, Cooperativa Agropecuária São Gabriel do Oeste – Cooasgo (MS), Cooperativa Triticola Erechim Ltda – Cotrel (RS). Essas cooperativas possuem mais de 66 mil agricultores associados distribuídos em mais de 350 municípios. Disponível em: <http://www.auroraalimentos.com.br/br/aurora.php>. Acessado em mai. de 2011.

Durante as décadas de 1950 e 1960, o Banco do Brasil, através da Companhia Brasileira de Armazenamento – Cibrazem, armazenava a produção agrícola. Mas devido à falta de estrutura suficiente pelo crescente da produção agrícola e com a necessidade de ter um agente balizador, em julho de 1957, é criada em Chapecó a Sociedade Cooperativa Triticola D'Oeste, com o apoio do Banco do Brasil. Na década de 1960, com incentivos diretos do banco, Aury Bodanese e 36 agricultores e líderes rurais da região constituíram sob o escopo da Sociedade Cooperativa Triticola D'Oeste, a Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó Ltda – Cooperchapecó. Em 1974, a Cooperchapecó, unindo-se a Cooperxaxiense, criou a CooperAlfa. E um dos eventos que impulsionou a nova cooperativa, foi a realização da primeira Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó - EFAPI⁴¹ em Chapecó. A CooperAlfa atua nos ramos de armazenamento de grãos, industrialização de soja com que é fabricado o farelo de soja e o óleo de soja, industrialização de trigo na fabricação de farinha; possui fábrica de rações, beneficiamento de sementes certificadas, unidades de resfriamento de leite, granja de leitões, supermercado, agropecuárias e postos de combustível. Em Chapecó, está instalada a matriz da empresa e, anexo, um supermercado, posto de combustível e fábrica de rações e óleo de soja, conforme podemos observar na fotografia 3, além de silo de armazenamento com capacidade de 1.270.000 sacas.

⁴¹ A Efapi é uma feira que ocorre a cada dois anos no mês de outubro. A última edição em 2009 reuniu mais de 500 mil visitantes e gerou um volume de negócios na ordem de mais de R\$ 100 milhões. A XVIII Efapi será realizada neste ano de 2011.

Fotografia 3: Matriz da CooperAlfa - Chapecó



Fonte: Apresentação Geral Alfa

Disponível em: http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=downloads_mostra&iddownload_grupo=27 acessado em 05 de mai. 2011.

Como pudemos observar nesse pequeno histórico de cada grupo agroindustrial presente no urbano de Chapecó, estes se estabelecem entre as décadas de 1950 até meados da década de 1970. O que chama a atenção é o fato de que em Chapecó, se introduzem novas formas de produção, somando-se às velhas relações de produção agrícola, abrindo novos espaços para o surgimento e a expansão desses novos agentes econômicos. Conforme Hermes e Villela (2005, p. 58-59), “os frigoríficos a partir de suas instalações foram tomando seu espaço e caracterizando sua importância para o desenvolvimento e sustento do crescimento econômico do município”. Ao mesmo tempo em que algumas dessas agroindústrias surgem para a industrialização de carne e derivados, elas também, em ação simultânea, exploram a produção de grãos, como é o caso da Sadia, Aurora, Bunge e a CooperAlfa.

Além disso, temos que destacar as forças externas que acabam incutindo uma estruturação e um reforço econômico com a instalação desses novos ramos da indústria, pois até então, registravam-se somente indústrias voltadas para o ramo madeireiro. Essas novas indústrias atuam também no sentido da organização do espaço urbano, como podemos observar na figura

4, onde verificamos uma maior concentração na expansão da malha urbana em direção a essas agroindústrias.

Com o advento desse novo ramo industrial, a cidade vai criando necessidades e outras atividades vão aparecendo em decorrência disso. Na década de 1950, podemos apontar a criação do jornal O Imperial e o jornal O Povo, em 1951. No ano seguinte, foi fundada a Associação dos Balseiros do Rio Uruguai e inaugurada uma filial do Banco do Brasil. Em 1953, é instalado em Chapecó o Quartel da Polícia Militar e, já em 1958, a sede da igreja católica com a criação da Diocese de Chapecó (HERMES, VILLELA, 2005; HASS, 1997). Com este último ente em Chapecó, todo o aparato de gestão está presente aí: o Estado, com o poder público municipal; a Igreja, com a sede da diocese; e o econômico, com as sedes e comando das indústrias madeireira e agroindustrial.

Com isso, notam-se grandes transformações no cenário urbano, pois os agentes aí instalados, presididos principalmente pelo advento das agroindústrias, inserem uma nova ordem econômica que tem reflexo direto na cidade, criando e reforçando o urbano a partir das relações com o rural, e este urbano acaba se equipando para atender as demandas tanto da cidade quanto do campo. A relação campo-cidade origina novas necessidades de consumo e acaba promovendo o processo de urbanização e, conseqüentemente, o crescimento das áreas urbanas. Podemos observar essa dinâmica na tabela 1 apresentada no primeiro capítulo sobre a evolução da população do núcleo urbano de Chapecó e também, através das fotografias 3, 4 e 5, a evolução do tecido urbano que retratam o cenário urbano na década de 1950 em comparação com as fotografias 1 e 2 apresentadas no capítulo anterior.

**Fotografia 3, 4 e 5 – Vistas Parciais da cidade de Chapecó –
Década de 1950**



Fonte: Zolet Fotografias



Fonte: Zolet Fotografias



Fonte: Zolet Fotografias

Na década de 1960, o principal fato que teve reflexo direto na cidade de Chapecó, como também na região, foi a criação e instalação da Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, em dezembro de 1963, quando o governo do estado acaba trazendo para a região a administração estadual, transformando Chapecó em centro regional. Isso aliado ao fortalecimento das agroindústrias, teve reflexo direto na economia local, fazendo com que a cidade apresentasse um expressivo crescimento econômico, sendo uma das cidades mais dinâmicas do estado de Santa Catarina no período. Peluso Junior (1991, p. 17) aponta que Chapecó destaca-se como o núcleo urbano que apresentou a mais alta taxa de crescimento populacional nas décadas de 1950 e 1960, em Santa Catarina. Nesse período, Chapecó possuía em torno de 10 loteamentos, e isso pode ser considerado uma marca do fortalecimento do processo de expansão e desenvolvimento (VILLELA, 2007). Com a presença direta do Estado através da Secretaria criada, Chapecó apresentou melhorias significativas quanto à infraestrutura, no que diz respeito a estradas, energia elétrica, iluminação pública, novos bairros, novas ruas e asfaltamento. A fotografia 6 apresenta o centro da cidade de Chapecó na década de 1960, onde podemos observar a Avenida Getúlio Vargas pavimentada com paralelepípedos.

**Fotografia 6 – Avenida Getúlio Vargas/Centro de Chapecó –
Década de 1960**



Fonte: Zolet Fotografias

Destaca-se aqui que as rodovias foram determinantes no processo de movimentação principalmente de produtos e mercadorias, provocando um crescimento econômico e tendo influência direta no espaço urbanizado. No ano de 1967, começa o transporte urbano em função das necessidades provocadas pelo capital e pelo aumento significativo da população na cidade; em 1969, é concluída a obra da ponte sobre o rio Uruguai, ligando Santa Catarina (município de Chapecó) ao Rio Grande do Sul (município de Nonoai). Segundo Peluso Júnior (1982, p. 391):

O progresso contínuo exibido por Chapecó desde seus primeiros anos intensificou-se na década de 1970. A região oeste catarinense, que vinha vencendo lentamente, seu isolamento, através de melhoramentos em sua modesta rede rodoviária, sofreu verdadeira revolução com o advento de modernas rodovias.

Nesse período, o comércio e o setor de serviços começam a ter destaque, registrando na cidade, segundo o Censo Comercial e de Serviços de 1960, 113 estabelecimentos comerciais, que ocupavam 357 pessoas, e 50

estabelecimentos de serviços, que tinham 213 pessoas ocupadas. Os estabelecimentos do setor de serviços eram divididos entre serviços de alojamento e de alimentação e serviços de reparação. A evolução nos três setores da economia urbana pode ser observada na tabela 3.

Tabela 3 – Chapecó: Evolução dos setores da economia urbana – Décadas* de 1960, 1970 e 1980

SETOR	1960		1970		1980	
	<i>Estabelecimentos</i>	<i>Pessoas Ocupadas</i>	<i>Estabelecimentos</i>	<i>Pessoas Ocupadas</i>	<i>Estabelecimentos</i>	<i>Pessoas Ocupadas</i>
Indústria	61	-**	173	1.127	156	4.063
Comércio	113	357	370	1.007	474	2.758
Serviços	50	213	244	570	364	1.475
Total	224	570	787	2.704	994	8.296

*Os dados das décadas de 1990 a 2010 serão analisados no Capítulo 4.

** Dados de pessoas ocupadas no período não apresentadas no censo de 1960.

Fonte: Censos Industrial, Comercial e Serviços IBGE 1960, 1970 e 1980.

Organizado pela autora.

Com a expansão industrial no Brasil, principalmente após a década de 1960 e na década de 1970, época do chamado milagre econômico, o Estado acaba se tornando um agente financiador para o desenvolvimento do setor. Em Chapecó, essa década é marcada por fortes modificações com o despontar de novas atividades para fortalecer o mercado e diversificar a economia urbana. A industrialização estava ligada diretamente às economias regionais e à forte interferência do Estado. Com as agroindústrias não foi diferente, os governos tanto federal como estadual destinaram grande parte dos recursos para instituições financeiras estatais, e estas acabavam financiando grandes empreendimentos no setor. Segundo Paim (1997, p. 19)

A euforia desenvolvimentista, que difundia-se pelo país, chegou até Chapecó, convocando todos para que ajudassem a “promover o progresso de sua terra e de sua pátria”. Foi realizado todo um trabalho para que a população acreditasse que a solução para os problemas da cidade seria a industrialização e que esta traria consigo benefícios a todos os chapecoenses.

Com a política de agroindustrialização do campo, o Estado cria fundos ou programas de financiamento, tais como Fundo Geral para a Indústria e Agricultura (FUNAGRI), Financiamento às Pequenas e Médias Empresas

(FIPEME), Programa Agroindústria (PAGRI), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES), Fundo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (FUNDESC), Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas (PROCAPE), Programa de Desenvolvimento da Empresa Catarinense (PRODEC), entre outros. Pertile (2008) afirma que a efetiva participação das agroindústrias no mercado nacional e mundial de carnes se consolidou devido ao amplo favorecimento por políticas públicas dos governos federal e estadual, nas décadas de 1960 e 1970. Para Giese (1991, p. 126):

Durante a [...] década de 70, o poder estadual ofereceu aos industriais empréstimos e créditos subsidiados e facilidades no recolhimento de impostos devidos, ou mesmo a sua isenção. Neste período o ramo industrial que mais se beneficiou destas ações governamentais foi o dos produtos alimentares. A instalação de novas empresas (por exemplo, a Sadia e a Chapecó) foi financiada através de fundos estaduais como Fundese/Procaped, permitindo o reequipamento das fábricas já existentes.

O dinheiro repassado ao setor financiava tanto a expansão da empresa, quanto a construção ou aquisição de novas plantas industriais, ampliação das já existentes, modernização das mesmas, como também financiava a modernização das propriedades rurais a partir do modelo de integração e modernização imposto pelas agroindústrias.

Em Chapecó, o poder público municipal também contribuiu com incentivos, doando terrenos, contribuindo com a instalação da infraestrutura necessária, como a terraplenagem e instalação de energia elétrica, e também isenção de impostos, como comentado anteriormente no caso da Sadia.

A partir da sociedade moderna capitalista, a industrialização foi um dos principais fatores para a intensa urbanização que ocorreu no país na década de 1970. Geiger (1963) afirma que existe uma relação direta entre os fatos da história urbana aliados aos fatos da história econômica. A concentração de determinadas atividades no interior da sociedade foi condicionante importante para a organização espacial. Alegre (2002, p. 87) afirma que “[...] até por volta de 1960-1980, creditava-se a industrialização à grande causa da urbanização de maneira direta ou mesmo indireta”.

Esse contexto nacional pode ser trazido para o local, sendo que a cada década a população urbana crescia em ritmo acelerado e a população rural

decaía. Assim, o processo histórico de urbanização de Chapecó está diretamente ligado aos interesses do capital agroindustrial que carecia principalmente de mão de obra. No período de expansão da agroindustrialização em Chapecó e também da exclusão de muitos agricultores do meio rural, percebe-se um acelerado crescimento demográfico, como podemos observar na tabela 4. Conforme os censos demográficos realizados pelo IBGE, em 1970 Chapecó possuía 49.865 habitantes e, uma década depois, esse número quase que dobrou, passando para 83.768. Em 1991, contava com 123.050 habitantes e atualmente ultrapassa os 183 mil; e desse montante, praticamente 92% é população urbana. O destaque é principalmente para a população urbana que só tendia a crescer e, mesmo com os desmembramentos ocorridos entre os anos 1950 e 1970 – períodos de maior perda territorial e populacional –, a população urbana só crescia.

Tabela 4 – Chapecó: Evolução demográfica do município

ANO	NÚMERO DE HABITANTES	POPULAÇÃO URBANA	%	POPULAÇÃO RURAL	%
1940	44.327	4.128	9	40.199	91
1950	96.624 ⁴²	9.756	10	86.868	90
1960	52.089	16.668	32	35.421	68
1970	49.865	20.275	41	29.590	59
1980	83.768	55.269	66	28.499	34
1991	123.050	96.751	79	26.299	21
2000	146.967	134.592	92	12.375	8
2010	183.561	168.159	92	15.402	8

Fonte: IBGE – Censos demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Organizado pela autora.

Salientamos que a urbanização nesse período não pode ser considerada um processo que ocorre de forma isolada da industrialização; pelo contrário, está intimamente ligado a ela. As indústrias foram um dos agentes articuladores para que ocorresse de forma efetiva a urbanização em Chapecó. Lago (1978, p. 328) analisa que, em Santa Catarina, “as cidades, notadamente as de maior tamanho e grau de especialização, passaram a se comportar como

⁴² Há de se destacar, que nesse período, o município de Chapecó possuía o maior contingente populacional do estado, superando o município de Florianópolis que possuía 69.122 habitantes.

ímãs demográficos dispersos nos espaços geográficos catarinenses”. Com isso, Chapecó passa a ter maior capacidade para atração do contingente populacional em relação a outros centros urbanos regionais pelas especificidades criadas.

Com o advento das agroindústrias e a constituição do polo agroindustrial, outros setores da economia local foram se inserindo na dinâmica econômica da cidade, alguns ligados diretamente às agroindústrias e outros indo ao encontro das necessidades delas. Para Rover (2003), com o surgimento dos frigoríficos, a partir da década de 1960, o desenvolvimento do setor agroindustrial teve um grande incremento, juntamente com os setores metal-mecânico, serviços de transporte, técnicos, vendas, financeiro, dentro outros vinculados ao setor agroindustrial. Pires (2006, p. 48) sintetiza isso quando escreve que:

No caso da polarização, a referência é explícita à física dos campos magnéticos com as noções de gravitação e de atração. A presença de uma atividade econômica em um lugar determinado polariza outras atividades, aumenta o poder de compra e cria novos empregos. Logo que o pólo de atividade exista, ele propaga em torno dele uma dinâmica de desenvolvimento.

Esse processo de agroindustrialização em Chapecó acaba gerando um efeito em cadeia na economia local, pois com o estabelecimento das indústrias, outras atividades atreladas a elas vão surgindo, principalmente quanto à terceirização de atividades no setor, ou seja, a empresa deixa de ser a detentora do processo produtivo ligado diretamente à unidade industrial para delegar isso a empresas terceirizadas. Essa terceirização de atividades para empresas prestadoras de serviços imprime no urbano a divisão social do trabalho.

Na década de 1970 e mais intensamente na de 1980, despontam atividades ligadas ao ramo de metalurgia, para suprir a demanda dos frigoríficos locais como também regionais, principalmente empresas fabricantes de maquinários frigoríficos, outras no ramo de construção e mecanização dos aviários, empresas do ramo de transportes de carga frigorífica, outras, ainda, na parte de mecânica. Muitas delas, acabam instalando suas unidades industriais em áreas próximas às agroindústrias.

Uma das primeiras indústrias ligadas ao processo produtivo agroindustrial, mais especificamente no setor metal-mecânico, foi a Edege Indústria de Equipamentos Avícolas⁴³ em 1979. Fornecendo máquinas e equipamentos utilizados pelos grandes frigoríficos, produzindo campânulas, comedouros tubulares, comedouros automáticos, silos para ração, cortinas e toda a linha de equipamentos para aviários. Hoje a empresa gera 70 empregos diretos e 200 indiretos e exporta seus produtos para países do Mercosul e da América Latina.

A Fluxo Eletrônica Industrial Ltda⁴⁴ começa as atividades em Chapecó em 1986 sob o nome de Eletro Caminatti. No começo, as atividades se resumiam à assistência técnica em equipamentos eletrônicos para algumas indústrias frigoríficas. Atualmente, a empresa possui mais de 20 funcionários e entre seus principais produtos, destacam-se insensibilizadores⁴⁵ (aves e suínos), contadores de aves, laboratórios de calibração, sensores de temperatura, controladores de vazão para *chiller*⁴⁶. Em Chapecó, seus principais clientes na área frigorífica são a Aurora e a Sadia.

A High Tech Equipamentos Industriais Ltda⁴⁷, fundada em 1988, é do ramo de metalurgia, e seus principais produtos são desossadoras, misturadeiras, moedores, esteiras, cozinhadores, silos, entre outros. Dedicase, ainda, ao desenvolvimento de projetos industriais para abatedouros de aves, suínos e bovinos, além da industrialização de carnes. A empresa atua em todo o Brasil e em diversos países da América Latina, Europa e Oriente Médio – entre os quais podemos citar Argentina, México, Chile, Uruguai, Holanda, Turquia, Noruega e Síria. Segundo dados da FIESC, em 2008 a empresa possuía 52 funcionários na sua unidade industrial.

Outra indústria no ramo de metalurgia e ligada ao setor agroindustrial é a RM Indústria de Máquinas Frigoríficas⁴⁸, iniciou suas atividades em agosto de

⁴³ Informações obtidas em <http://www.edege.com.br/>.

⁴⁴ Informações obtidas em <http://www.fluxo.ind.br/>

⁴⁵ Equipamento atordoador de aves e suínos utilizado antes da sangria dos animais.

⁴⁶ Resfriadores com arrefecimento a ar ou a água.

⁴⁷ Informações obtidas em <http://www.hightech.ind.br/br/index.php>

⁴⁸ Informações disponíveis em <http://www.rmindustria.com.br/index.html>

1987 na manutenção industrial. Em 1992, passou a fabricar máquinas frigoríficas principalmente do setor avícola. Entre seus principais produtos, estão *chillers*, depenadeiras, tanques de escaldagem, lavadoras de gaiolas, esteiras transportadoras e atordoadores de frangos. Seu mercado de atuação espalha-se por toda a América Latina. Segundo dados da FIESC, a empresa possuía 35 funcionários no ano de 2008.

A Semil Equipamentos Industriais Ltda⁴⁹ foi fundada por três ex-funcionários da Sadia no ano de 1987. Primeiramente seu ramo de atuação era na parte mecânica. Atualmente com 100 funcionários, produz ferramentas e máquinas para o ramo agroindustrial, tais como esteiras transportadoras, depenadeiras automáticas, *chillers* para frango, atordoadores de frango, embaladoras de salsichas, entre outros.

Muitas dessas empresas possuem postos de vendas, escritórios e filiais em outras cidades e estados como a Edege, Fluxo, Semil; outras ainda possuem clientes em diferentes países, como a RM que atende o mercado latino-americano, e a High Tech e Semil que possuem clientes em outros continentes. Diversas indústrias menores do ramo metal-mecânico foram surgindo devido às necessidades criadas por esse ramo da indústria. Hoje, dados dos estabelecimentos associados ao Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Mecânicas de Chapecó apontam que existem na cidade, entre micro, médias e grandes empresas do setor, 280 estabelecimentos que empregam diretamente mais de 4.000 funcionários.

No segmento de embalagens plásticas, em 1985 instalou-se em Chapecó uma filial da Canguru S/A⁵⁰, tendo como atividade básica a fabricação de embalagens flexíveis, frigoríficas e de bobinas técnicas para empacotamento de cereais. Sua matriz é de Criciúma (SC), atuando há mais de quarenta anos no mercado latino-americano. Em Chapecó, a empresa direciona sua produção para as indústrias de alimentos, bebidas, higiene e limpeza. Atualmente a empresa funciona com um número de 210 funcionários

⁴⁹ Informações disponíveis em www.semil.com.br

⁵⁰ Informações disponíveis em <http://www.canguru.com.br/>

e, segundo o Banco de Dados da Prefeitura Municipal 2011, é a oitava maior empresa do ramo industrial do município.

No ramo de fabricação de câmaras frigoríficas, furgões, semirreboques e carrocerias, sobressaem a Niju Indústria de Câmaras Frigoríficas, a Increal Ltda, a Posmovil⁵¹, a Frigosul Refrigeração e a Implementos Rodoviários Ltda., entre outras.

Com base nessas dinâmicas, é possível afirmar que as agroindústrias e as atividades a elas ligadas podem ser consideradas o carro-chefe do desenvolvimento econômico do município e de boa parte da região (ALBA, 2002), e podemos aventar, ainda, que Chapecó, há várias décadas, tem sido um dos principais polos agroindustriais do Brasil, como também da América Latina, conforme afirma Alba (2002) e Espíndola (1999), e esse polo agroindustrial nasce da vocação regional, ou seja, é uma demanda aí criada.

As agroindústrias formaram um sistema hegemônico de produção, determinando a estrutura urbana e rural, com o objetivo de garantir o seu funcionamento e atender às demandas por elas originadas. Segundo Belusso (2010, p. 63-64):

Os efeitos territoriais dos complexos agroindustriais consistem em: surgimento de espacialidades influenciadas pela aplicação de políticas públicas e ação de empresas; interdependência da agricultura em relação aos demais setores da economia; relação cidade-campo mediada pelas demandas agrícolas e industriais e acirramento da divisão do trabalho; favorecimento de espaços rurais dotados de melhor infra-estrutura e intensificação da integração dos agricultores aos setores agroindustriais.

Entendemos que as agroindústrias foram o fator econômico determinante que possibilitou uma série de outras atividades em Chapecó, tornando-a referência regional e nacional. Percebe-se que as agroindústrias de Chapecó proporcionaram e proporcionam uma série de transformações sócioespaciais na área urbana e rural. Novas indústrias se desenvolveram para atender às necessidades do processo produtivo (empresas de construção e fornecedoras dos equipamentos para aviários, chiqueiros, silos, etc.), o comércio se ampliou, provocando um crescimento quantitativo da população

⁵¹ A empresa foi fundada em Chapecó em 1960.

urbana e o setor de serviços cresceu significativamente. A infraestrutura da cidade também foi aumentando concomitantemente, com novos bairros, aumento da malha viária, asfaltamento de parte dessa malha, iluminação, moradias, etc. Mudanças espaciais se evidenciam e se manifestam no âmbito social, político e econômico. Para Alba (2002, p. 126)

Chapecó estrutura-se, por um lado, com a presença das agroindústrias, [...] portadoras de grande capital e capazes de competir internacionalmente e, por outro lado com uma série de outras indústrias menores (pequenas e médias), e um comércio capaz de atender à demanda local e tendo, muitas vezes, que competir com o capital internacional. [...] muitas empresas que nasceram com influência apenas local, estão, hoje, marcando presença em outros países da América e do mundo. Ou ainda, empresas que se instalaram com o objetivo de atender à demanda das agroindústrias e que, devido ao surgimento de concorrentes, passaram a atender outras.

É em consequência do fortalecimento dessas agroindústrias que Chapecó acaba se inserindo no contexto nacional como também mundial, devido ao grande volume de exportações moldadas segundo o processo de globalização da economia capitalista, pois seguem padrões estabelecidos por órgãos maiores, principalmente pela Organização Mundial do Comércio - OMC. Segundo Brumes (2003, p. 57),

O capital [...] tem sua participação no processo de formação do espaço, uma vez que ao se reproduzir e valorizar-se vai rompendo barreiras tanto espaciais como regionais, com o intuito claro de aumentar suas relações e impor sua lógica. Desta forma, esse capital acaba por também homogeneizar, acima de tudo, os espaços, ou seja, vai promover a produção em grande escala.

Chapecó, por diferenciar-se dos demais lugares de sua hinterlândia, é considerada cidade polo regional e cidade média⁵², por compor materialidades espaciais capazes de criar e concentrar a infraestrutura necessária, para atender principalmente as demandas concebidas pelas agroindústrias ali instaladas. Para Mello (2009, p. 38),

Embora algumas dessas atividades tenham surgido a partir do complexo agroindustrial, como é o caso da indústria metal-mecânica, elas passam paulatinamente a adquirir autonomia e a se diversificar através da inovação tecnológica e da conquista de novos mercados.

⁵² Abordaremos mais sobre esse tema no Capítulo 4 – Chapecó: Cidade média do Oeste Catarinense.

Além da dinâmica econômica que vinha se alterando nas últimas décadas, a questão demográfica também teve um peso importante na constituição do urbano e acabou reforçando a proposição de Chapecó como centro urbano da região. Em 1959, segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Chapecó figurava na 24ª posição em população relativamente às demais cidades do Estado. Mesmo com os desmembramentos que sofreu nas décadas de 1950 e 1960, desde a década de 1970 a população de Chapecó começou a crescer em números significativos. Um dos motivos foi, em parte, a exclusão de um grande contingente de produtores rurais que não conseguiram se inserir no modelo de integração adotado pelas agroindústrias da região. Atualmente ocupa a sexta posição no Estado, considerando-se seu volume populacional.

2.1.3 Demais agentes promotores do crescimento e desenvolvimento do núcleo urbano

Fazendo uma síntese do que foi apresentado, pode-se concluir que os primeiros e principais agentes econômicos na conformação da cidade de Chapecó foram as colonizadoras, madeireiras e, desde a década de 1950, as agroindústrias, vinculadas também à estruturação do espaço rural de seu entorno.

Em todos os períodos da história de Chapecó analisados acima, o Estado sempre esteve presente de forma direta na constituição e organização do espaço, tanto social quanto econômico. Primeiramente, quanto à questão da ocupação do espaço, quando o Estado concede as terras a empresas colonizadoras. Num segundo momento, quando da instalação da Secretaria do Oeste em Chapecó, trazendo o governo do Estado para o interior como agente direto de transformação do espaço, criando as infraestruturas necessárias para maior desenvolvimento daquele território.

Cabe ainda apontar para um terceiro momento, já abordado acima: foi o da agroindustrialização, pois as agroindústrias eram consideradas agentes econômicos potencialmente viáveis, principalmente entre as décadas de 1960

a 1980, sendo contempladas com financiamentos para o setor. Além de ações diretas, como as de financiamento, o Estado também cria instituições de pesquisa e de apoio técnico através de extensão rural, tais como: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPASA) – vinculada à Embrapa, Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), Escritório Técnico de Agricultura (ETA), Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC) – atual Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI).

Outro ponto a salientar: assim como ocorreu com pessoas ligadas às empresas colonizadoras e às madeireiras, também dirigentes dos grandes grupos agroindustriais figuraram no cenário político. Atílio Fontana⁵³, o fundador da Sadia, e o empresário Plínio Arlindo de Ness, fundador da Chapecó Alimentos, assumiram cargos políticos municipais, tanto estaduais quanto federais. Com essa proximidade com o aparato institucional do Estado, acabavam influenciando as decisões de natureza econômica e política para a região e para as cidades nas quais possuíam suas indústrias, ou seja, no que tangia as melhorias na infraestrutura que diretamente beneficiavam os seus negócios.

Em 1972, elege-se como prefeito o engenheiro civil do DER, Altair Wagner que implanta, em 1973, na cidade o Plano Chapecoense de Desenvolvimento (PCD) que se constituía em programas que apontavam que Chapecó precisava preocupar-se com a modernização e expansão racional da cidade para que continuasse sendo uma cidade “planejada”, aspecto ameaçado com o crescimento desordenado de seus bairros. Segundo Marchiori e Pinto (2001, p. 53):

A imagem da cidade estava intimamente ligada a ideia de progresso. A ideia de desenvolvimento e progresso já estavam delineadas desde o plano diretor projetado pelo coronel Bertaso, que pensou uma cidade com ideia de progresso.

⁵³ Atílio Fontana foi vice-governador. No governo Colombo Salles (1970), foi Secretário Estadual de Agricultura e Senador.

O Plano Diretor elaborado em 1931 pelo Coronel Ernesto Bertaso é reelaborado pelo governo de Wagner em 1974, dando ênfase ao perímetro urbano, levando em consideração o crescimento da cidade e as projeções futuras, organizando principalmente a zona central, residencial, industrial, as áreas verdes públicas e o sistema viário. É nesse período que surgem os primeiros distritos industriais.

Outro ponto importante a ser destacado nesse período da década de 1970 foi a inserção da cidade no Projeto CURA – Plano Comunidade Urbana para Renovação Acelerada –, financiado pelo Governo Federal, através do Banco Nacional de Habitação (BNH), gestor orçamentário do plano, que utilizava recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Esse projeto foi desenvolvido em âmbito nacional e tinha entre os seus principais objetivos a remodelação intensa dos centros urbanos, proporcionando melhores condições aos moradores da cidade. Conforme Santos (1994, p. 113):

Esses projetos CURA são geralmente associados ao programa das cidades médias, aglomerações destinadas a acolher atividades econômicas modernas descentralizadas. O resultado comum é o aumento do valor de todos os terrenos equipados e a reativação, em nível superior, dos processos espaciais que já definem a problemática urbana.

Com a inserção da cidade nesse plano, esta passa a sofrer intervenções urbanísticas intensas em alguns bairros. O plano CURA I, implementado entre os anos de 1977 e 1978, privilegiou os bairros Presidente Médici, Santa Maria, Maria Goretti e Aeroporto, bairros onde hoje é clara a presença da classe média e alta. Um dos principais investimentos nesses bairros foi a pavimentação asfáltica. No ano de 1979, é implantado o CURA II nos bairros Palmital, Saic⁵⁴ e Passo dos Fortes. Nesse segundo momento, dá-se prioridade para o sistema viário e para a drenagem pluvial (HERMES; VILLELA, 2005).

⁵⁴ O nome do bairro SAIC, originou-se com a instalação da Chapecó Alimentos que então se chamava de S.A. Indústria e Comércio Chapecó – SAIC e a partir disso desenvolveu uma vila de operários funcionários da própria empresa.

Esses investimentos feitos na cidade foram de grande importância para o crescimento da malha urbana de Chapecó. Podemos observar isso na figura 5 – sobre a evolução da mancha de urbanização –, já que entre a década de 1970 e 1980 houve um grande incremento na malha urbana de Chapecó. Segundo Hermes e Villela (2005, p. 61):

É inegável que a cidade passou por uma importante revitalização e estruturação, principalmente do seu núcleo central, percebe-se claramente que a política do município no ingresso ao plano CURA se dava aos bairros circunvizinhos ao centro da cidade, podendo-se defini-los, como ocorreu, como de forte interesse para a especulação imobiliária, ou ainda, um espaço seletivo destinado aos que pudessem arcar com os novos equipamentos com que foram dotados.

Se, no começo dos anos de 1970, a única avenida pavimentada – a Getúlio Vargas – era ainda com paralelepípedos, após o Plano Diretor de 1974 e a aplicação dos dois projetos CURA, houve uma remodelação da cidade, e grande parte das ruas e avenidas tinha pavimentação asfáltica. Mas ao mesmo tempo, com a valorização do espaço urbano, esses investimentos na infraestrutura acabam gerando especulação imobiliária no centro e nos bairros circunvizinhos.

Com esse vigoroso desenvolvimento econômico e de infraestrutura, percebe-se um acréscimo na implantação de diferentes atividades econômicas que se adaptaram bem às demandas locais e regionais criadas. Em Chapecó empresas não ligadas diretamente ao setor agroindustrial se constituíram para atender às demandas, principalmente com o aumento da população e da expansão econômica, isso pode ser identificado na tabela 3 (evolução dos setores da economia urbana).

Com a consolidação das agroindústrias, dos setores a ela ligados e também dos demais setores da economia urbana, advém a necessidade de qualificação técnica da mão de obra por elas empregada. Em 1972, é implantado em Chapecó o primeiro curso de ensino superior com a instalação da Fundeste – Fundação do Desenvolvimento do Oeste – hoje Unochapecó. Os primeiros cursos criados foram Pedagogia (1972), Administração, Contábeis e Estudos Sociais (1973). Em 1974, é instalado o Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e, em 1978, o Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, que firmaram convênios com a Secretaria de

Educação do Município e do Estado, e os cursos oferecidos por essas instituições surgem para suprir as necessidades das diversas áreas. Segundo o relatório da SERFHAU (1972, p. 22):

O impulso desenvolvimentista que vem conhecendo o Oeste Catarinense veio fazer com que Chapecó se tornasse pólo de uma região com altas potencialidades e, conseqüentemente, fosse alvo de investimentos diversos. Estes se traduzem através da dinamização do setor primário [...] e na implantação de novas indústrias (Sadia Avícola, Extrafinos, S/A e outras) e uma série de equipamentos e serviços de natureza administrativa, social e cultural, de interesse regional: Secretaria do Oeste, Hospital Psiquiátrico, Penitenciária Agrícola, Universidade do Oeste, dentre outros. Todos esses investimentos podem ser considerados como importantes fatores modificadores do crescimento físico e da atuação de Chapecó, desde que considerados sua localização e o poder de atração que vão exercer sobre as populações regionais.

O período desenvolvimentista pelo qual o país todo estava passando, também foi sentido em Chapecó, tanto nos aspectos físicos da malha urbana, como podemos observar nas fotografias 7 (1970) e 8 (1980); os econômicos caracterizados, principalmente, pela presença de novas atividades ligadas à especialização da mão de obra com a presença de instituições de ensino técnico e superior, como também pelas novas atividades voltadas para suprir as demandas originadas. Uma dessas demandas, na área da saúde, significou a construção, em 1986, do Hospital Regional do Oeste, inicialmente com 60 leitos.

Fotografia 7 – Vista parcial de Chapecó – Década de 1970



Fonte: Zolet Fotografias

Fotografia 8 - Vista parcial de Chapecó – Década de 1980



Fonte: Arquivos CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) – Unochapecó.

Portanto, a expansão das funções urbanas de Chapecó pode ser atribuída principalmente a dois fatores: 1) o crescimento econômico que elevou

Chapecó, de um pequeno povoado na década de 1920, a uma cidade polo regional; e 2) o poder de atração de investimentos, que corroboram com a teoria de polo regional já exercido a partir da segunda metade do século XX e que podem auxiliar no entendimento da mesma enquanto uma cidade média, como abordaremos no capítulo 4. Assim, a cidade caracteriza-se como centro de gestão de órgãos federais e estaduais, oferece serviços de saúde especializada, ensino de nível superior, comércio especializado, presença de grandes bancos, indústria dinâmica, principalmente no setor agroindustrial, e atividades ligadas a essas indústrias e ao turismo de negócios. Com isso, a cidade fornece o aporte técnico, jurídico, financeiro, de mão de obra e serviços necessários para atender às demandas das atividades localizadas nela e na região. Para Reche (2008, p. 3):

Chapecó se constitui num importante pólo regional do oeste catarinense, principalmente devido à concentração das maiores empresas agroindustriais do país e à sua alta capacidade de polarização econômica na região graças às diversas atividades produtivas e de serviços.

A partir da década de 1990 e principalmente a partir de 2000, Chapecó vem se firmando como importante polo regional e cidade média pelo reforço dos velhos agentes/atores que aí estão localizados e pelas novas dinâmicas, novos atores que se projetam e conquistam novos espaços; esses serão melhor analisados no capítulo 4, quando abordaremos Chapecó como cidade média no Oeste Catarinense.

CAPÍTULO 3: Chapecó - Capital Regional e Rede Urbana

3.1 Evolução de Chapecó na hierarquia urbana através dos estudos do IBGE

Este capítulo procura abordar a temática da rede urbana e as áreas de influência, analisando Chapecó, com base em estudos publicados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Percebeu-se um grande interesse por parte dos pesquisadores, principalmente a partir da crescente urbanização brasileira, por estudos relacionados à caracterização da rede urbana, e os estudos feitos pelo IBGE tiveram e têm grande relevância para entendermos o processo de urbanização ocorrido no Brasil.

Assim, alguns desses estudos feitos pelo IBGE serão analisados neste capítulo, pois nos trazem importantes aportes teóricos quanto às regiões de influência das cidades brasileiras e, conseqüentemente, à rede urbana formada a partir dessas regiões e cidades. Esses estudos foram iniciados na década de 1960, e nosso interesse se volta para quatro estudos feitos pelo IBGE seguindo esta perspectiva analítica: 1) *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*, publicado em 1972; 2) *Regiões de Influência das Cidades*, editado e publicado em 1987; 3) *Regiões de Influência das Cidades 1993*, publicado em 2000; e 4) *Regiões de Influência das Cidades 2007 (REGIC 2007)*, publicado em 2008. O interesse em analisar esses quatro estudos é de identificar o papel de intermediação que Chapecó teve a partir da metade do século XX e, com isso, entender como a cidade se caracteriza hoje enquanto cidade média.

O interesse em pesquisar e analisar Chapecó no contexto da rede urbana brasileira parte do princípio de que a cidade, mesmo estando distante da capital do estado ou então de regiões metropolitanas, sempre exerceu forte centralidade regional, e hoje figura entre os 111 principais centros urbanos⁵⁵ na rede urbana brasileira, devido à infraestrutura e aos bens e serviços que disponibiliza. Segundo Corrêa (1989, p. 5):

[...] a rede urbana passou a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente. Via rede urbana e a

⁵⁵ IPEA *et. al* (2000).

crescente rede de comunicações a ela vinculada, distantes regiões puderam ser articuladas, estabelecendo-se uma economia mundial.

As pesquisas sobre rede urbana confirmam a relevância do estudo sobre a região oeste de Santa Catarina e sobre sua área de abrangência, apontando Chapecó como uma cidade de intermediação entre as metrópoles nacionais e regionais com os centros urbanos menores, e isso merece ser melhor caracterizado devido à trama em que se desenvolve. Aspectos recentes, como a criação das Secretarias de Desenvolvimento Regional a partir de uma leitura territorial da gestão por parte do governo estadual, da qual Chapecó e outros municípios importantes do Oeste são sede, ou ainda, a criação da Região Metropolitana de Chapecó⁵⁶ pelo governo estadual, tendo Chapecó como sede, refletem a necessidade de melhor caracterizar as peculiaridades catarinenses e oestinas quanto à conformação de sua rede urbana.

Sabemos que o fortalecimento do sistema capitalista foi um dos principais responsáveis pelo acelerado processo de urbanização mundial. Para Fujita *et al.* (2009, p. 53),

A sociedade moderna, e com ela a industrialização, foi um dos fatores determinantes que acelerou a urbanização em diversos países da Europa e atualmente na maior parte do mundo. O modo de produção capitalista, nas suas diferentes fases de desenvolvimento, foi criando maneiras de organização do capital no espaço geográfico, de acordo com interesses e necessidades de acumulação e centralização de riquezas de alguns países, em detrimento dos interesses sociais de boa parte da população mundial.

Daí que, muitas regiões e, principalmente, cidades destacam-se, impondo hierarquia superior e formando redes de localidades centrais. Segundo o IBGE (1987, p. 16):

A rede de localidades centrais aparece, como uma categoria de análise da rede urbana regional ou nacional, nas áreas marcadas pelo predomínio de uma economia agropastoril, influenciada indiretamente pela industrialização ou, quando esta se faz sentir diretamente, pela sua presença física, em setores limitados do território regional ou nacional.

⁵⁶ Lei Complementar Nº 523, de 17 de dezembro de 2010.

Essa hierarquia superior ou inferior de determinadas cidades ocorre principalmente devido às funções que cada uma delas desempenha, ou seja, quanto mais atividades ou funções são desempenhadas por determinadas cidades, maior será o seu nível hierárquico e, conseqüentemente, de influência. Segundo Corrêa (1989, p. 10):

Uma das mais tradicionais vias de estudo da rede urbana pelos geógrafos é aquela que se interessa pela classificação funcional das cidades. Esta abordagem tem como pressuposto a existência de diferenças entre as cidades no que se refere às suas funções.

O Oeste Catarinense também se insere neste contexto, particularmente a cidade de Chapecó que comparece com uma hierarquia privilegiada na rede urbana regional. Segundo o estudo do IBGE – *Regiões de Influência das Cidades 2007* (2008, p. 124), Chapecó é considerada Capital Regional B (2B), sendo que nessa categoria de cidades foram identificadas 20 cidades na rede urbana brasileira; a categoria imediatamente superior são as consideradas Capitais Regionais A, as quais correspondem a capitais estaduais não metropolitanas e Campinas. Esse estudo aponta que a sua área de influência ultrapassa os limites do próprio estado.

O município de Chapecó, desde a sua criação, sempre assumiu o caráter de coordenação e liderança das relações políticas, econômicas, sociais e culturais regionais, suprimindo a demanda técnico-científica da região. O IPEA et al. (2001, p. 85), analisando a conformação das cidades brasileiras, apresenta características que foram sendo constituídas também em Chapecó:

As cidades no Brasil desempenharam historicamente funções importantes no processo de ocupação do território, servindo como sítios de suporte ao povoamento, centros de controle político e de armazenamento da produção agroextrativa, núcleos de conexão com circuitos mercantis, pólos de crescimento industrial e nós das redes financeiras e informacional.

O Oeste Catarinense se caracteriza por pequenas propriedades rurais, que são uma das bases econômicas regionais. A agricultura não é mais um espaço responsável exclusivamente pelo fornecimento de produtos para a sobrevivência da humanidade, mas também de comandar circuitos importantes no contexto da globalização do capital, apesar de estar diretamente atrelada ao capital industrial, como já comentado no capítulo 1, sob a imposição vertical da

modernização na agricultura imposta pelo capital agroindustrial. Motivadas por essa agricultura forte e dinâmica, fixaram-se na região inúmeras agroindústrias para a industrialização da produção agrícola e, em Chapecó, se instalou um grande complexo agroindustrial.

A produção agrícola passa a ser controlada pelas agroindústrias selecionando produtos e produtores de acordo com as suas necessidades. Isso ocasionou a falência de pequenos agricultores e da pequena propriedade familiar de subsistência, e conseqüentemente, o aumento da migração intrarregional e de famílias sem terra, agravando a problemática social no campo e na cidade. Neste processo é que se observa o aumento da população de algumas cidades, entre elas, Chapecó que desde os anos de 1980, sempre apresentou taxas de crescimento da população maiores que as taxas estaduais, conforme podemos observar na tabela 5. Segundo Peluso Júnior (1991, p. 284):

Após quatro decênios, decorridos entre o censo demográfico de 1940 e de 1980, a importância da cidade de Chapecó mudou completamente, passando, com a população de 53.238 habitantes, a ocupar o 8º lugar entre as 197 aglomerações que formavam o sistema de cidades catarinenses, distinguindo-se, ainda, como centro econômico e social da região, na qual se encontravam 34 cidades.

Tabela 5 – Chapecó e Santa Catarina: Taxas de crescimento populacional

	1980-1991	1991-1996	1996-2000	2000-2010
Chapecó	3,99%	3,33%	2,84%	1,9%
Santa Catarina	2,04%	1,43%	2,27%	1,55%

Fonte: SEBRAE – 2010.
Organizado pela autora.

Observa-se no território brasileiro aquilo que Santos (1993) chama de regiões agrícolas e regiões urbanas, e não só em regiões rurais e regiões urbanas, isso porque a agricultura está inserida no contexto da urbanização brasileira. Observa-se, nas regiões agrícolas uma reciprocidade entre os espaços urbanos e o agrícola, um exercendo influência sobre o outro, ou seja,

“áreas agrícolas contendo cidades adaptadas à sua demanda e áreas rurais adaptadas às demandas urbanas.” (SANTOS, 1993, p. 65).

Dessa forma, as cidades vão se estruturando de maneira a atender às necessidades de consumo do campo, como: máquinas, implementos agrícolas, insumos, adubos, ração, remédios veterinários, etc., possibilitando a criação de departamentos comerciais e casas especializadas para o atendimento das propriedades agrícolas, bem como técnicos agrícolas e veterinários. Uma vez que a agricultura não visa mais apenas atender às exigências da família e de sua propriedade, o campo terá que se estruturar e produzir de acordo com os interesses e necessidades do mercado, que é, principalmente, urbano. Nessa relação campo/cidade, Alba (2002, p. 162) analisa que:

A cidade, então, muda o campo e lhe impõe as suas regras. Com a interferência agroindustrial as imposições da cidade sobre o campo são ainda maiores, pois estas necessitam da matéria-prima que tem sua origem no campo e este vai ter que se adaptar segundo os padrões da empresa, seguindo as orientações dos técnicos, como na implantação de aviários, chiqueiros ou galpões. Neste caso, não só muda a estrutura como o próprio modo de vida dos agricultores, devido às novas relações de trabalho que vão se estabelecer.

Até a década de 1970, a região Sul tinha seu crescimento atribuído às áreas rurais e à atividade agropecuária. Contudo, com a modernização da agropecuária, novas atividades urbanas começam a despontar devido principalmente ao incremento das atividades industriais, como também do comércio e dos serviços. Isso se percebeu nitidamente em Chapecó, como já analisado anteriormente. Em Santa Catarina, se observou que houve desde os anos de 1990 um acelerado crescimento econômico das cidades, com destaque para as cidades de Blumenau, Brusque, Itajaí, Joinville, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul, Florianópolis, São José, Criciúma, Tubarão – cidades litorâneas –, Lages, Videira, Concórdia e Chapecó – cidades do interior do estado. Soma-se a esse crescimento econômico a centralidade dessas cidades com relação às suas regiões de influência, assumindo o papel de polos regionais.

Dentro do perfil da rede urbana sulina, Moura (2003) classifica Chapecó como uma das “aglomerações descontínuas”, que se caracteriza como de alta população e densidade, alto grau de urbanização, menos peso

econômico que as aglomerações urbanas e com expansão, por vezes descontínua, com centros fortemente articulados na região. A seguir, faremos as análises dos estudos do IBGE referidos acima e como Chapecó se insere na rede urbana que vai se complexificando à medida que as cidades vão adquirindo funções novas e se reestruturando.

3.1.1 Evolução de Chapecó nos estudos do IBGE

O primeiro estudo analisado foi *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*, publicado pelo IBGE em 1972, que teve sua pesquisa de campo desenvolvida em 1966. Desse estudo resultou uma publicação no ano de 1967, intitulada de *Esboço Preliminar da Divisão do Brasil em Regiões Polarizadas*. Nesse período convém aqui destacar que o Brasil estava num intenso processo de urbanização que repercutiu na organização e regionalização do espaço brasileiro, o que levou o IBGE a realizar uma reelaboração técnica e uma criteriosa revisão atualizada do estudo publicado em 1967 e que resultou na publicação: *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*. Nesse estudo a divisão regional do Brasil apresenta um sistema hierarquizado de divisões territoriais e de cidades, classificando as mesmas conforme seus níveis de intermediação com sua hinterlândia, apontando Chapecó como Centro Regional 2B.

Esse estudo partiu do pressuposto que, quanto maior o número de relacionamentos ou vínculos mantidos entre os centros urbanos nos setores de fluxos agrícolas, distribuição de bens e serviços e população, maior a hierarquia na rede urbana, analisando a cidade não apenas como uma forma, mas como uma estrutura dada pela existência de uma economia básica urbana, capaz de estabelecer laços econômicos entre as cidades e regiões. Conforme esse estudo (IBGE, 1972, p. 10):

Se a economia urbana básica estrutura a cidade, os fluxos e relacionamentos têm importância fundamental na organização da região funcional urbana. [...] Os vínculos e relacionamentos urbanos se ampliam em termos de intensidade e frequência na proporção das distâncias, da divisão das funções e da distribuição da renda.

Importante pontuar aqui que o trabalho não quantificou os dados, mas levou em consideração as relações indicadas devido às dificuldades de estrutura analisando-se a extensão do país e a precária infraestrutura do interior. Partiu-se da análise dos 718 centros urbanos existentes no país, onde cada cidade foi representada por uma matriz e analisados os centros com os quais se relacionava e o tipo de ligação que existia entre elas. Conforme os pesquisadores (IBGE, 1972, p. 12):

As cidades foram, então, classificadas como centros de relações, considerando o conjunto dos vínculos mantidos com um espaço maior ou menor: esses vínculos referem-se tanto à centralidade como à atração da produção agrícola para comercialização. As combinações dos relacionamentos resultaram em formas diferentes de atuação das cidades e daí as diferentes categorias de centros definidos com suas áreas de influência hierarquizadas.

Quanto à classificação e às áreas de influência de cada centro analisado, estes foram reunidos em matrizes de dominância de relações com as cidades metropolitanas. Nesta relação foi incluída Goiânia às então nove cidades metropolitanas devido a relações semelhantes às apresentadas por elas. Essas dez cidades constituíram o Nível 1 da classificação: Metrôpoles. Chapecó está então subordinada diretamente à Metrôpole de Porto Alegre.

O Nível 2 da classificação das cidades foi denominado como Centro Regional, caracterizado por um grande número de ligações diretas com o centro metropolitano. Segundo o IBGE (1972, p. 15), os centros regionais foram assim classificados porque:

[...] se destacam na distribuição de bens e serviços à economia, sobretudo no abastecimento do atacado e do varejo, no estabelecimento de filiais e na venda de máquinas agrícolas. No setor de serviços à população fornecem o varejo especializado e, por vezes, o varejo fino e serviços de médicos especialistas. [...] Os centros regionais são os que têm dentro da área de influência metropolitana o maior número de relacionamentos.

Essa categorização de Nível 2 – centros regionais – divide-se ainda em centros 2A e 2B, onde o primeiro distingue-se do segundo porque possui uma maior atuação extrarregional do centro sobre as cidades menores por ele comandadas, com mais relacionamentos intra e interregionais. Neste contexto, Chapecó classifica-se como Centro Regional 2B.

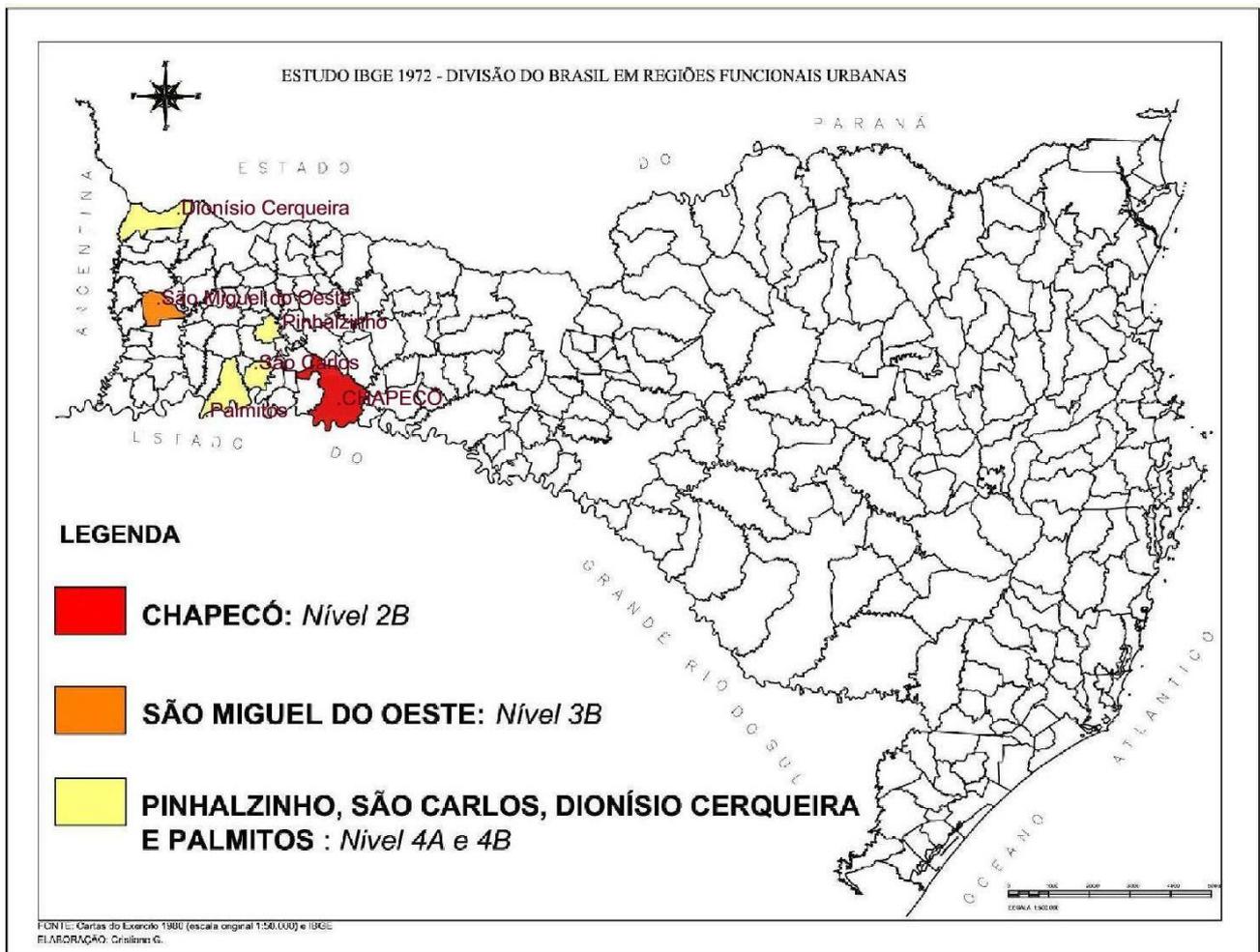
Tal classificação de Centro Regional 2B se deve às funções urbanas que apresentava, como também às relações estabelecidas com sua área de influência. Como apresentado no capítulo 2, Chapecó, nesse período, quanto às suas relações interregionais, teve destaque principalmente no setor madeireiro, pois a madeira era comercializada fora da região de influência da cidade. Quanto às relações interurbanas, podemos destacar as agroindústrias que já estavam instaladas em Chapecó cuja matéria-prima era oriunda dos municípios próximos. Também podemos dar destaque à presença do Estado, através da Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, como também à presença do aparato institucional da Igreja católica com a sede da Diocese – que compreendia toda a região Oeste Catarinense. Nas relações intraurbanas, ressalte-se a circulação de um jornal, a presença de uma agência do Banco do Brasil e do quartel da Polícia Militar. Além dessas funções urbanas, nesse período se registrou um expressivo aumento populacional, como apresentado na tabela 1.

Segundo esse mesmo estudo do IBGE, os centros de Nível 3, Centros Sub-Regionais, desempenhavam uma função intermediária entre o centro regional e as localidades menores, principalmente no que diz respeito à coleta da produção agrícola. Também se dividem em 3A e 3B.

A última categoria analisada pelo estudo, o centro de Nível 4, são os Centros Locais, pequenos centros que podem oferecer alguns serviços para localidades próximas, tais como serviços bancários, de ensino, serviços hospitalares, entre outros. Assim como os Níveis 2 e 3, divide-se em 4A e 4B.

Quanto às cidades da região em hierarquia inferior a Chapecó, podemos destacar como centro de nível 3B a cidade de São Miguel do Oeste. No 4º nível, temos a cidade de São Carlos como 4A e as cidades de Palmitos, Pinhalzinho e Dionísio Cerqueira no nível 4B, como podemos observar no mapa 5 abaixo. Os demais municípios da região não foram categorizados, somente citados como municípios sob influência de Chapecó; são eles: Águas de Chapecó, Saudades, Caibi, Cunha Porã, Modelo, Nova Erechim, Anchieta, Descanso, Guaraciaba, Romelândia, São José do Cedro, Guarujá do Sul e Palma Sola. Assim, a área de influência de Chapecó ficou restrita aos municípios do Oeste Catarinense.

Mapa 5: Estudo IBGE - 1972



Elaborado pela autora.

Para essa classificação dos níveis hierárquicos dos centros urbanos e suas áreas de influência, no estudo de 1972, foram delimitadas três etapas conforme IBGE (2008, p. 129):

Na primeira, somou-se o número de pontos obtidos por cada centro em cada um dos setores (fluxos agrícolas, distribuição de bens e serviços à economia e à população) e o total geral. Na segunda, estabeleceu-se uma hierarquia em função dos totais em cada matriz. Finalmente, na terceira etapa, a hierarquia e a subordinação dos centros foram definidas pelo agrupamento das matrizes segundo a dominância de relações com cidades metropolitanas.

Um segundo estudo analisado, concluído em 1983 e publicado somente em 1987, *Regiões de Influência das Cidades*, já apresentou algumas discrepâncias entre os dados, devido à demora da publicação do mesmo, lembrando que as décadas de 1970 e 1980 foram décadas do auge da

urbanização brasileira. Analisando as redes de localidades centrais, os pesquisadores do IBGE (1987, p. 12) afirmam que:

O dinamismo da rede de localidades centrais, que é o dinamismo do modo como se realizam as mudanças na produção, circulação, distribuição e consumo e nas articulações entre eles, também é extremamente importante, afetando a organização espacial presente e indicando a organização espacial da rede de localidades centrais de um futuro próximo.

O citado estudo considerou apenas a rede urbana brasileira a partir da centralidade dos centros urbanos, levando em consideração os bens e serviços que distribuem e também a área onde esta distribuição se realiza. Foram aplicados questionários em 1.416 sedes municipais, 698 a mais que no primeiro estudo; esse é o reflexo do processo de urbanização durante o qual vários distritos ou vilas se elevaram à categoria de cidades e, ainda, outras cidades antes constituídas como tais e que não exerciam nenhuma função que pudesse ser analisada, mas nesse estudo foram consideradas. As cidades selecionadas deveriam, então, dispor de um mínimo de atividades que potencialmente as capacitassem a exercer uma centralidade extramunicipal (IBGE, 1987, p. 16).

Os questionários contemplavam 16 atividades urbanas, subdivididas em 76 funções quanto aos bens e serviços e à quantidade destes encontrados em cada centro urbano pesquisado. As 16 atividades elencadas foram: comércio varejista, curso secundário, agência de Correios e Telégrafos, drogaria e farmácia, posto de saúde, médico, dentista (os centros que possuíam somente esses serviços, eram cidades com centralidade no máximo extra-municipal), posto da Receita Federal, construtor licenciado, curso comercial, agência do Banco do Brasil (os centros que possuíam todos os serviços elencados acima eram considerados de nível hierárquico mais elevado), advogado, hospital geral, comércio atacadista, curso normal e agências de banco (os centros que possuíam todas as 16 atividades elencadas possuíam uma situação intermediária com concentração mais diferenciadora).

Quanto às funções de bens e serviços (IBGE, 1987, p. 17):

Os 12 primeiros são aqueles que designam o nível hierárquico de centro metropolitano; os 23 que se seguem são definidores do nível de capital regional, enquanto os próximos 20 designam os nível

hierárquico de centro sub-regional. Os três conjuntos acima mencionados referem-se aos bens e serviços associados à questão da procura, por parte dos moradores das cidades pesquisadas, aos centros de níveis hierárquicos mais elevados. Finalmente, os 20 últimos bens e serviços, [...] são referentes ao nível de centro de zona e foram pesquisados na questão da procedência usual da população a cada cidade pesquisada.

Os questionários foram tabulados em matrizes, assim como no estudo de 1972, mas primeiramente em matrizes descritivas; depois, em matrizes de atuação e, por último, matrizes de conexão.

Para o estudo, buscou-se estabelecer as relações de subordinação entre as cidades analisadas conforme maior ou menor centralidade das mesmas. Para isso, o critério adotado para definir a subordinação de uma determinada cidade a uma localidade central, era que esta deveria ter o dobro de relações iguais ou superiores a centros de mesmo nível hierárquico. Segundo o estudo (IBGE, 1987, p. 21), nem todas as cidades brasileiras foram analisadas:

[...] excluíram-se da pesquisa as localidades centrais menores, os centros locais – cidades, atuando como localidades centrais, apenas, nos territórios para os quais são as sedes municipais – e os centros elementares – povoados e vilas cujas áreas de influência se estendem sobre parte de um território municipal.

Este estudo agrupou em quatro conjuntos a hierarquia brasileira. O primeiro grupo foram os Centros Metropolitanos, subdivididos ainda em Centros Submetropolitanos. O segundo grupo, as Capitais Regionais, sendo que Chapecó foi classificada nesta categoria. O terceiro correspondeu aos Centros Sub-Regionais, e o quarto e último grupo foi denominado como Centros de Zona.

Chapecó foi classificada como Capital Regional devido ao fato de atuar na distribuição de bens e serviços definidores desse nível e que em termos espaciais definiu sua região de influência. Classificação essa devido principalmente às transformações econômicas pela ampliação de todos os setores da economia no período e que podemos aqui citar: a consolidação das agroindústrias e a importância delas na economia local e regional; o surgimento de indústrias do ramo metal-mecânico em consonância com o setor

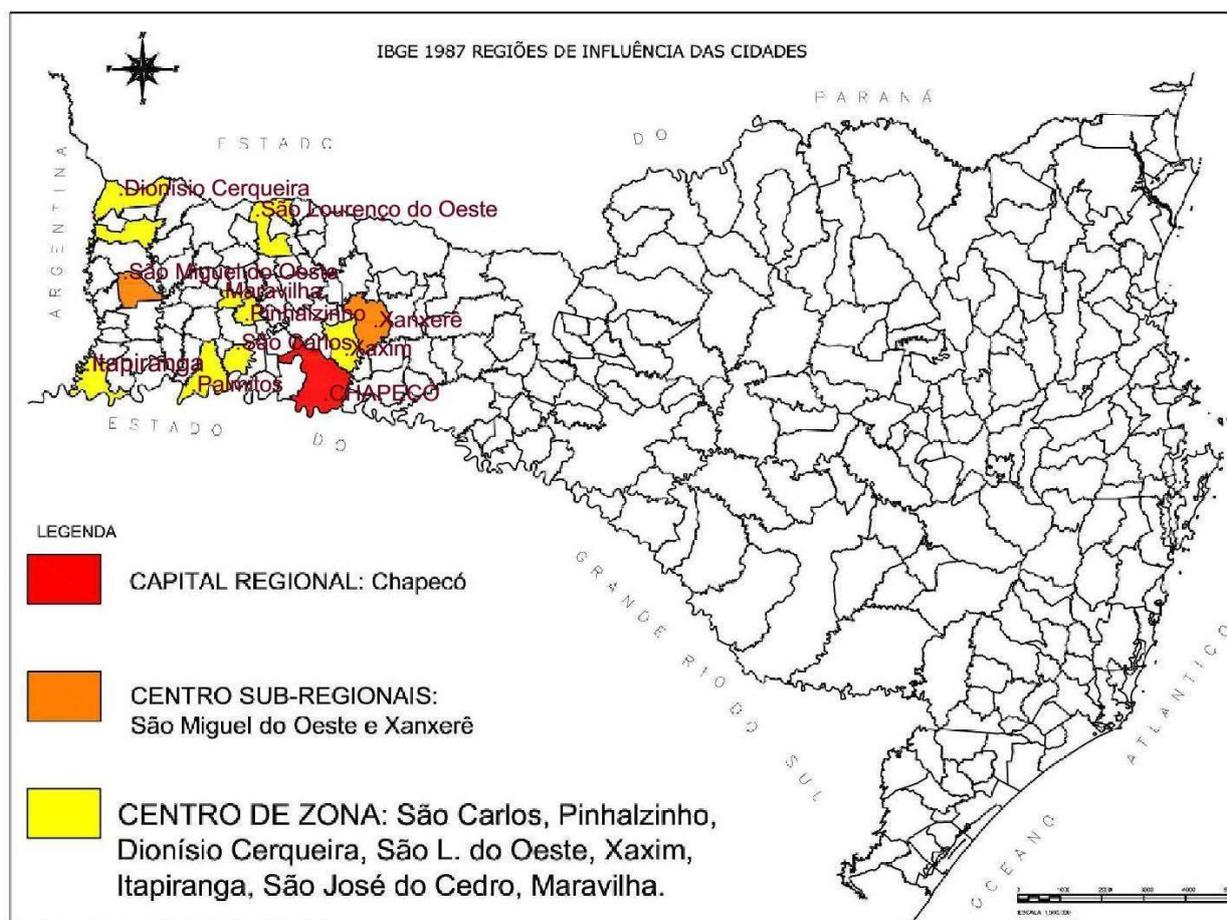
agroindustrial; a diversificação do comércio com 474 estabelecimentos no censo de 1980; a ampliação do setor de serviços, com destaque para o ensino técnico – através do Senai e Senac –, como também do ensino superior – através da Unoesc-Fundeste. Segundo outro estudo feito pelo IBGE e publicado em 1976⁵⁷ (p. 103):

O sistema urbano constitui um elemento fundamental na sociedade moderna. Através dele se realiza a atividade industrial e a articulação da sociedade, por intermédio da distribuição de bens e de serviços obtidos em diferentes áreas especializadas de produção do território. Desta forma, os centros urbanos tendem a desempenhar uma função central comum: a distribuição varejista de produtos industriais e a prestação de serviços para a população rural e residentes em outros núcleos urbanos. Os centros urbanos constituem-se, assim, em pontos focais para os consumidores residentes além de seus limites. Em outras palavras, a centralidade é uma característica comum aos centros urbanos de um sistema urbano.

Neste estudo, Chapecó e Florianópolis possuem a mesma classificação, são Capitais Regionais, sendo que a primeira está vinculada diretamente à região de influência de Porto Alegre, como também de Curitiba, duas Metrópoles Nacionais; e a segunda, somente à região de influência de Curitiba. Nessas duas redes urbanas, Chapecó polariza as cidades de Xanxerê e São Miguel do Oeste, consideradas Centros Sub-Regionais, como também as cidades de São Carlos, Palmitos, Maravilha, Pinhalzinho, Xaxim, São Lourenço d'Oeste, São José do Cedro, Dionísio Cerqueira, Itapiranga e a paranaense Barracão, classificadas nesse estudo como Centros de Zona, conforme podemos observar no mapa 6 abaixo.

⁵⁷ IBGE, 1976. Proposição metodológica para revisão da divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas.

Mapa 6: Estudo IBGE 1987



Elaborado pela autora.

Os demais municípios subordinados nessa rede são: Águas de Chapecó, Caxambu do Sul, Saudades, Caibi, Cunha Porã, Mondaí, Campo Erê, Modelo, Romelândia, Nova Erechim, Abelardo Luz, Faxinal dos Guedes, Ponte Serrada, São Domingos, Vargeão, Coronel Freitas, Quilombo, Anchieta, Descanso, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Palma Sola, municípios de Santa Catarina, além de Vitorino e Salgado Filho, no Paraná, e Palmitinho, no Rio Grande do Sul.

Não se levaram em conta aspectos populacionais, mas cabe aqui fazer um adendo sobre Chapecó nesse período. A população do município quase que dobrou, indo de 49.865, em 1970, para 83.768, em 1980. Contudo, o que mais chama a atenção é o crescimento da população urbana (172,6%), passando de 20.275 habitantes para 55.269.

O terceiro estudo analisado, *Regiões de Influência das Cidades 1993*, publicado em 2000, começa fazendo uma teorização sobre as redes geográficas, mas principalmente sobre a teoria das localidades centrais, partindo dos estudos de Walter Christaller de 1933 e estudos posteriores, principalmente os de Roberto Lobato Corrêa. A partir disso, buscou a construção da rede de lugares centrais, considerando a posição relativa dos centros, definida com base nas variáveis que expressavam a “intensidade dos fluxos ou intensidade de demanda, a extensão ou alcance espacial da área de influência de cada cidade, e a disponibilidade de equipamentos funcionais” (IBGE, 2000, p. 24).

Quanto à operacionalização do estudo, utilizaram-se informações dos censos de comércio e serviços referentes a 1985 e outros estudos que acrescentassem dados complementares para a definição de um conjunto de funções centrais que auxiliassem na reflexão sobre os diferentes níveis de centralidade das cidades brasileiras.

Um dos principais aspectos, segundo o IBGE (2000, p. 4), é que este:

Apresenta um quadro de referência do sistema urbano brasileiro utilizado para fins de gestão do território, planejamento regional e/ou municipal, estudos de urbanização e racionalização de decisões quanto à localização de diferentes tipos de atividades econômicas ou de infra-estrutura social, quer na esfera pública ou privada. [...] as cidades brasileiras aparecem classificadas e hierarquizadas segundo seus níveis de centralidade, bem como são definidas suas ligações espaciais e mapeadas suas áreas de atuação ou de mercado.

A partir disso, foram definidas 46 funções centrais, raras ou frequentes, que constituíram a base do estudo. Nem todas as cidades brasileiras foram pesquisadas, pois nem todas elas eram dotadas de uma centralidade mínima que justificasse fluxos de bens e serviços oriundos de outros centros. Foram, então, selecionados 2.106 centros de um total de 4.495 municípios existentes.

Quanto às funções analisadas, das 46, 14 foram classificadas como de bens e serviços de baixa complexidade e que poderiam ser encontrados em cidades com menor nível de centralidade. As 14 funções elencadas foram: produtos para agricultura e pecuária, ferragens e louças em geral, aparelhos eletrodomésticos em geral, filmes fotográficos e serviços de revelação, móveis e estofados, automóveis novos, óculos com receita médica, hospital geral

(público ou particular), laboratórios de análises clínicas, cirurgiões dentistas, agências bancárias, serviços gráficos, serviços de contabilidade e serviços de advocacia.

As outras 30 funções (IBGE, 2000, p. 18) “foram consideradas como geradoras de fluxos de média e elevada complexidade e definidoras de hierarquias/centralidades mais elevadas que aquelas primeiras”. As 30 funções analisadas foram as seguintes: tratores, arados mecânicos e seus acessórios; caminhões novos; aviões de pequeno porte; motores e bombas hidráulicas em geral; serviços autorizados de eletroeletrônicos (conserto de videocassetes, aparelhos de som, filmadoras e fornos de microondas); persianas, cortinas e tapetes; prataria, cristais e objetos de decoração; artigos importados (perfumes, bebidas e eletroeletrônicos); instrumentos musicais; móveis para escritório; máquinas de escrever; computadores, microcomputadores e periféricos; médico pediatra; médico oftalmologista; médico cardiologista, médico oncologista e/ou nefrologista; cirurgias especializadas (de olhos, cardiovasculares, neurocirurgias e transplantes); serviços especializados de saúde (tomografia computadorizada, medicina nuclear e hemodiálise); equipamentos e instrumentos médico-cirúrgicos; serviços de ortodontia; material e equipamentos para dentistas; oxigênio para hospitais; instrumentos óticos de precisão; agências de turismo; escritórios e agências de publicidade; serviços de engenharia; escritórios de consultoria e planejamento; cursos de nível superior; cursos de pós-graduação (somente mestrado e doutorado) e livros técnicos e/ou importados.

As duas funções restantes dizem respeito a fluxos relativos à busca dos serviços de informação, mas não integraram o conjunto de funções centrais definidor do nível hierárquico das cidades brasileiras (IBGE, 2000).

Baseada nas funções estabelecidas, o trabalho de campo buscou identificar os direcionamentos de busca delas presentes nos centros selecionados, ou seja, a origem ou os destinos dos fluxos de pessoas à procura de consumo de bens e/ou serviços (IBGE, 2000). Após essa coleta de dados, aplicaram-se matrizes descritivas para estabelecer as hierarquias apresentadas. Foram assim classificados oito níveis de centralidade das cidades brasileiras, conforme organizado no quadro 2.

Quadro 2 – Nível de Centralidade das Cidades Brasileiras

NÍVEIS	Nº DE CIDADES	PADRÕES DE CIDADES
Máximo	9	Metropolitano
Muito forte	24	Submetropolitano
Forte	35	Capital Regional
Forte para Médio	108	Centro Sub-Regional
Médio	141	Tendendo a Centro Sub-Regional
Médio para Fraco	195	Predominantemente de Centro de Zona (ou centro local)
Fraco	250	Tendendo a Centro de Zona (ou centro local)
Muito Fraco	3.733	Municípios Subordinados

Fonte: IBGE, 2000.

Organizado pela autora.

Chapecó é caracterizada como uma cidade com “centralidade forte” dentro dos níveis de centralidade estudados. Numa primeira análise, Chapecó está dentro da Rede de Lugares Centrais e Área de Atuação de Curitiba (PR), através da rede formada por Florianópolis e não diretamente ligada a ela, sendo classificada como Capital Regional em função da sua centralidade. Numa segunda análise, também faz parte da Rede de Lugares Centrais e Área de Atuação de Porto Alegre (RS), e nesta também se destaca seu nível de centralidade forte.

Para efeito de análise, a cidade é considerada no terceiro nível de hierarquia urbana, com uma centralidade forte já denotando o nível de articulação em todo o Oeste Catarinense. As funções urbanas estão atreladas a alguns setores da economia, principalmente às agroindústrias que figuram entre as maiores exportadoras de carnes do Brasil, mas também ao comércio abastecedor de produtos para a região, ao setor de serviços destacando a saúde especializada, o ensino superior, os serviços financeiros com a presença de agência dos principais bancos brasileiros, e também a cidade como centro de gestão, pois aí estão instalados órgãos federais e estaduais.

Do conjunto de centros urbanos polarizados por Chapecó podemos destacar: São Miguel do Oeste, com nível de Forte para Médio; Xanxerê e Concórdia, no nível Médio; Maravilha e Palmitos, no nível Médio para Fraco, assim como podemos observar no mapa 7 abaixo:

Mapa 7: Estudo IBGE 1993



Elaborado pela autora.

As demais cidades do Oeste Catarinense foram classificadas como cidades de nível Fraco ou Muito Fraco. Queremos aqui salientar as cidades do estado do Rio Grande do Sul polarizadas por Chapecó, tais como: Nonoai, Planalto, Entre Rios do Sul, Erval Grande, Faxinalzinho, Gramado dos Loureiros, Rio dos Índios, Trindade do Sul, Alpestre e Ametista do Sul.

A constatação do papel que Chapecó exerce enquanto polo regional é confirmada no último estudo publicado pelo IBGE, seguindo a lógica dos realizados sobre a rede urbana brasileira. No estudo publicado em 2008, *Região de Influência das Cidades 2007 (REGIC 2007)*, é possível observar a evolução da rede urbana brasileira nas quatro últimas décadas, com destaque para as “permanências e as modificações registradas nesta rede, no início do século XXI [...]” (IBGE, 2008, p.9).

Com o aprofundamento cada vez maior dos processos globalizantes, houve uma crescente mudança no perfil das cidades brasileiras. A utilização de

novas tecnologias e as mudanças nas redes técnicas tiveram um papel importante nesse processo. Segundo a análise feita pelo IBGE (2008, p. 9):

Na última década, a introdução de novas tecnologias e alterações nas redes técnicas, o aprofundamento da globalização da economia brasileira e o avanço da fronteira de ocupação imprimiram modificações marcantes no território, o que indica a oportunidade de atualizar-se o quadro das regiões de influência das cidades.

De um total de 5.564 municípios brasileiros existentes no período da coleta de dados, foram pesquisados 4.625, em sua maioria municípios com menos de 20.000 habitantes. Os responsáveis pelas pesquisas foram as agências regionais do IBGE. O questionário preenchido por elas investigou (IBGE, 2008, p. 9):

1) as principais ligações de transportes regulares, em particular as que se dirigem aos centros de gestão; e 2) os principais destinos dos moradores dos municípios pesquisados para obter produtos e serviços (tais como compras em geral, educação superior, aeroportos, serviços de saúde, bem como os fluxos para aquisição de insumos e o destino dos produtos agropecuários).

Quanto à hierarquia dos centros urbanos, o estudo reconheceu quatro níveis principais de cidades, os quais foram divididos em dois ou três subníveis. No topo da hierarquia, encontraremos as Metrôpoles, e estas divididas entre Grande Metrôpole Nacional (São Paulo), Metrôpoles Nacionais (Rio de Janeiro e Brasília) e Metrôpoles (Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre). Um segundo nível de classificação corresponde às Capitais Regionais, subdivididas em Capital Regional A, B e C (aqui não as identificaremos, pois é uma gama de 70 cidades). Um terceiro nível classificado pelo estudo são os Centros Sub-Regionais, subdivididos em Centros Sub-Regionais A e B (num total de 164). O quarto nível são os Centros de Zona, subdivididos em Centros de Zona A e B (556 no total). E um último nível, cidades que não exercem hierarquia nenhuma em relação a outras, mas, foram identificadas nesse estudo, são os Centros Locais (4.473). No quadro 3 mostra-se o número de municípios enquadrados em cada nível:

Quadro 3 - Hierarquia dos Centros Urbanos Brasileiros

NÍVEIS	SUB-NÍVEIS	QUANTIDADE DE MUNICÍPIOS IDENTIFICADOS
Metrópoles	Grande Metrópole Nacional	1
	Metrópole Nacional	2
	Metrópole	9
Capital Regional	Capital Regional A	11
	Capital Regional B	20
	Capital Regional C	39
Centro Sub-Regional	Centro Sub-Regional A	85
	Centro Sub-Regional B	79
Centro de Zona	Centro de Zona A	192
	Centro de Zona B	364
Centro Local		4.473

Fonte: IBGE, 2008

Organizado pela autora.

Para chegar a esses dados, o IBGE tomou como base principalmente a função de gestão do território, tanto pelos órgãos do Estado, quanto pelas sedes de empresas que têm intervenção direta ou indireta nos espaços analisados. A partir disso, foi “possível avaliar níveis de centralidade administrativa, jurídica e econômica” (IBGE, 2008, p. 131). Quanto à gestão do território pelos órgãos do Estado, foi analisada somente a presença dos órgãos federais em duas instâncias: o Poder Executivo e o Poder Judiciário. Na gestão empresarial, tomou-se como base as empresas que possuíam filiais em cidades diferentes das da sua sede.

Além da função de gestão do território, também se buscou analisar as variáveis equipamentos e serviços, pois também são importantes para qualificar melhor a centralidade dos núcleos identificados e para garantir a inclusão dos centros especializados e possivelmente não selecionados (IBGE, 2008). Os equipamentos e serviços analisados e quantificados neste estudo foram: comércio e serviços, instituições financeiras, ensino superior, saúde, internet, redes de televisão aberta e conexões aéreas.

Quanto ao critério centros de gestão, foram identificados 1.082 centros: 906 centros de gestão federal e 724 de gestão empresarial. Em alguns casos,

foram encontradas as duas variáveis, sendo que, em outros, somente uma variável foi encontrada.

Para as variáveis de equipamentos e serviços, foi aplicado um questionário que teve como objetivo identificar as cidades de maior hierarquia, investigando as ligações de transporte coletivo e os principais destinos dos moradores.

Segundo o estudo (IBGE, 2008, p. 140):

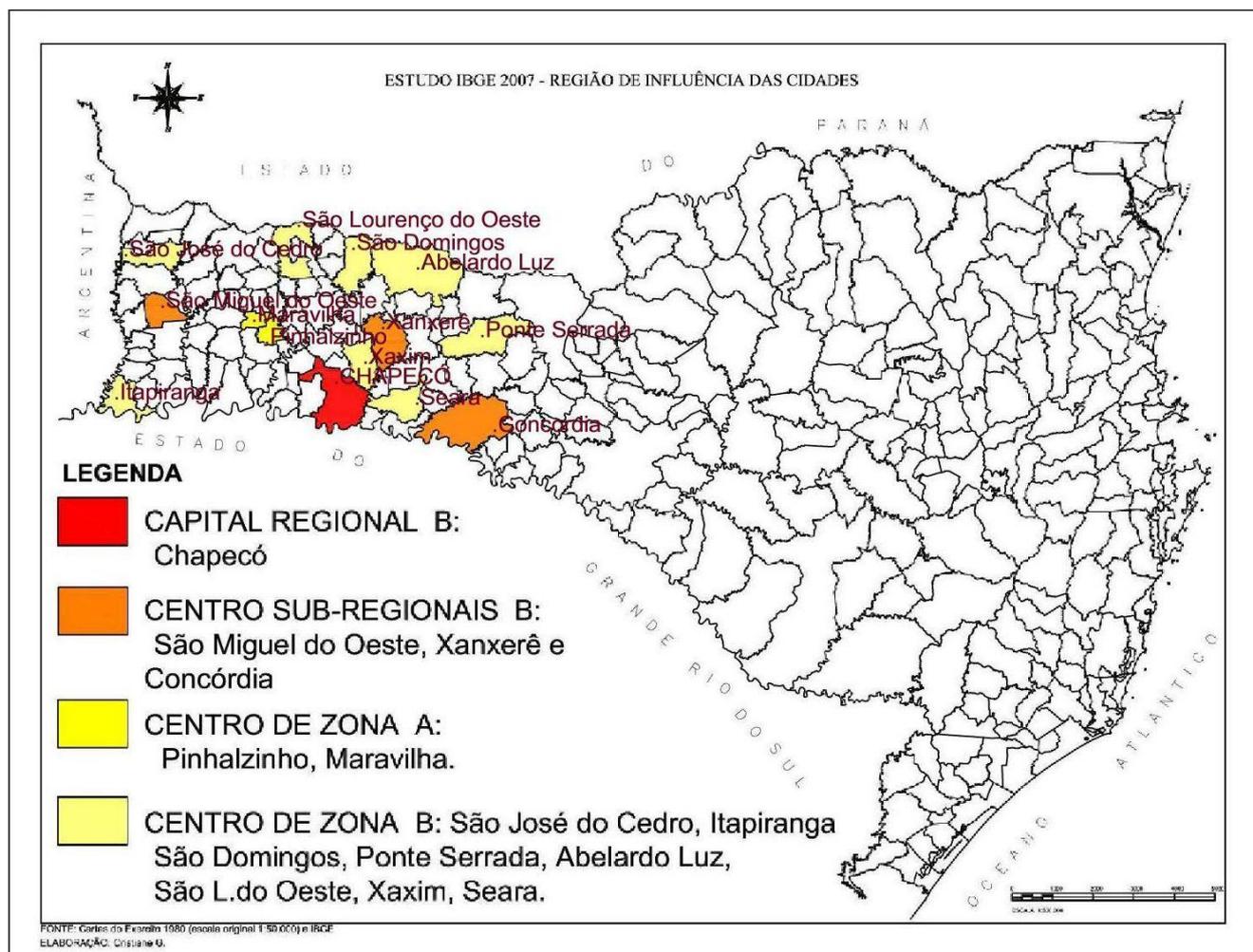
O passo inicial da construção da rede a partir dos dados do questionário foi o exame da centralidade das cidades, com base na intensidade de relacionamentos, ou seja, no número de vezes em que são apontadas como destino, nos sete temas considerados. [...] As duas redes de ligações – a dos centros de gestão e a das informações do questionário – foram combinadas para definir as regiões de influência dos centros urbanos.

Dessa forma, Chapecó é caracterizada como Capital Regional B, tanto na região de influência da Metrópole Curitiba, quanto na região de influência da Metrópole Porto Alegre. Essa classificação confirma o papel de intermediação que Chapecó possui na rede urbana, como também de polarização das cidades de seu entorno, ou seja, enquanto capital regional, as funções do espaço urbano exercem influência no âmbito regional, sendo referência para uma gama de atividades e serviços para a população. Aprofundaremos mais a identificação das atividades que caracterizam Chapecó e que justificam essa classificação de capital regional na rede urbana brasileira, no capítulo 4, como também avançaremos na confirmação da condição de cidade média do Oeste Catarinense.

A rede urbana formada, tendo Chapecó como Capital Regional B, possui ainda numa hierarquia imediatamente superior: Florianópolis como Capital Regional A, e as Metrôpoles Curitiba e Porto Alegre. Quanto às cidades da região Oeste Catarinense com hierarquia inferior a Chapecó, podemos citar Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, classificadas como Centros Sub-Regionais B; Maravilha e Pinhalzinho, enquanto Centros de Zona A; São José do Cedro, Itapiranga, São Domingos, Ponte Serrada, Abelardo Luz, São Lourenço do Oeste, Xaxim, Seara e Nonoai (RS), como Centros de Zona B, além de outros 79 municípios catarinenses e 6 municípios gaúchos

classificados como Centros Locais, alguns desses, podemos observar no mapa 8 abaixo:

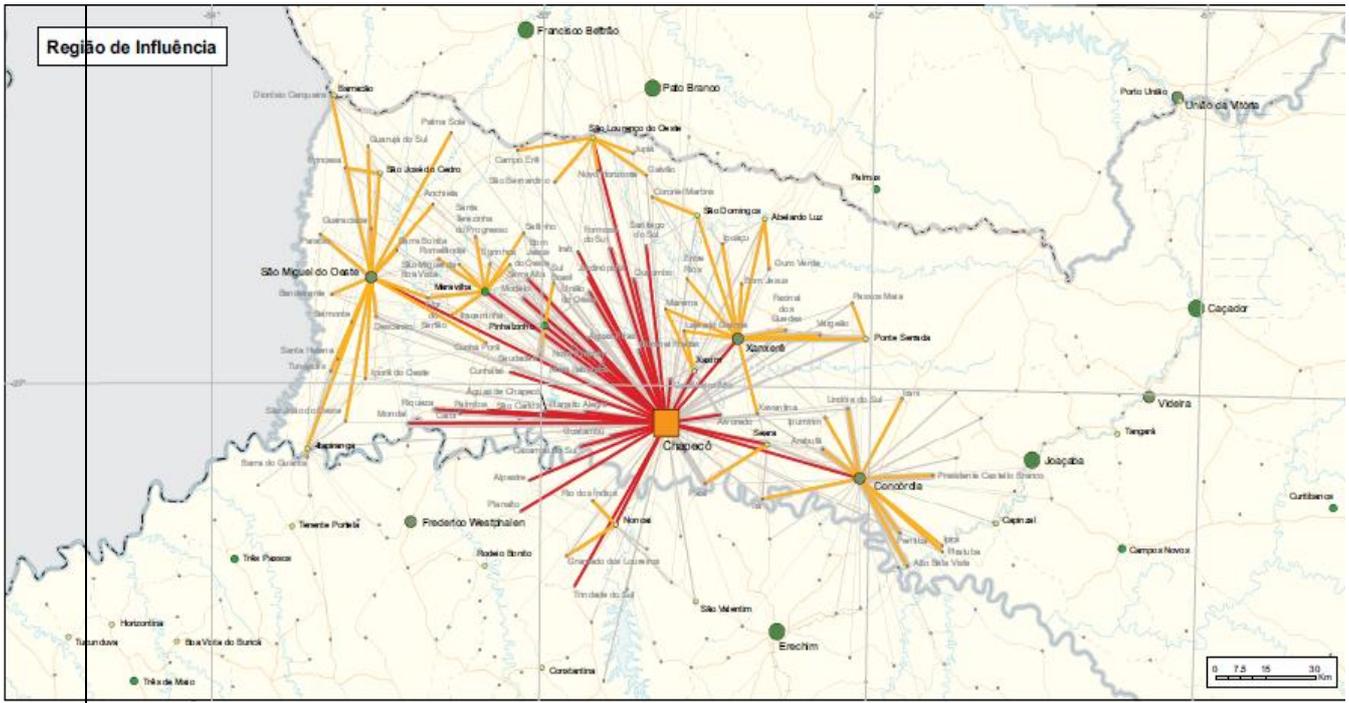
Mapa 8: Estudo IBGE 2007



Elaborado pela autora.

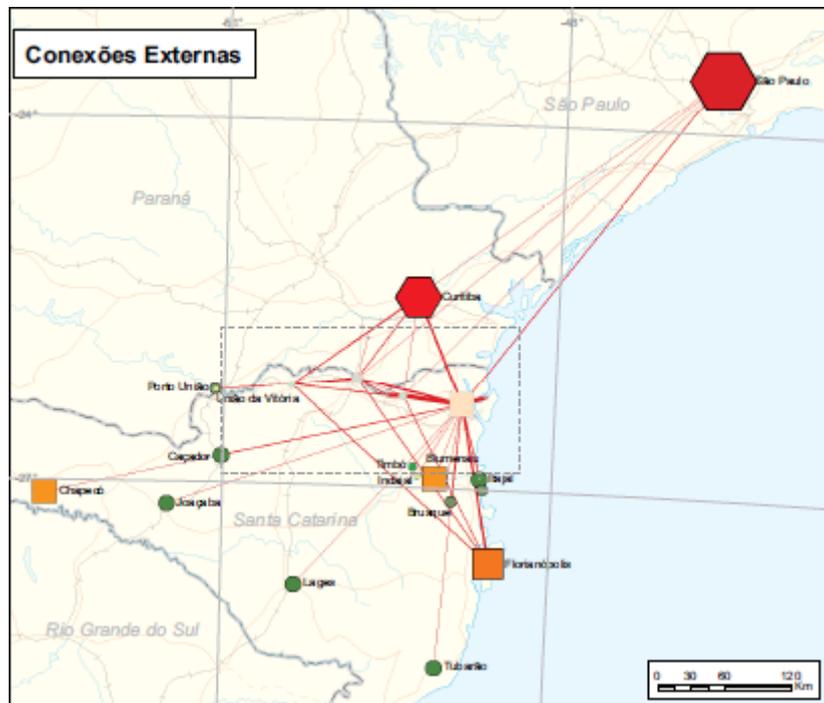
Neste estudo queremos referir-nos ainda às conexões externas à rede urbana diretamente polarizada por Chapecó, dando destaque para as cidades de São Paulo e Brasília (Metrópoles Nacionais), Florianópolis, Itajaí, Campos Novos, Joaçaba, Caçador e Videira, em Santa Catarina, Pato Branco e Porto União, no Paraná, e Sarandi, no Rio Grande do Sul. Pode-se observar isso através da figura 6 e 7 abaixo extraída do referido estudo:

Figura 6: Região de Influência de Chapecó (REGIC, 2007)



Fonte: IBGE, 2007

Figura 7: Chapecó e conexões externas



Fonte: IBGE, 2007.

Ao observarmos o desempenho de Chapecó nos estudos acima analisados, é possível fazer as seguintes observações:

Quadro 4 – Chapecó: Categorização da cidade nos estudos do IBGE

ANO DO ESTUDO / PUBLICAÇÃO	NÍVEL HIERÁRQUICO CLASSIFICADO	POSIÇÃO NA HIERARQUIA URBANA
1966-1972	Centro Regional B	6ª (de 10 níveis)
1983-1987	Capital Regional	3ª (de 5 níveis)
1993-2000	Forte	3ª (de 8 níveis)
2007-2008	Capital Regional B (2B)	5ª (de 10 níveis)

Fonte: IBGE, 1972, 1987, 2000, 2008
Organizado pela autora

Quanto à rede de cidades polarizadas por Chapecó, destacamos algumas que aparecem em todos os estudos sempre com uma hierarquia logo inferior a Chapecó e que podem ser consideradas micropolos⁵⁸ na rede urbana do Oeste Catarinense, são elas: São Miguel do Oeste, Xanxerê, Concórdia, Maravilha e Pinhalzinho. No decorrer das décadas, pode-se perceber a importância regional que algumas cidades começam a ter na hierarquia urbana, como Xanxerê e Concórdia, e também o enfraquecimento de outras, como São Carlos e Palmitos. Essa evolução da rede urbana pode ser percebida nos mapas 5, 6, 7 e 8. Outro ponto a ser destacado é que muitas das cidades que apareceram com certo grau de hierarquia dentro da rede urbana constituída no Oeste Catarinense, correspondem às sedes dos primeiros municípios que se desmembraram de Chapecó, como analisado no capítulo 1, dentre as quais São Miguel do Oeste, Xanxerê, São Carlos e Palmitos.

Com isso, as cidades acabam se estruturando a partir de relações verticais com superioridade de alguns centros em relação à área polarizada e também relações horizontais a partir da complementaridade entre os centros urbanos e suas áreas de influência (SANTOS, 1996). A cidade de Chapecó pode ser considerada um centro urbano de influência na região em que está inserida, mantendo seu papel de intermediação entre as metrópoles e os

⁵⁸ Sobre isso, ver mais em: Fujita, Matiello e Alba (2009): Rede de pólo e micropolos regionais no oeste catarinense.

centros urbanos locais, como também com as áreas rurais próximas, devido, principalmente, à importância do setor agroindustrial.

Apesar de os estudos trazerem subsídios importantes para entendermos a complexa rede urbana brasileira, eles também possuem limitações em suas análises, mas são de grande valor para pesquisadores que estudam a temática urbana. A metodologia utilizada consistiu, essencialmente, em questionários e na aplicação de matrizes de análise (descritivas, de atuação e de conexão), mas com a análise de mais variáveis a cada novo estudo.

Uma das principais limitações identificadas é o fato de que, entre as pesquisas de campo que foram realizadas e a publicação dos trabalhos, houve um período muito grande (em anos) sem dados, um período em que a urbanização brasileira estava numa dinâmica crescente. Isso ocorreu nos três primeiros estudos. No primeiro, a pesquisa foi realizada em 1966 e publicada em 1972. No segundo estudo analisado, a pesquisa foi realizada em 1983 e publicada em 1987. E o terceiro, publicado em 2000, teve sua pesquisa realizada em 1993.

Esses estudos nos permitem distinguir algumas linhas adotadas para a sua realização. Segundo uma análise feita pelo estudo publicado em 2008 (IBGE, 2008, p. 129):

No primeiro estudo, foram inicialmente definidos e classificados os centros segundo seus equipamentos, sendo posteriormente identificadas, com base nos fluxos, suas áreas de influência. Os dois estudos subseqüentes, por outro lado, estabelecem a hierarquia dos centros e definem suas áreas de influência em uma única etapa, limitando seu escopo ao dos questionários.

A análise desses estudos comprova que Chapecó possui uma centralidade muito forte perante a região Oeste Catarinense, como também polariza algumas cidades do noroeste do Rio Grande do Sul. Sua área de polarização direta ou indireta compreende em torno de 200 municípios catarinenses e gaúchos. Essa centralidade avulta principalmente nas atividades comerciais, levando em consideração a população que se desloca até Chapecó, como também nos serviços que oferece, principalmente, os do ensino superior e serviços de saúde. No capítulo 2 já foram levantados alguns

aspectos que denotavam a centralidade de Chapecó, mas eles serão melhor quantificados no capítulo 4, pois essa condição caracteriza Chapecó como cidade média no Oeste Catarinense.

3.2 Centralidade de Chapecó e sua área de influência: a rede urbana formada a partir dessa centralidade

Partindo dos estudos acima analisados, podemos afirmar que Chapecó possui uma centralidade muito grande perante sua área de influência direta, como também perante a rede urbana catarinense e do sul do país, ou seja, Chapecó é o centro da rede urbana formada no Oeste Catarinense. Outros estudos, ainda, sobre a geografia urbana de Santa Catarina corroboram essa afirmação. Peluso Júnior, em seu livro *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*, publicado em 1991, dedica um capítulo a Chapecó, intitulado de *A evolução da cidade de Chapecó: de povoado a centro regional*, onde faz menção à pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia que categoriza, então, Chapecó entre os centros regionais do país.

Chapecó, desde a sua criação desempenhou um papel articulador na região Oeste Catarinense devido a:

- 1) Ser a sede do primeiro município criado, com uma área que compreendia quase que totalmente o vasto território da atual região.
- 2) Instalação de unidades de gestão do Governo do Estado no núcleo urbano de Chapecó. Para Peluso Júnior (1991, p. 300):

A política de sediar em Chapecó os serviços e instituições estaduais de interesse regional, iniciada após a extinção do território do Iguazu, prosseguiu nos anos sessenta. O Governo do Estado decidiu criar a Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, em 1963, trazendo à própria região a administração estadual, cuja ação se realizaria a partir da cidade de Chapecó.

Quanto ao segundo ponto acima destacado, o estudo do IBGE de 2008 procurou identificar as áreas de influência das cidades através dos centros de gestão do território pela gestão do Estado e gestão empresarial. Para Corrêa (1995, p. 83), “os centros de gestão do território caracterizam-se como aquelas

idades onde se localiza uma grande diversidade de órgãos do Estado e sedes de empresas, a partir das quais são tomadas decisões que afetam diretamente ou indiretamente um dado espaço”. Com base nisso, é possível identificar em Chapecó os dois tipos de centros de gestão do território. Hoje, na cidade de Chapecó estão instalados 18 órgãos estaduais e 29 repartições públicas federais (muitas delas, somente aí encontradas, tomando como base a região Oeste Catarinense), identificados nos quadros 5 e 6 abaixo:

Quadro 5 – Chapecó: Órgãos Estaduais presentes

SIGLA	DENOMINAÇÃO
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A
CASAN	Companhia Catarinense de Águas e Saneamento
	10ª Regional de Saúde
IPESC**	Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina
10ª CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DER	Departamento de Estradas e Rodagem
	Corpo de Bombeiros
	Exatoria Estadual
	2º Batalhão da Polícia Militar
	Fórum de Justiça
CIRETRAM	Circunscrição Regional de Trânsito
	12ª Delegacia Regional de Polícia
COHAB*	Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina
CETREC	Centro de Treinamento da Epagri
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural Santa Catarina S.A
SDR	Secretaria de Desenvolvimento Regional
CIDASC	Cia Integrada de Desenvolvimento Agrícola Santa Catarina
FATMA***	Fundação do Meio Ambiente

Fonte: Banco de Dados da Prefeitura Municipal de Chapecó 2011

Organizado pela autora

* Somente a unidade de Chapecó em toda a região Oeste catarinense.

** Na região Oeste catarinense existem 3 agências: São Miguel do Oeste, Caçador e Chapecó.

***Unidades na região Oeste catarinense: Caçador, Joaçaba, São Miguel do Oeste e Chapecó.

Quadro 6 – Chapecó: Repartições Federais presentes

SIGLA	DENOMINAÇÃO
10ª CREA	Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia
DNER*	Departamento Nacional de Estradas e Rodagem
DIPOA*	Departamento de Produtos de Origem Animal
EBCT	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
LBA*	Legião Brasileira de Assistência
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
INPS	Instituto Nacional da Previdência Social
IAPAS*	Instituto Administrativo de Previdência e Assistência Social
INCRA*	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
INMETRO*	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SUDEPE*	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
TELESC	Telecomunicações de Santa Catarina
	Secretaria da Receita Federal****
	Polícia Rodoviária Federal
	Junta do Serviço Militar
FUNAI*	Fundação Nacional do Índio
	Vara da Justiça Federal
CONAB	Cia Nacional de Abastecimento
JCJ	Junta de Conciliação e Julgamento
IBAMA**	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
SINE	Sistema Nacional de Empregos
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas
	Delegacia da Polícia Federal***

Fonte: Banco de Dados da Prefeitura Municipal de Chapecó 2011

Organizado pela autora

* Encontrada somente em Chapecó perante a região Oeste catarinense.

** Superintendência em Caçador e Chapecó na região Oeste catarinense.

*** Superintendência em Dionísio Cerqueira e Chapecó na região Oeste catarinense.

**** Unidades regionais em São Miguel do Oeste, Joaçaba e Chapecó.

Segundo o IBGE (2008), quanto à gestão do território, por diversificação – atividades de comércio – e analisando a concentração espacial, Chapecó se destaca como concentrada e especializada com centralidade máxima. Quanto à totalidade de análise sobre os centros de gestão, incluindo gestão federal e empresarial, Chapecó aparece no terceiro (de seis) nível de centralidade. É oportuno salientar aqui alguns exemplos desses centros de gestão empresarial, como o da Aurora e da CooperAlfa, no setor agroindustrial; a localização das superintendências regionais do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Itaú (denominada de plataforma empresarial), Bradesco, Safra e Santander. Para Corrêa (2006, p. 61):

[...] gestão do território são as ações exercidas pelos agentes sociais, privados e públicos, no sentido de apropriar-se de um território e controlar a sua organização socioespacial. Visam estas ações, em última instância, garantir a reprodução do sistema social do qual os agentes que dispõem de poder constituem os gestores do território.

3) Importância das atividades e funções relacionadas com a instalação e fortalecimento do ramo industrial, com destaque para as madeireiras e, principalmente, as agroindústrias. O comércio também se sobressai, pois surge das demandas incipientes criadas no período da colonização e, à medida que outras atividades vão despontando, estas acabam carecendo de níveis mais especializados de produtos, fazendo com que o setor se reestruture para atender às novas demandas. Isso também se percebe no setor de serviços, que se reorganiza e abarca as demais necessidades. Esse destaque na concentração das atividades econômicas faz com que a população se desloque até Chapecó para usufruir dos serviços mais especializados.

A tipificação que Chapecó vai adquirindo na conformação da rede urbana brasileira como centro ou capital regional, foi sendo comprovada pelos estudos realizados pelo IBGE, como também por outros deste mesmo instituto ou ainda por pesquisadores da área urbana, como podemos observar numa publicação do IBGE (1968, p. 334):

Chapecó, em Santa Catarina pode mesmo ser considerado como centro regional em formação pois que a vida urbana no oeste catarinense está, ainda, em emergência. Dentre as localidades urbanas que pelos critérios apresentados se caracterizaram por sua centralidade, as que se destacam pelo equipamento terciário mais completo e pelo extenso raio de ação de suas funções centrais e, assim, foram classificadas como centros regionais ou de 2ª ordem são: Caxias do Sul, Passo Fundo, Erechim, Cruz Alta, Santo Ângelo, Santa Maria e Pelotas no Rio Grande do Sul e Tubarão-Criciúma em Santa Catarina. Como centros de 2ª ordem em formação Santa Rosa e Chapecó.

Outro estudo do mesmo instituto, publicado em 1970 (p. 484), afirma que:

Suas cidades beneficiar-se-ão, [...] Chapecó que, embora ainda não esteja totalmente equipada para exercer a função básica de uma cidade, já sobrepuja as demais, estendendo sua influência pelos municípios do oeste, que constituíam outrora, um único município, o antigo Chapecó.

Pompilio (1987) faz um estudo sobre a hierarquia urbana e áreas espaciais de influência do estado de Santa Catarina baseado na variável: circulação de ônibus intermunicipais. Nessa análise, a autora afirma que a rede hierárquica do Estado catarinense era comandada então, por oito centros regionais: Florianópolis, Joinville, Blumenau, Lages, Criciúma, Itajaí, Tubarão e Chapecó. Ainda hoje esses são os grandes centros articuladores na rede urbana catarinense. A mesma autora caracteriza como centro regional, analisando a circulação de ônibus intermunicipais, os que apresentam “ampla área de influência, elevado número de habitantes, grande quantidade de viagens diárias com elevado percentual em direção a localidades menores” (POMPILIO, 1987, p. 23).

Seguindo essa linha de análise, o IPEA, IBGE, UNICAMP/IE/NESUR e IPARDES organizaram o estudo intitulado *Série Caracterização e Tendências da Rede Urbana Brasileira*, publicado em 2000. Nesse estudo, o território é dividido em mesorregiões, tipificadas quanto à rede que formam. Na mesorregião Oeste Catarinense, definem que Chapecó é o principal centro urbano, pois possui um “nível de centralidade forte, é município de média dimensão, distingue-se por uma estrutura ocupacional com maior diversificação e pelo maior peso em atividades urbanas” (IPEA *et al*, 2000, p. 73). Complementam a hierarquia urbana São Miguel do Oeste e Joaçaba, com centralidade de forte para média. Segundo IPEA *et al* (2000, p. 127-128):

Esses centros (São Miguel do Oeste e Joaçaba) distinguem-se por uma estrutura ocupacional com maior diversificação e pelo maior peso em atividades urbanas, com proporções elevadas de sua população ocupada nos segmentos comerciais mais complexos, com máquinas e equipamentos, e uma participação significativa no sistema bancário e nos serviços em geral, mas com destaque para serviços técnicos e profissionais especializados.

Logo abaixo desses centros, encontram-se as cidades de Caçador, Concórdia e Xanxerê, com um nível de centralidade médio. Com centralidade de médio para fraco, encontram-se as cidades de Maravilha, Palmitos e Videira. Fazendo um paralelo com o estudo do IBGE (2008), *Regiões de Influência das Cidades 2007*, Chapecó polariza diretamente Xanxerê, São Miguel do Oeste e Concórdia, que são Centros Sub-regionais B na

hierarquização do estudo; Maravilha e Pinhalzinho, que são Centros de Zona A.

Aqui é importante ressaltar que as cidades de Concórdia, São Miguel do Oeste, Maravilha, Chapecó e, ainda, Videira, que não apresentou nível de centralidade considerável, formam um eixo especializado em atividades agroindustriais considerável, pois é nelas que se localizam unidades industriais dos maiores grupos do setor. Em Concórdia, Chapecó e Videira, têm-se unidades da atual Brasil Foods (empresa a partir da fusão das grandes Sadia e Perdigão) e, em Chapecó, São Miguel do Oeste e Maravilha, unidades fabris da Aurora (razão social: Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora Alimentos). Lembrando que no *ranking* feito pela Revista Exame sobre as maiores empresas por vendas em 2009, a Sadia aparece na posição 31^a, e a Aurora na 140^a. No ano de 2000, segundo IPEA et al. (2000, p.128), a grande região Oeste catarinense respondia por “90% das exportações de carne suína e 60% das exportações de carne de frango do Brasil, sendo o principal polo do país nessa atividade”.

Abaixo, no quadro 7, apresentaremos algumas variáveis de análise e cidades que Chapecó polariza em relação a essas categorias.

Quadro 7 - Chapecó e cidades diretamente polarizadas a partir de variáveis de análise:

Variáveis de Análise	Cidades diretamente polarizadas (nível inferior)*
Gestão Federal	Joaçaba, Videira, Caçador, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia.
Gestão Comercial	São Miguel do Oeste, Maravilha, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador.
Atividades de Comércio	São Miguel do Oeste, Maravilha, Pinhalzinho, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador.
Atividades de Serviço	São Miguel do Oeste, Xanxerê, Maravilha, Pinhalzinho, Videira, Concórdia, Joaçaba, Caçador, Fraiburgo.
Atividades de Serviço e Comércio	São Miguel do Oeste, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Caçador, Maravilha, Pinhalzinho, Fraiburgo.
Atividades Financeiras	São Miguel do oeste, São José do Cedro, Concórdia, Xaxim, Xanxerê, Joaçaba, Maravilha, Videira, Caçador, Capinzal, Campos Novos e Fraiburgo.
Serviços de Saúde	São Miguel do Oeste, Maravilha, Xaxim, Concórdia, Xanxerê, Itá, Campos Novos, Caçador, Fraiburgo, Capinzal, Itá e Videira.

* Outros municípios considerados centros locais e que são polarizados por Chapecó, não aparecem nesse levantamento.

Fonte: IBGE, 2008, FUJITA et al., 2009.

Organizado pela autora.

Com base nessas variáveis, que serão quantificadas no próximo capítulo, podemos afirmar que Chapecó, desde os primeiros estudos feitos sobre a rede urbana brasileira, sempre despontou com uma grande centralidade, teve e continua tendo destaque com um nível hierárquico importante, polarizando diretamente 98 municípios catarinenses e uma população em torno de 900 mil habitantes.

CAPÍTULO 4: Chapecó, Cidade Média do Oeste Catarinense

4.1 A (re) estruturação intraurbana de Chapecó

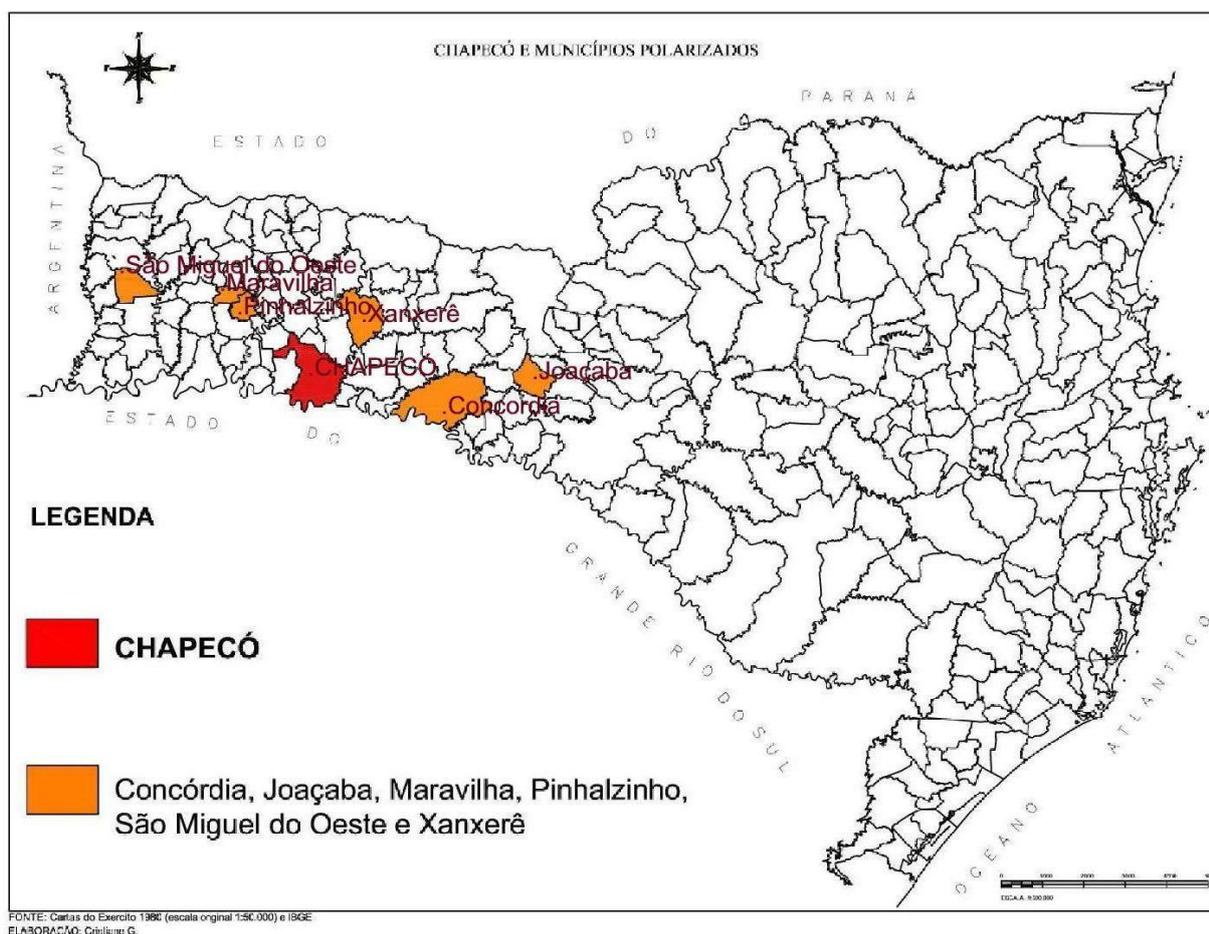
A partir do retrospecto apresentado nos capítulos anteriores, podemos afirmar que a cidade de Chapecó exerce uma centralidade muito forte perante a região, pois desempenha o papel de intermediação na rede urbana, pela multiplicidade de atividades e empresas que constituem a dinâmica desse espaço. Essa centralidade define-se pela disponibilidade para a região de sua hinterlândia de produtos e serviços especializados não encontrados nos centros menores, como também por ser receptora da produção de boa parte desses municípios; um exemplo é a matéria-prima utilizada em suas agroindústrias. Através dessas relações, Chapecó enquanto lugar e meio de produção acaba englobando o local, o regional, nacional e o mundial.

Além da influência regional, Chapecó gera relações próximas, tanto intraurbanas como intrarregionais e também relações mais distantes, além do interurbano e inter-regional. Essas relações podem ser relacionadas com o processo produtivo, pois este está calcado diretamente nas exigências de desenvolvimento do modo capitalista de produção em um mundo cada vez mais globalizado. Vale lembrar aqui que é o capital que determina os objetivos e as finalidades do processo produtivo. Isso se percebeu claramente, em particular no período de modernização da agricultura e de todo o processo produtivo das agroindústrias de Chapecó, com o surgimento de uma ampla gama de atividades ligadas a esse setor e também com a complexificação das atividades urbanas para dar suporte às novas necessidades.

No capítulo 2, foram apontados os agentes formadores da cidade e, no capítulo 3, a rede urbana do Oeste Catarinense evidenciando o papel polarizador de Chapecó na região, como também de cidades em hierarquia inferior. A partir dessas informações e de outras que serão apresentadas neste capítulo 4, será evidenciado o nível de especialização das atividades urbanas desempenhadas por Chapecó e que contribuem para caracterizá-la como uma cidade média do Oeste Catarinense. Os dados comparativos serão apresentados levando em consideração as cidades em nível hierarquicamente

imediatamente inferior a Chapecó e que podem ser caracterizadas como micropolos regionais, a saber: Concórdia, Joaçaba, Maravilha, Pinhalzinho, São Miguel do Oeste e Xanxerê, como podemos observar no mapa 9 abaixo:

Mapa 9: Chapecó e municípios micropolos



Elaborado pela autora.

4.1.1 Os “novos”/“velhos” agentes econômicos e os novos significados

Como já apresentado anteriormente, Chapecó antes mesmo de sua fundação, já possuía uma relação direta com as atividades agrícolas. Remontando o período do tropeirismo desde o século XVII, cresceu a extração da erva-mate no final do século XIX e início do século XX, com a colonização e a exploração florestal e uma agricultura com produção incipiente até meados do século XX. A partir da década de 1950, começa a se inserir numa produção voltada ao capital agroindustrial, a desempenhar funções regionais e conseqüentemente a exercer influência sobre as cidades próximas. A partir

desse capital agroindustrial e, por isso, do surgimento do polo agroindustrial, aliado às demais funções urbanas, a cidade se transforma num polo de desenvolvimento cada vez mais amplo e complexo. Com isso Chapecó acaba tendo uma estreita relação com a expansão do agronegócio, refletindo diretamente no incremento da urbanização. Para Elias (2003), esse processo é percebido na maioria das regiões brasileiras, o que a autora denomina de Brasil agrícola moderno. A mesma autora afirma que (ELIAS, 2009, p. 90):

Formam-se cidades que se destacam pela função claramente associada às demandas produtivas dos setores relacionados às redes agroindustriais. Nessas cidades, realiza-se parte importante da materialização das condições gerais de reprodução do capital do agronegócio.

Podemos creditar a consolidação e a expansão do agronegócio em Chapecó principalmente à modernização da agricultura e à adoção de modelos de integração por essas agroindústrias. Essa modernização agrícola conduziu a novas demandas de consumo de produtos, equipamentos e funções que tiveram impacto direto nas cidades. E como afirma Sobarzo (2009, p. 47), “a consolidação desse campo modernizado, com novas demandas e padrões de consumo, redefine o papel de algumas cidades médias no Brasil, [...]”, o que se pôde perceber também em Chapecó, pois esta se reestruturou para atender às novas demandas criadas.

A par da estreita relação com o agronegócio, outras atividades também possuem relevância para perceber esses velhos agentes com novos significados. Entender esses processos é fundamental para podermos compreender o papel de Chapecó, para além de polo regional, como uma cidade média no Oeste Catarinense. O quadro geral da economia apresenta uma predominância do setor terciário em número de estabelecimentos, como podemos observar na tabela 6; com isso, a cidade acaba recebendo consumidores e usuários desses serviços da maioria dos 118 municípios do Oeste Catarinense, como também de municípios do noroeste gaúcho e sudoeste paranaense.

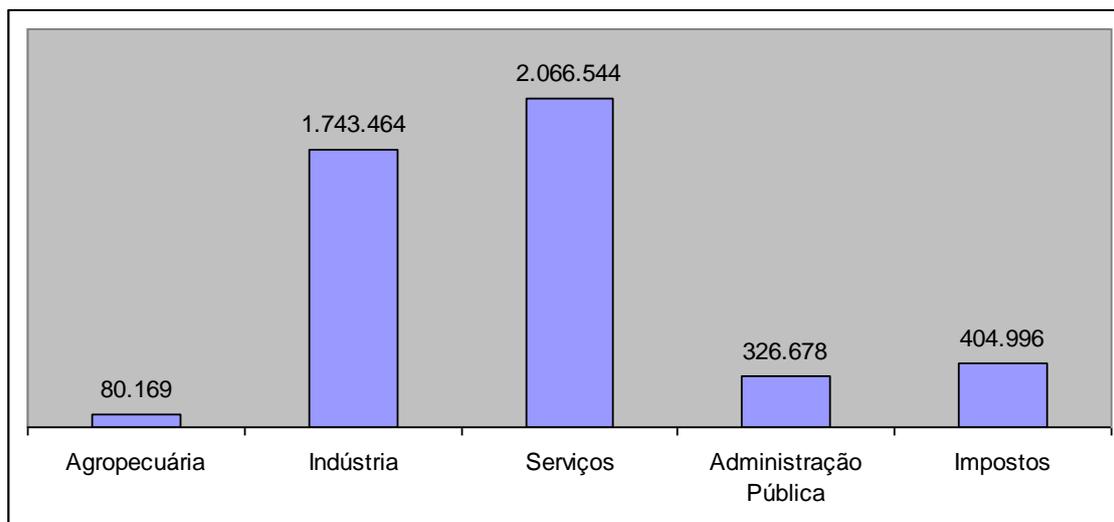
Tabela 6: Chapecó: Empresas e outras organizações, por seção da classificação de atividades (CNAE 2.0)

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)	2006	2009
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura;	24	22
Indústrias extrativas;	1	1
Indústrias de transformação;	631	730
Eletricidade e gás;	1	4
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação;	10	13
Construção;	203	363
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas;	3.590	3.702
Transporte, armazenagem e correio;	501	534
Alojamento e alimentação;	443	424
Informação e comunicação;	104	133
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados;	71	86
Atividades imobiliárias;	65	89
Atividades profissionais, científicas e técnicas;	224	338
Atividades administrativas e serviços complementares;	385	375
Administração pública, defesa e seguridade social;	7	8
Educação;	96	111
Saúde humana e serviços sociais;	155	204
Artes, cultura, esporte e recreação;	86	98
Outras atividades de serviços.	360	410
Total	6.975	7.645

Fonte: IBGE – Banco de Dados Agregados – Sidra. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>
Organizado pela autora.

Analisando os setores da economia e relacionando-os ao valor adicionado bruto (VAB), percebemos relativa importância dos setores secundário e terciário, observáveis no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Chapecó: Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços correntes (Mil reais) - 2008



Fonte: IBGE – Banco de Dados Agregados – Sidra. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Organizado pela autora.

Para a análise das variáveis utilizadas neste capítulo, seguimos a metodologia definida pela ReCiMe⁵⁹. Nela, segundo Sposito *et al.* (2007), alguns temas são centrais para o estudo das cidades médias, entre eles: (1) a difusão da agricultura científica e do agronegócio, (2) a desconcentração da produção industrial, (3) a difusão do comércio e dos serviços especializados e (4) o aprofundamento das desigualdades sociais. Da mesma maneira, nas suas análises, há preocupação com as relações e articulações dessas cidades com diferentes escalas geográficas, do mundial ao local. Nas análises apresentadas a seguir, serão abordadas algumas variáveis que mostram as transformações de Chapecó relacionadas com os três primeiros temas destacados pela metodologia da ReCiMe.

a) Grandes equipamentos industriais ou de tecnologia avançada

Um dos papéis exercidos pelas cidades médias diz respeito à influência que exercem sobre os espaços rurais, e isso é medido pelas ações dinamizadoras sobre os espaços que as envolvem, promovendo novas relações entre o campo e a cidade. Observa-se isso a partir das funções

⁵⁹ Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias.

urbanas que desempenham muitas delas, derivadas diretamente das necessidades industriais. No caso de Chapecó, as demandas criadas pelas produções agrícolas ligadas ao processo de agroindustrialização geraram um efeito em cadeia na reestruturação da cidade, como também na reestruturação urbana, pois tanto a cidade, como toda a região atrelada a essa produção agroindustrial tiveram que se (re)adaptar às necessidades provocadas pelo capital⁶⁰.

Analisando o setor industrial de Chapecó relacionado com a produção agropecuária, vemos que este teve e ainda tem grande importância econômica. Dados dos censos industriais de 1960, 1970 e 1980 apontam uma evolução nos números das indústrias conforme podemos ver na tabela 7.

Tabela 7 – Chapecó: Estabelecimentos industriais ligados à produção agropecuária

<i>Atividade Industrial</i>	<i>Número de estabelecimentos 1960</i>	<i>Número de estabelecimentos 1970</i>	<i>Número de estabelecimentos 1980</i>
Bebidas	-	08	01
Material de transporte	01	04	11
Mecânicas	-	04	10
Metalúrgicas	01	03	14
Produtos Alimentares	13	70	32
Total	15	89	68
Total de unidades industriais de todos os gêneros	61	173	156

Fonte: IBGE – Censos de 1960, 1970 e 1980.
Organizado pela autora.

Atualmente, considerando as maiores empresas⁶¹ de Chapecó do ramo industrial, de um total de quinze, quatorze têm estreita ligação com o setor do

⁶⁰ Um destes momentos ocorreu com a modernização no processo produtivo agroindustrial.

⁶¹ “Estas receberam o Troféu “O Desbravador” que foi instituído através do decreto número 1.417, de 03 de julho de 1989. Este tem como objetivo destacar as empresas e produtores rurais do município que mais contribuíram para o desenvolvimento econômico de Chapecó. A outorga do Troféu “O Desbravador” é realizada anualmente pela administração municipal de Chapecó. A premiação das empresas industriais, comerciais, estatais e prestadoras de serviços na área de incidência do ICMS baseia-se no valor adicionado, apurado na declaração de informações do ICMS e movimento econômico – DIME, e na declaração anual do simples nacional – DASN. As fontes para a classificação das empresas prestadoras de serviços na área de incidência do ISS e os produtores agropecuários são respectivamente, a Secretaria

agronegócio ou então são do ramo alimentício. Três delas são indústrias processadoras de carnes de suínos e aves (Sadia S/A., Aurora e Bugio Agropecuária – Frigorífico Bugio/Ecofrigo); uma do ramo de processamento de leite e seus derivados (Laticínios Tirol Ltda); uma de armazenamento de grãos, industrialização de soja, industrialização de trigo, fábrica de rações, beneficiamento de sementes certificadas, unidades de resfriamento de leite, granja de leitões, supermercado, agropecuárias e postos de combustível (CooperAlfa); uma de produção de núcleos (rações especiais), rações e derivados (Nutron Alimentos); uma de produção de estruturas metálicas – considerada a maior de Santa Catarina do setor (Açotec); duas dedicadas à produção de equipamentos para as agroindústrias (Frigo Industrial Ltda - Frigomaq e Semil⁶²); uma de fabricação de câmaras frigoríficas, furgões e equipamentos de refrigeração (Niju); uma do segmento de embalagens plásticas (Canguru S/A); uma do setor de coleta de resíduos agroindustriais (Farover); uma do segmento de bebidas – franqueada da Coca-Cola (Vonpar) e uma do ramo de condimentos, refrescos, sobremesas e achocolatados (Apti).

Dentre as maiores apresentadas acima, já fizemos uma breve exposição de algumas no capítulo 2, como a Sadia S/A, Aurora, CooperAlfa, Semil, Niju e Canguru S/A, pois estas fazem parte da estruturação do urbano de Chapecó. A Bugio Agropecuária – Frigorífico Bugio (Ecofrigo)⁶³, fundada em 2000, no ramo de abate e produção de carcaças de suínos e bovinos, atualmente atua no ramo de suínos com abate, processo de desossa das carcaças e produção de cortes. Possui na unidade industrial de Chapecó em torno de 250 funcionários, e seus produtos são comercializados em mais de quinze estados brasileiros.

A Laticínios Tirol⁶⁴ tem origem em Treze Tílias (SC) em 1974, no ramo de industrialização e pasteurização de leite. A unidade de Chapecó foi instalada em 1990 através da aquisição da antiga Laticínios Chapecó; hoje

Municipal da Fazenda e Administração e a Secretaria Municipal da Agricultura de Chapecó”. (<http://ponto-chapeco.blogspot.com/2009/08/entregue-o-trofeu-desbravador-empresas.html>, acesso em 21/05/2011)

⁶² Ver mais no capítulo 2.

⁶³ Informações obtidas em: <http://www.ecofrigo.com.br/>

⁶⁴ Informações obtidas em: www.tirol.com.br

concentra a produção da linha de queijos especiais: queijo parmesão, minas, provolone, colonial, quark e ricota. A unidade de Chapecó emprega atualmente 170 funcionários. A Nutron Alimentos⁶⁵ é uma empresa do grupo Provimi, multinacional de origem holandesa, uma das maiores do mundo na área de nutrição animal. Suas primeiras unidades industriais no Brasil foram implantadas em 1995 nas cidades de Campinas (SP) e Toledo (PR). A unidade industrial – fábrica de rações – em Chapecó foi inaugurada em 1999 e atualmente emprega 85 funcionários, produzindo em média 1.700 toneladas de núcleos, rações fareladas e concentrados para suínos, bovinos e aves.

A Açotec Indústria e Comércio S.A.⁶⁶ foi instalada em Chapecó em 1981 com a fabricação de brinquedos infantis e estruturas para silos de armazenagem de cereais. Hoje a empresa tem a finalidade de executar projetos, gerenciamento e construção de obras em estruturas metálicas nos setores agroindustrial, automotivo, fumageiro e siderúrgico. Entre alguns de seus clientes podemos destacar a Equipav – Usina de Açúcar e Álcool, fornecendo estruturas para a sustentação de caldeiras; a Eurostamp – Peugeot (Porto Real/RJ), estruturas para prédio industrial; a General Motors (Gravataí /RS), nos prédios industriais para a ampliação da montadora, a Renault (São José dos Pinhais/PR) num dos prédios industriais; a Souza Cruz (Cachoeirinha/RS), nas estruturas de cobertura e fechamento laterais dos novos prédios industriais; a Dimon (Venâncio Aires/RS), estruturas metálicas para prédio de processamento e armazenagem de fumo. No ramo de siderúrgicas, merece citação a Thyssenkrupp CSA – Companhia Siderúrgica do Atlântico (Rio de Janeiro/RJ), com estruturas metálicas para a construção do complexo siderúrgico no distrito industrial de Santa Cruz na cidade do Rio de Janeiro; a VMZ – Votorantim Metais e Zinco (Juiz de Fora/MG), com fabricação e montagem de estruturas metálicas para a unidade industrial de reciclagem de zinco. São alguns dos clientes da Açotec, reforçando a teoria de fazerem essas empresas parte de circuitos produtivos mais abrangentes. Hoje a Açotec emprega em torno de 480 funcionários.

⁶⁵ Informações obtidas em: <http://www.nutron.com.br/empresa/>

⁶⁶ Informações obtidas em: <http://www.acotecbr.com.br/site/br/index.php>

Além da Semil, outra indústria especializada na fabricação de máquinas e equipamentos para as agroindústrias, está entre as maiores do município a Frigomaq. Os produtos fabricados pela indústria são da linha de produtos para aves, suínos, pescados, industrializados, laticínios, bovinos, entre outros.

A Farover Transportes Rodoviários Ltda deu início às suas atividades no ano de 2000, prestando serviços de coleta de resíduos industriais de frigoríficos (vísceras, ossos e outros) da região. Atualmente, coleta e processa resíduos de agroindústrias locais e regionais, como resíduos de flotados⁶⁷ e de encubatórios, além dos resíduos de vísceras e ossos, e resíduos para compostagem e limpezas de lagoa. Dentre os principais clientes dessa empresa, podemos citar a Doux, a Perdigão, a Cargill, a Agrofrango, entre outros. Possui ainda duas filiais, uma em Ipumirim (SC) e outra em Passo Fundo (RS).

A Aпти Alimentos começou as atividades em Chapecó em 1985 reembalando condimentos. Hoje, fabrica sobremesas, refrescos, condimentos, confeitos, achocolatados, *shakes*, caldos entre outros. Seus produtos estão distribuídos em países da América do Sul, África e Europa; gera em torno de 500 empregos diretos.

Analisando o nível de atuação dessas indústrias associadas ao agronegócio, percebe-se que elas não se limitam à atuação regional, mas em circuitos produtivos maiores, tanto nacionais como mundiais. Um exemplo disso é a Sadia, que possui unidades industriais em nove estados brasileiros e escritórios e centros de distribuição em países da América Latina, Europa e Ásia. A Aurora tem unidades industriais em cidades catarinenses, também no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. A Nutron Alimentos conta com 87 fábricas em 30 países da Europa, Ásia e América, com 95 centros de produção. Dentre as empresas nominadas acima, muitas aparecem entre as maiores exportadoras de Chapecó, conforme mostra o quadro 8.

⁶⁷ A flotação é um método de separação de misturas muito usada na indústria de minerais, na remoção de tinta de papel e no tratamento de esgoto, entre outras utilizações.

Quadro 8 – Chapecó: Empresas Exportadoras por faixa de valor (por domicílio fiscal) e ramo de atividade - 2009

EMPRESA	FAIXA DE VALOR	RAMO DE ATIVIDADE
Rotoline Equipamentos Industriais Ltda	Entre US\$ 1 e 10 milhões	Indústria de máquinas de rotomoldagem
Semil – Equipamentos Industriais Ltda	Entre US\$ 1 e 10 milhões	Fabricação de esteiras para abatedouros de aves e de chapas
Globoaves São Paulo Agroavícola Ltda	Até US\$ 1 milhão	Produção de ovos férteis e pintos de corte, postura e colonial
Armv – Representações Comerciais Ltda	Até US\$ 1 milhão	Serviços*
High Tech Equipamentos Industriais Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de equipamentos para frigoríficos de aves, suínos, bovinos, peixes e projetos.
Chapecó Indústria E Comércio de Fibras Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de piscinas
Friigo Industrial Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de equipamentos para as agroindústrias
Apti Alimentos Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de sobremesas, refrescos, condimentos, confeitos, achocolatados, shakes, caldos entre outros
Prime Comercial Importadora e Exportadora Ltda	Até US\$ 1 milhão	Atividades de despachantes aduaneiros
R M Indústria e Comércio Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de equipamentos para agroindústrias
Rudolph Foods Brasil Indústria de Alimentos Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de salgadinhos (torresmo)
Edege Equipamentos Agropecuários Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de equipamentos para agroindústrias
Nutract Agroindustrial Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de rações – nutrição animal
Alibras – Alimentos Brasileiros Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de aguardentes, licores e outras bebidas alcoólicas
Coriarte Tintas Ltda	Até US\$ 1 milhão	Indústria de Tintas
Tronic Indústria de Materiais Esportivos Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de produtos esportivos (calçados, equipamentos,

		vestuário, acessórios e meias)
Fluxo Eletrônica Industrial Ltda Epp	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de equipamentos para agroindústrias
Laboratórios Pfizer Ltda ⁶⁸	Até US\$ 1 milhão	Setor farmacêutico
Nord Equipamentos Industriais S/A	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de equipamentos para agroindústrias
Tortelli Comércio e Representações Ltda	Até US\$ 1 milhão	Equipamentos para supermercados, gelaterias, cafeterias
Vetanco do Brasil Importação e Exportação Ltda	Até US\$ 1 milhão	Nutrição e saúde animal
Safetrading Importadora e Exportadora Ltda	Até US\$ 1 milhão	Gestão de negócios de exportação, importação, logística e engenharia financeira internacional
Usitécnica Industrial Ltda	Até US\$ 1 milhão	Fabricação de máquinas para a indústria metalúrgica, peças e acessórios, exceto máquinas-ferramenta.
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial	Até US\$ 1 milhão	Amostras de laboratório

*Comercialização de Equipamentos e peças para a indústria de alimentos; Assessoria Mecânica, Elétrica e Civil para Plantas processadoras de Aves e Plantas de Industrializados; Projetos; Prestação de Serviços de Instalação e Montagem de Equipamentos; Importador e Exportador.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – 2009.

Organizado pela autora.

Entre os dez principais países de destino da exportação das empresas nominadas no quadro acima, cabe mencionar a Venezuela, a Austrália e a Argentina, que juntos representam 40,4% das exportações do município. Outros países destino dessas exportações são: Estados Unidos, México, Canadá, Paraguai, República Dominicana, Reino Unido e Nova Zelândia (SEBRAE, 2010). Podemos perceber a presença de produtos dessas empresas principalmente no mercado do continente americano. As indústrias do ramo metal-mecânico crescem e se modernizam, produzindo equipamentos para os mercados nacional e internacional.

⁶⁸ Na Região Sul, a Pfizer possui laboratórios somente em Porto Alegre (RS) e Chapecó (SC).

A Montemil Industrial⁶⁹, indústria ligada ao setor metal-mecânico e que atua há mais de duas décadas em Chapecó, é fundada em 1986, atuando no ramo de prestação de serviços em montagem e manutenção industrial de frigoríficos. Hoje ainda atua nesse segmento, mas ampliou também para a fabricação de máquinas e equipamentos para as agroindústrias. Emprega atualmente em torno de 70 funcionários.

A Bumerangue é uma indústria com atuação direta no setor do agronegócio. É do segmento de transportadores de plásticos injetados (esteiras e correntes) utilizados dentro das agroindústrias. Criada em Chapecó no ano de 1998, atua em todas as regiões do Brasil e na América do Sul. Possui em torno de 25 funcionários. Outra desse ramo, a Ibraflex Esteiras Modulares, que atua na fabricação de correntes e esteiras modulares e seus componentes e acessórios para transportadores industriais, criada em 2007, emprega 22 funcionários em sua indústria. A Rotoline⁷⁰ é do setor de rotomoldagem - transformação de termoplásticos (polietileno) -, no desenvolvimento de máquinas com recursos e tecnologias avançadas. É uma das maiores exportadoras de Chapecó, com presença dos seus produtos nos cinco continentes. Possui um escritório e centro de serviços em Ohio, nos Estados Unidos. Os principais fornecedores de material para a Rotoline são Maxon, a Honeywell e Allen Bradley, com matriz nos Estados Unidos, SEW Eurodriver e Moeller, da Alemanha, e a WEG, indústria brasileira.

No mercado de embalagens plásticas aliadas ao setor produtivo agroindustrial e de alimentos, têm-se em Chapecó a Azeplast Indústria e Comércio Ltda fundada em 1983; a Brasplast, criada em 1988 (entre seus principais clientes está a Aurora, e atua no Brasil, Uruguai, Argentina e Bolívia); e a Canguru, com sede em Criciúma, que tem desde 1987 uma unidade industrial em Chapecó.

Entre as indústrias do ramo químico, pode-se destacar a CDO com produtos para as áreas automotiva, alimentícia, industrial e de construção civil, higienização de cozinhas e tratamento de afluentes e efluentes.

⁶⁹ Informações obtidas em: <http://www.montemil.com.br/2009/pt/index.php>

⁷⁰ Informações obtidas em: <http://www.rotoline.com.br/br/index.php> e através de material enviado pela empresa.

Segundo o SEBRAE (2010), as 944 indústrias de transformação de Chapecó empregam um total de 20.792 pessoas. E segundo dados da Secretaria de Estado do Planejamento quanto às saídas líquidas da indústria de transformação em 2008, Chapecó fez um total de R\$ 5.782.169.469,35 contra R\$ 3.707.772.276,45, total acumulado do comércio atacadista, varejista e de veículos.

Além das indústrias associadas ao agronegócio em Chapecó, encontramos também atividades relacionadas a outros setores da economia da cidade. No setor de comércio e serviços especializados, há uma ampla e variada oferta quanto à comercialização de produtos relacionados com o agronegócio. Segundo dados do SICOM – Sindicato do Comércio da Região de Chapecó – existem na cidade as seguintes empresas associadas à agricultura científica e ao agronegócio: seis, no ramo de comércio de peças para máquinas agrícolas e agropecuárias; dezessete, no ramo de comércio de máquinas agrícolas; e vinte e duas, no ramo de comércio de defensivos agrícolas.

Em Chapecó existe também um laboratório especializado em sanidade animal, filial da Tecsa – Tecnologia em Sanidade Animal⁷¹, empresa com matriz em Belo Horizonte e primeiro laboratório da América Latina a ser certificado com o ISO 9001 no ano de 2000. Conta somente com uma filial, que está localizada em Chapecó e atende clientes em todo o Brasil.

Dando suporte ao setor do agronegócio estão os cursos de graduação e tecnólogos especializados que dão embasamento técnico, de pesquisa e informacional. Essa atividade também nos permite mensurar a importância estratégica de Chapecó para o agronegócio. Destaca-se nesse segmento a EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – que é vinculada ao governo estadual, criada em 1991, quando foram incorporadas a Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. (Empasc), a Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (Acaresc), a Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina (Acarpesc) e o Instituto de Apicultura de Santa Catarina (Iasc). Em Chapecó, a

⁷¹ Informações obtidas em: <http://www.tecsa.com.br/default.asp?siteID=1&siteAcao=mostraPagina&paginaId=1834> acessado em jul. de 2011.

Epagri tem uma das 23 gerências regionais do estado, mas, principalmente, possui o Centro de Pesquisa para a Agricultura Familiar – CEPAF (único no estado), como também uma unidade de beneficiamento de sementes e um centro de treinamento rural. A unidade de Chapecó tem feito pesquisas especialmente nas áreas de produção animal, milho e feijão, piscicultura e fruticultura.

A Universidade da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ⁷² possui cursos de graduação voltados ao setor, dentre os quais citamos os cursos de Agronomia, Engenharia Mecânica, Engenharia de Alimentos e Engenharia Química. Além desses, possui cursos de pós-graduação – *latu sensu* – nas áreas de Engenharia de Produção, Estruturas Metálicas: Projeto, Execução e Inspeção, Gestão de Produção e Logística, Gestão do Agronegócio, Levantamentos Geodésicos e Georreferenciamento de Imóveis Rurais e Gestão de Negócios Internacionais. E entre os cursos de pós-graduação destacamos o mestrado em Ciências Ambientais, o primeiro curso de mestrado oferecido por uma universidade na região. Quanto aos cursos oferecidos por outras universidades, podemos referir ainda o curso de graduação em Zootecnia, oferecido pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, e os cursos de Agronomia e Engenharia Ambiental e Energias Renováveis, ofertados pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

O SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial unidade de Chapecó, atualmente oferece dez cursos de qualificação técnica, quatro diretamente relacionados ao setor do agronegócio, que são: boas práticas de fabricação na indústria de alimentos (ramo de alimentos), soldador eletrodo revestido (ramo metal-mecânico), eletricitista instalador industrial (ramo elétrico), treinamento de segurança na operação de caldeiras (setor de segurança do trabalho).

O Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó, oferece o curso de nível superior em Engenharia de Controle e Automação e os cursos de nível médio técnico em Mecânica, Eletroeletrônica e Eletromecânica.

⁷² Universidade privada de caráter filantrópico.

A importância do setor agroindustrial em Chapecó é explicada pela presença do polo agroindustrial diversificado, pois além do segmento da indústria de processamento de carnes, possui outras empresas importantes do setor metal-mecânico, de rações, óleos vegetais, laticínios e processamento de grãos. Em todos os segmentos, estão presentes capitais locais, como também capitais nacionais e multinacionais.

Podemos afirmar que as agroindústrias foram responsáveis pela reorganização territorial não somente da cidade de Chapecó, como também de boa parte da região Oeste Catarinense, pois através de investimentos e da implantação do modelo de integração dos produtores rurais, das infraestruturas de armazenamento e de transporte, levaram a transformações quanto à captação da matéria-prima e à distribuição de mercadorias, alterando as relações espaciais entre o campo e a cidade.

Com base nas análises acima, é possível asseverar que a territorialização do capital aliado ao agronegócio tem promovido novas dinâmicas socioespaciais, principalmente nas cidades, promovendo a reestruturação das mesmas. Essa reestruturação do território imprime uma nova (re) organização do sistema urbano, ficando muito mais complexo com o poder de impor especializações produtivas a esse território. Para Elias (2009, p. 93), essas cidades transformam-se em lugares de formas erigidas pelo agronegócio globalizado, resultando em novas territorialidades, e complementa afirmando que “transformam radicalmente as tradicionais relações campo-cidade e fazem com que esses dois espaços passem a emitir e a receber larga quantidade de fluxos de matéria e de informação”.

b) Supermercados

Verificando a rede de supermercados de Chapecó, constata-se que ela é ampla, pois são registrados, segundo dados do Sicom, setenta e cinco (75) estabelecimentos na cidade, considerando a matriz e filiais. Quanto à localização, estão em locais estratégicos de maior circulação na área urbana, exemplo disso: das oito maiores unidades do setor, quatro estão localizadas no centro ou bairro contíguo ao centro.

Serão analisados somente os de maior proporção em *mix* de produtos e de caixas de atendimento. Assim podemos destacar quatro unidades que possuem juntas oito estabelecimentos. São elas: Supermercado Brasão, Supermercado Celeiro, Supermercado Alfa e o Maxxi Atacado (Walmart). Existem também em Chapecó supermercados menores na maioria dos bairros, porém são estabelecimentos com menor diversidade de produtos e menor fluxo de pessoas, tais como: Mercado Caipirão, Supermercado Favaretto e Supermercado Alberti, com três estabelecimentos cada; Supermercado Chapecó, Supermercado DaCasa, Supermercado Smaniotto, Supermercado Moura e Santos, Supermercado Popiolski Supermercado Real e Supermercado Royal, todos com dois estabelecimentos.

O Brasão Supermercados é uma rede que possui em Chapecó três unidades, além de uma na cidade de Xaxim (SC) distante 27km. Mas sua origem não se registra em Chapecó, e sim na cidade de Itá (SC), em 1953, quando é fundada a Indústria e Comércio João Moschetta Gêneros Alimentícios em Geral Ltda. Em 1962, expande as atividades com uma unidade em Xanxerê (SC), sob a denominação de Armazém de Gêneros Alimentícios e Compra de Cereais⁷³. Em 1968, é inaugurado em Chapecó o primeiro supermercado da região, então com a denominação de Brasão. Em 1976, nasce o supermercado na Avenida Fernando Machado, em Chapecó, hoje é conhecido como “Brasão Centro”.

Na década de 1980, amplia o número de unidades com a abertura de novas filiais em Xanxerê, Itá, Xaxim e Chapecó. Em 1993, houve uma reestruturação da empresa, ficando somente com estabelecimentos em Chapecó e Xaxim. Em 1997, inauguram a unidade Brasão Jardim América no bairro Jardim América, em Chapecó. Em junho de 2010, abrem um amplo e moderno supermercado na Avenida Getúlio Vargas, centro da cidade, chamado de Brasão Avenida, que possui outras lojas de apoio com atividades diversas dentro do mesmo empreendimento, como loja de perfumarias, bijuterias e acessórios, lavanderia, *pet shop*, salão de beleza, floricultura, bar e uma

⁷³ Registra-se ainda hoje nas cidades menores o comércio atrelado à produção agropecuária, onde na mesma unidade comercial existe um pequeno mercado, venda de confecções, produtos veterinários e compra de cereais.

agência bancária do Banco Bradesco. Segundo informações da Associação Catarinense de Supermercados – ACATS⁷⁴ -, o Brasão Avenida é o maior supermercado da região Oeste Catarinense. São 13.800m² de área construída, estacionamento coberto com 6.500m² oferecendo 220 vagas, gerando 230 empregos diretos e com um *mix* de produtos com 30.000 itens.

As três unidades de Chapecó, Brasão Jardim América, Brasão Centro e Brasão Avenida, possuem respectivamente 16, 17 e 24 caixas de atendimento e trabalham com um *mix* variado de produtos.

O Supermercado Celeiro⁷⁵ iniciou suas atividades em Chapecó no ano de 1971 na venda de gêneros alimentícios por atacado, com um sistema de entrega que atendia as regiões do Oeste Catarinense e sudoeste do Paraná. Em 1976, implanta na cidade o Celeiro Júnior, o primeiro supermercado, que em 1989 passa a denominar-se Celeiro Center, localizado no centro da cidade. No mesmo ano, inaugura outra unidade, o Celeiro São Cristóvão, substituído em 1993 pelo Celeiro Supernorte, localizado no bairro São Cristóvão, que possui uma área de 2.200m² de construção, com 106 vagas de estacionamento para carros e 12 para motos. Visando à ampliação da sua unidade do centro (Celeiro Center), em 2001 dá lugar ao Celeiro Supercenter, uma loja com 7.667m² de área construída, com uma área de estacionamento para 190 carros e 32 motos. Esta unidade possui seções de bazar, mercearia, açougue, padaria, frutas, legumes, verduras e rotisseria.

Em março de 2006, foi inaugurada a terceira unidade da rede em Chapecó, o Celeiro Superitália, localizado no bairro Jardim Itália, próximo ao centro, com uma área construída de 4.000m² e estacionamento com 110 vagas para automóveis e 28 para motos. As três unidades empregam em torno de 400 funcionários e possuem um *mix* de produtos em torno de 32.000 itens. A estrutura das lojas Celeiro comporta também outras atividades no ramo de perfumaria, tabacaria, lavanderia, locadora de filmes, alimentação, farmácia, *pet shop*, salão de beleza, entre outros.

⁷⁴ Disponível em: <http://www.acats.com.br/>

⁷⁵ Informações obtidas em: http://www.celeiro.com.br/pagina.php?menu=o_celeiro

O Supermercado Alfa – SuperAlfa é um dos segmentos de atividade da CooperAlfa analisada anteriormente. Para atender seus associados e demais consumidores, a CooperAlfa possuía um pequeno supermercado na Avenida Fernando Machado até 2009, quando inaugura um amplo e moderno no mesmo local. Foram investidos cerca de R\$ 13 milhões na obra e em torno de R\$ 2 milhões em estoques iniciais de mercadoria. A área construída é de 9.500m² com estacionamento coberto para 100 veículos e mais 40 veículos em vagas externas.

O supermercado possui ainda *play-ground*, padaria com produtos dos moinhos Alfa, espaço de lazer para funcionários, cozinha preparada para visitação e restaurante para atender em torno de 500 refeições/dia. Seu *mix* de produtos ultrapassa 25.000 itens e possui 13 caixas de atendimento. Como nos demais supermercados analisados, o SuperAlfa tem outras lojas de apoio para atender ainda melhor seus clientes, como revenda de celulares, agência bancária, salão de beleza, bazar, farmácia, *pet shop*, tabacaria e restauração de roupas.

O Maxxi Atacado⁷⁶ é uma divisão de autosserviço do Grupo WalMart⁷⁷, que atende, sobretudo, comerciantes, bares, restaurantes, lanchonetes, mercearias, padarias, lojas de conveniência no ramo de atacado e do consumidor final das classes C, D e E no ramo do varejo. Dispõe de um mix de mais de seis mil itens em suas unidades. No Brasil possui mais de 50 lojas localizadas nos estados das regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Em Santa Catarina, conta com sete unidades nas cidades de Criciúma, Florianópolis, Itajaí, Chapecó, Lages, Joinville e Blumenau. A de Chapecó foi inaugurada em novembro de 2009, com 5.000m² de área de vendas, e possui em torno de 120 colaboradores.

Podemos salientar que a clientela desses supermercados extrapola os limites da cidade, registrando clientes de outras cidades próximas a Chapecó, como Cordilheira Alta, Xaxim, Pinhalzinho, São Carlos, Águas de Chapecó, entre outras.

⁷⁶ Informações obtidas em: <http://www.maxxiatacado.com.br> e http://www.walmartbrasil.com.br/institucional/bandeiras_maxxi.aspx?expandable=1

⁷⁷ Fundado em 1962 nos Estados Unidos e hoje de capital aberto.

c) Serviços de saúde especializados

Na área dos serviços de saúde, Chapecó também exerce uma influência na região. A cidade possui dois hospitais referência: o Hospital Regional do Oeste e o Hospital Unimed, o primeiro público e o segundo privado; um Hospital de Olhos de cunho privado e um Hospital Materno Infantil com atendimento pelo SUS.

O Hospital Regional Senador “Lenoir Vargas Ferreira” – Hospital Regional do Oeste – HRO⁷⁸, público, foi inaugurado em outubro de 1986, com funcionamento inicial de 60 leitos, administrado pela Beneficência Camiliana do Sul, uma ordem religiosa de padres, administração repassada em 1990 para a Sociedade Beneficente Lar da Fraternidade. Em 1997, com o objetivo de adequar de fato o Hospital Regional do Oeste como referência regional, é criado o Consórcio Regional de Municípios que passou a administrar o hospital a partir de 1998. Atualmente é administrado pela Associação Hospitalar Lenoir Vargas Ferreira e atende 92 municípios da região Oeste Catarinense, 26 municípios do Paraná e Rio Grande do Sul, num total aproximado de 1 milhão de habitantes.

O HRO possui 296 leitos, com uma média de 1.693 internações/mês; destas, 1.019 são de internações locais (de Chapecó) e 674 de outras cidades atendidas. Realiza serviços de média e alta complexidade, principalmente quanto a serviços de oncologia, radiodiagnóstico e unidade de terapia intensiva (UTI). Este está localizado no bairro Esplanada, distante em torno de 2 km do centro da cidade.

O Hospital Unimed de Chapecó, privado, foi reinaugurado⁷⁹ em dezembro de 1998 após a reforma e ampliação passando de 650m² para 4.750m². O Centro Clínico do Hospital Unimed⁸⁰ ainda incorpora o Hospital Unimed Chapecó, Laboratório de Análises Clínicas, Unimagem - Centro de Diagnóstico por Imagem, Centro de Diagnóstico dos Distúrbios do Sono

⁷⁸ Informações obtidas em: <http://www.relatecc.com.br/hro/>

⁷⁹ Este era o antigo Hospital Santo Antônio – Fundação Hospitalar e Assistencial Santo Antônio - FHASA

⁸⁰ Informações obtidas em: http://www.unimed.com.br/pct/index.jsp?cd_canal=52220

(CDDS), Centro Cardiovascular, Centro de Oncologia, Serviço de Nutrição e Dietética, Medicina Preventiva, Fisioterapia Unimed, Transporte e Medicina Ocupacional. Podemos destacar que os centros de Diagnóstico por Imagem, Cardiovascular e de Oncologia, possuem equipamentos de diagnósticos de alta complexidade, alguns únicos na região, como o de hemodinâmica, utilizado para procedimentos como arteriografias, artografias, angiocoronariografias, entre outros.

O Complexo Unimed Chapecó atende pacientes de Chapecó e região, possuindo mais de 38 mil beneficiários, 223 médicos cooperados em diversas especialidades e em torno de 557 colaboradores no quadro de profissionais capacitados. O Hospital Unimed possui 79 leitos ativados, distribuídos em clínica cirúrgica, materno infantil e UTI.

A localização dele é privilegiada para a dinâmica das atividades ligadas ao setor, pois fica na área central da cidade, e em seu entorno se verifica a presença de vários tipos de serviços relacionados com a área da saúde, como clínicas, policlínicas, laboratórios de análises clínicas, consultórios médicos, óticas, farmácias, entre outros. Para Soares *et al.* (2010, p. 211):

Os hospitais são, no setor de saúde, os equipamentos âncoras que atraem para seu entorno outros serviços correlatos, como as clínicas médicas, os laboratórios e as lojas de artigos e equipamentos hospitalares, reestruturando algumas áreas da cidade, criando assim áreas especializadas em saúde na cidade.

O Hospital de Olhos é considerado um hospital dia, no qual são realizadas cirurgias de miopia, astigmatismo, hipermetropia, catarata, implante de lentes, anel de ferrara, entre outras. Não possui leitos para internações, pois após as cirurgias, os pacientes ficam em observação no ambulatório equipado com toda a estrutura necessária e no mesmo dia retornam para casa.

O Hospital Materno Infantil⁸¹ – HMI⁸² foi construído há sete anos, mas somente em janeiro de 2011 parte de sua estrutura entrou em funcionamento. Os recursos investidos na obra partiram do Ministério da Saúde, do Município

⁸¹ Os dados desse hospital ainda não foram computados pelo Sus e não aparecem nas tabelas abaixo.

⁸² Informações obtidas em: <http://www.jusbrasil.com.br/noticias>; <http://www.unochapeco.edu.br/noticias>; <http://www.grupochopeco.com/portal/>

de Chapecó e do Estado de Santa Catarina, em parceria com a Associação Hospitalar Lenoir Vargas Ferreira – gestora do Hospital Regional do Oeste – e da Unochapecó. Para dar continuidade ao andamento dos serviços prestados neste hospital, a parceria público/privada será fundamental, sendo que o Estado e o Município participarão com investimentos estimados em R\$ 7 milhões/ano na manutenção dos serviços. A Associação Hospitalar Lenoir Vargas Ferreira será a gestora da instituição e a Unochapecó terá forte atuação na formação de profissionais.

A ala inaugurada em janeiro de 2011 compreende o Ambulatório Referenciado de Especialidades em Pediatria, através do Sistema Único de Saúde, e denominado de Clínica Pediátrica e Materna. Atualmente a equipe do ambulatório é formada por duas médicas neonatologistas, um gastropediatra, um farmacêutico, um nutricionista e serviço completo de enfermagem.

A estrutura de todo o hospital comporta 54 leitos, uma sala de parto, duas salas cirúrgicas, além de aparelhos de Raio X e Ultrassonografia, ainda não ativados. Segundo informações obtidas, em longo prazo, o HMI poderá ser transformado em hospital-escola, além de abrigar residências médicas de outras especialidades.

Os dados da tabela 8 apresentam o número de hospitais, leitos e internações por cidade analisada da região, demonstrando números significativos para Chapecó, em comparação com as outras cidades. Já na tabela 9, onde são analisados esses mesmos dados para as maiores cidades catarinenses, percebemos que Chapecó tem números menos expressivos proporcionalmente a essas cidades.

Tabela 8: Chapecó e municípios polarizados – Hospitais, leitos e internações por município - 2009

<i>Municípios</i>	<i>Hospitais</i>	<i>Leitos</i>	<i>Internações</i>
Chapecó	3	358	15.412
Concórdia	1	220	6.412
Joaçaba	2	170	4.530
Maravilha	1	72	2.034
Pinhalzinho	1	35	831
São Miguel do Oeste	3	147	3.878
Xanxerê	1	157	5.154
Total	12	1.159	38.251

Fonte: Brasil. Ministério da Saúde – DATASUS – Banco de Dados 2010. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>
Organizado pela autora.

Tabela 9: Santa Catarina. Hospitais, leitos e internações nos principais municípios - 2009

Municípios	Hospitais	Leitos	Internações
Chapecó	3	358	15.412
Florianópolis	28	1.788	38.802
Criciúma	5	585	16.213
Joinville	8	1.095	35.090
Itajaí	2	549	15.962
Lages	3	467	15.145
São José	6	1.085	17.885
Blumenau	10	762	22.614

Fonte: Brasil. Ministério da Saúde – DATASUS - Banco de Dados 2010. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>
Organizado pela autora.

Quanto à rede pública municipal de saúde, Chapecó conta com vinte e três Centros de Saúde da Família e quatro Centros Integrados de Saúde estrategicamente localizados em diversos bairros para atender melhor a população, sendo: Centro de Saúde Integrado da Grande Efapi (bairro Colato), Centro Integrado de Saúde Norte (bairro Paulo VI), Centro Integrado de Saúde Oeste (bairro São Cristóvão) e Centro Integrado de Saúde Bela Vista (bairro Bela Vista), além de 21 Centros de Saúde da Família localizados tanto na área urbana quanto rural e dois Centros de Saúde da Família localizados em aldeias indígenas (Aldeia Condá e Toldo Chimbanguê). A rede possui também Centros de Atenção Psicossocial, Serviços Especializados, como a Clínica da Mulher, Centro de Especialidades Odontológicas, Serviço Municipal de Fisioterapia, Serviço Municipal de Diagnóstico por Imagem, Ambulatórios, Laboratórios Municipais e Farmácias.

Quanto aos profissionais de saúde que atuam nos municípios analisados em comparação com Chapecó, cabe ressaltar que, em algumas especialidades, o total de médicos em Chapecó é superior à soma dos profissionais da mesma especialidade em todos os outros municípios considerados, o que auxilia na ponderação da importância do setor da saúde

na cidade. O total de profissionais atuantes em Chapecó, soma 43% do total dos demais municípios, segundo as informações apresentadas na tabela 10.

Tabela 10: Chapecó e municípios polarizados - Recursos Humanos segundo categorias selecionadas (Profissionais da saúde) - 2009

<i>Profissionais</i>	<i>CCÓ</i>	<i>CON</i>	<i>JÇA</i>	<i>MAR</i>	<i>PZO</i>	<i>SMO</i>	<i>XXE*</i>
Médicos	1.156	382	436	108	56	194	242
Anestesiista	38	17	33	5	1	6	9
Cirurgião Geral	107	32	27	13	2	6	11
Clínico Geral	234	92	80	25	19	55	51
Gineco Obstetra	88	31	42	11	7	28	32
Médico da Família	49	12	8	6	4	8	9
Pediatra	110	25	26	17	9	12	28
Psiquiatra	23	7	5	3	2	9	4
Radiologista	21	8	10	7	2	11	7
Cirurgião Dentista	313	86	48	14	23	60	73
Enfermeiro	121	82	26	9	10	25	39
Fisioterapeuta	71	44	23	14	13	21	22
Fonoaudiólogo	38	7	12	9	6	4	13
Nutricionista	10	6	3	-	4	5	5
Farmacêutico	71	30	23	16	9	20	21
Assistente Social	17	8	8	6	2	5	9
Psicólogo	60	16	32	19	5	15	23
Aux. Enfermagem	422	96	40	7	16	24	34
Téc. Enfermagem	98	199	112	43	14	61	129
Total	3.047	1.180	994	332	204	569	761

* CCÓ: Chapecó; CON: Concórdia; JÇA: Joaçaba; MAR: Maravilha; PZO: Pinhalzinho; SMO: São Miguel do Oeste; XXE: Xanxerê

Fonte: Brasil. Ministério da Saúde – DATASUS - Banco de Dados 2010. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>

Organizado pela autora.

Segundo dados do IBGE, em 2009, Chapecó possuía 117 estabelecimentos de saúde, dos quais 35 são públicos (34 municipais e um estadual) e 82 privados (78 com fins lucrativos e quatro sem fins lucrativos). Quanto à localização na cidade, mais de 80% dos estabelecimentos se concentram no centro da cidade ou bairros limítrofes ao centro.

Quanto às especialidades encontradas em Chapecó, podemos destacar: alergia e imunologia, anesthesiologia, angiologia, cardiologia, cirurgia oncológica, cirurgia geral, cirurgia pediátrica, cirurgia plástica, cirurgia torácica, cirurgia vascular, clínico geral, clínica médica, coloproctologia, dermatologia, endocrinologia, gastroenterologia, ginecologia/obstetrícia, hematologia, homeopatia, infectologia, medicina do trabalho, medicina do tráfego, medicina

estética, medicina preventiva, nefrologia, neurocirurgia, neurologia, neuropediatria, oftalmologia, oncologia, ortopedia infantil, ortopedia/traumatologia, otorrinolaringologia, patologia, pediatria, pneumologia, psiquiatria, radiologia, reumatologia, urologia. Observa-se que o aumento de centros estéticos e de medicina estética tem tido um crescimento considerável nos últimos anos, cuja maioria localiza-se no centro da cidade ou nas áreas pericentrais.

Com as informações apresentadas acima, é possível constatar que o setor de saúde de Chapecó serve de referência para toda a região polarizada por ela, principalmente o Oeste Catarinense, sendo responsável por parte da diversificação dos fluxos que definem os seus papéis enquanto cidade média. Devido à crescente demanda de profissionais na área da saúde, as instituições de ensino superior têm criado cursos na área e ampliado consideravelmente os já existentes.

d) Ensino superior

Outra variável importante a ser considerada quanto à especialização das funções das cidades médias são os serviços de ensino técnico e superior, tanto em nível de graduação quanto pós-graduação, pois este vem se tornando um importante componente para a qualificação da mão de obra utilizada nas mais diversas atividades produtivas, não só de Chapecó, mas de toda a região de influência.

Quanto a essa variável, dados do Ministério da Educação – Mec apontam a existência em Chapecó de 22 Instituições de Ensino Superior – IES⁸³ com cursos cadastrados, a saber: Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc, Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Universidade Salvador – Unifacs, Universidade Luterana do Brasil – Ulbra, Universidade do Tocantins – Unitins, Faculdade Educacional da Lapa – Fael, Instituto Superior Tupy – Ist, Faculdade Exponencial – Fie, Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Ifsc, Universidade Federal

⁸³ Informações obtidas em: <http://emec.mec.gov.br/> acessado em jun. 2010.

da Fronteira Sul – Uffs, Faculdade de Tecnologia Senac Chapecó – Senac, Universidade Paulista – Unip, Universidade Federal de Santa Catarina – Ufsc, Faculdade de Tecnologia Internacional – Fatec Internacional, Universidade Norte do Paraná – Unopar, Universidade Anhembi Morumbi – Uam, Universidade Anhanguera – Uniderp, Faculdade Internacional de Curitiba – Facinter, Faculdade de Tecnologia Senai Chapecó – Senai, Faculdade Empresarial de Chapecó – Faem Uceff e Faculdade Anglo-Americano de Chapecó – Faach.

Analisaremos as que possuem maior número de acadêmicos e cursos de modo presencial, que são a Unochapecó, Unoesc, Uceff, Udesc e Uffs.

A Unochapecó⁸⁴ foi criada em 1972 a partir da Fundeste – Fundação do Desenvolvimento do Oeste. Conta com 496 professores distribuídos entre os 40 cursos de graduação, 39 de pós-graduação – *latu sensu* – e dois de mestrado próprios – *stricto sensu*. Tem em torno de 8.000 alunos (7.200 de graduação e 800 de pós-graduação). Até março de 2009, eram 14.703 egressos dessa instituição oriundos da maioria dos municípios do Oeste Catarinense, como também dos estados vizinhos.

A Unochapecó possui dois campi em outras cidades da região: em Xaxim, com o curso de Direito e em São Lourenço do Oeste, com os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Direito e Psicologia. No campus de Chapecó, oferece cursos nas áreas de ciências humanas e jurídicas, ciências sociais aplicadas, ciências da saúde e ciências exatas e ambientais. Os dois cursos de pós-graduação *stricto sensu* – mestrado – são em Políticas Públicas e Ciências Ambientais. Além desses, proporciona um *Minter*⁸⁵ em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - e um *Dinter*⁸⁶ em Engenharia da Produção vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

⁸⁴ Informações obtidas em: <http://www.unochapeco.edu.br>

⁸⁵ Mestrado em parceria com outra Instituição de Ensino.

⁸⁶ Doutorado em parceria com outra Instituição de Ensino.

A Unoesc⁸⁷ tem seu campus-sede em Joaçaba e possui mais três campi, seis campi aproximados e sete unidades, todos localizados em cidades do Oeste Catarinense. A Unoesc Chapecó é uma das unidades dessa universidade, que possui seis cursos de graduação, três de tecnólogos, 17 cursos de pós-graduação *latu sensu* e 11 cursos de extensão.

A Uceff Faculdades de Chapecó é uma instituição de ensino superior de caráter privado, mantida pela Unidade Central de Educação Faem Faculdade, que atua na cidade de Chapecó desde 2003, possui cinco cursos de graduação e seis de pós-graduação *latu sensu*, atendendo em torno de 570 alunos de Chapecó e região.

A Udesc tem seu campus sede em Florianópolis e centros de ensino em sete cidades catarinenses. O Centro Educacional do Oeste, criado em outubro de 2002, com sede administrativa em Chapecó, oferece o curso de Enfermagem em Palmitos, o curso de Engenharia de Alimentos em Pinhalzinho e o curso de Zootecnia em Chapecó, todas cidades do Oeste Catarinense. Os três cursos têm em torno de 990 alunos, e o curso de Zootecnia (de Chapecó) possui atualmente em torno de 300 alunos.

A Uffs é a primeira Universidade Federal do interior de Santa Catarina, que até 2009 só contava com a Universidade Federal de Santa Catarina, localizada em Florianópolis. A Uffs foi criada em setembro de 2009 e iniciou suas atividades com alunos em março de 2010. Sua estrutura é formada por cinco campi, tendo a sede administrativa em Chapecó e mais dois campi no estado do Rio Grande do Sul, nas cidades de Erechim e Cerro Largo, e dois campi no estado do Paraná, nas cidades de Realeza e Laranjeiras do Sul, compreendendo uma área de abrangência estimada em 396 municípios da Mesorregião Fronteira Mercosul.

O campus de Chapecó possui os cursos de graduação em Administração (ênfase em Pequenos Empreendimentos e Cooperativismo), Agronomia (ênfase em Agroecologia), Ciência da Computação, Enfermagem, Engenharia Ambiental e Energias Renováveis, Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em História, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Ciências

⁸⁷ Universidade privada de caráter filantrópico.

Sociais, Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Letras: Português e Espanhol. Segundo o projeto da Universidade, esses cursos foram criados levando em consideração a vocação regional. Nos cursos de pós-graduação – *latu sensu* –, podemos destacar: História Regional, Literaturas do Cone Sul e Saúde Coletiva.

Segue abaixo, na tabela 11, a relação dessas instituições com o número de cursos e total de alunos:

Tabela 11: Chapecó: Instituições de ensino superior – cursos e total de alunos - 2011

<i>Instituição</i>	<i>Cursos de Graduação</i>	<i>Cursos de pós-graduação</i>	<i>Total de alunos</i>
Unochapecó	40	39	8.792
Unoesc	6	10	1.835
Udesc	4	-	989
Uceff	5	6	570
Uffs	11	3*	1.476
Total			13.662

* Cursos *latu sensu* em implantação.

Fontes: P.M. Chapecó 2011; <http://emec.mec.gov.br/>; <https://www.unochapeco.edu.br/>; <http://www.unoesc.edu.br/>; <http://www.udesc.br/>; <http://uceff.com.br/>; <http://www.uffs.edu.br/>. Acesso: ago. 2010.

Organizado pela autora.

A abrangência geográfica dessas instituições de ensino quanto ao público que atingem, ultrapassa os limites do estado, pois se registra fluxo diário de estudantes oriundos de municípios gaúchos, como também paranaenses. Além desses, também se registram alunos de todos os municípios do Oeste Catarinense. Desse modo, é uma atividade que contribui significativamente para a permanência de Chapecó com uma influência regional muito forte. O papel que estas instituições de ensino superior vêm desempenhando em Chapecó tem ampliado de forma significativa a composição da economia local, pois professores e alunos dinamizam o comércio varejista, o setor de serviços, como também o setor imobiliário.

e) Rede bancária e financeira

Outra atividade do setor terciário que reafirma a importância regional da cidade de Chapecó é a rede bancária e financeira. Os bancos apresentaram um crescimento expressivo nos últimos anos, passando de 10 agências bancárias em 2000 para 22 em 2011. As demais cidades, comparadas com Chapecó, não tiveram esse mesmo crescimento, sendo registradas no ano de 2000, seis agências em Concórdia, seis em Joaçaba, três em Maravilha, três em Pinhalzinho, quatro em São Miguel do Oeste e cinco em Xanxerê.

Analisando o número de bandeiras das redes bancárias, percebe-se que houve um aumento no total de instituições bancárias que atuam na cidade, passando de sete em 2000 para nove em 2011. Quanto aos atuais números das agências bancárias e bandeiras de bancos em Chapecó e cidades polarizadas, nota-se maior quantidade e diversidade na primeira, conforme mostra a tabela 12:

Tabela 12: Chapecó e municípios polarizados – Bancos e Agências Bancárias por município - 2011

<i>Banco</i>	<i>Quantidade de Agências</i>						
	CCÓ	CON	JOA	MAR	PZO	SMO	XXE*
Bradesco	4	1	1	1	2	1	1
Brasil	6	2	2	2	2	2	2
Banrisul	1	1	1	-	-	-	-
Industrial e Comercial	1	-	-	-	-	-	-
Safra	1	-	-	-	-	-	-
Santander	2	1	2	-	-	-	1
Caixa Econômica Federal	3	1	1	1	1	1	1
HSBC Bank Brasil	1	1	1	-	-	1	1
Itaú Unibanco	3	1	1	-	-	-	1
Total	22	8	9	4	5	5	7

* CCÓ: Chapecó; CON: Concórdia; JÇA: Joaçaba; MAR: Maravilha; PZO: Pinhalzinho; SMO: São Miguel do Oeste; XXE: Xanxerê.

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN – Divisão de Sistemas Cadastrais – DISIC – 2011.

Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?INFCADASTRO>

Organizado pela autora.

Quanto à distribuição das agências bancárias no espaço urbano, chama a atenção que, das 22 agências da cidade, 16 estão concentradas no centro (quadro 9). Localizadas na área central, encontram-se principalmente ao

longo da Avenida Getúlio Vargas, ponto onde se observa a maior circulação de pessoas e que concentra também a maioria dos estabelecimentos comerciais.

Quadro 9: Chapecó – Localização Agências Bancárias na cidade - 2011

BANCO	BAIRRO
Banco Bradesco S.A.	Centro
Banco Bradesco S.A.	Centro
Banco Bradesco S.A.	São Cristóvão
Banco Bradesco S.A.	Centro
Banco do Brasil S.A.	Centro
Banco do Brasil S.A.	Engenho Braun
Banco do Brasil S.A.	Bela Vista
Banco do Brasil S.A.	Centro
Banco do Brasil S.A.	Centro
Banco do Brasil S.A.	São Cristóvão
Banrisul	Centro
Banco Industrial e Comercial S.A.	Centro
Banco Safra S.A.	Centro
Banco Santander (Brasil) S.A.	Centro
Banco Santander (Brasil) S.A.	Centro
Caixa Econômica Federal	Centro
Caixa Econômica Federal	Centro
Caixa Econômica Federal	Engenho Braun
HSBC Bank Brasil S.A. Banco Múltiplo	Centro
Itaú Unibanco S.A.	Centro
Itaú Unibanco S.A.	São Cristóvão
Itaú Unibanco S.A.	Centro

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN – Divisão de Sistemas Cadastrais – 2011.
Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?INFCADASTRO>
Organizado pela autora.

Ao analisarmos os postos de atendimento bancário, incluindo os postos de atendimento eletrônico, verificamos um maior espriamento destes no espaço urbano. Quanto à concentração dessas atividades, o centro continua tendo um maior número em relação aos demais bairros, sendo que, dos 54 postos de atendimento, 20 estão localizados no centro, enquanto que o segundo bairro (Efapi) com maior concentração dispõe de seis postos. Muitos deles situam-se dentro de unidades industriais, como na Sadia, Aurora, CooperAlfa e Vonpar; em estabelecimentos comerciais, como nos Supermercados Brasão e Celeiro; ou ainda em órgãos públicos, como no Instituto Nacional de Seguridade Social, Junta de Conciliação e Julgamento, Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, Justiça Federal e Prefeitura Municipal, como também na Unochapecó e no Hospital Regional.

A tabela 13 apresenta uma síntese do total de estabelecimentos do sistema financeiro de Chapecó.

Tabela 13: Chapecó – Número de agências, postos bancários segundo o tipo de dependência, financeiras e *factoring* – 2011

<i>Tipo de Dependência</i>	<i>Quantidade</i>
Agências Bancárias	22
Postos de Atendimento Bancário Eletrônico - PAE	47
Postos de Atendimento Bancário - PAB	7
Cooperativas de Crédito e Sociedades de Crédito ao Microempreendedor	5
Financeiras	19
<i>Factoring</i> - Fomento Mercantil	5
Total	105

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN – Divisão de Sistemas Cadastrais – DISIC – 2011.
Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?INFCADASTRO>
Organizado pela autora.

É possível asseverar que, com apoio nos dados sistematizados nesta variável, a cidade de Chapecó dispõe de oferta ampla de serviços financeiros; uma prova é que aí se localizam agências de redes bancárias que não são encontradas em outras cidades próximas. Essa característica possibilita que ofereça condições de atender às demandas próprias, como também de cidades e municípios de seu entorno, reforçando com isso o seu papel regional.

f) Redes e filiais de venda de eletrodomésticos⁸⁸

Analisando a presença de lojas de redes de venda de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, identificamos nove estabelecimentos de atuação regional e nacional, três de atuação nacional representados pelas redes Magazine Luíza, Casas Bahia⁸⁹ e Colombo, cada uma com uma loja. Verificando a atuação delas nas cidades da região, constatamos que a rede Magazine Luíza possui unidade em todas as cidades analisadas nas comparações anteriores. A Colombo atua com unidades em Chapecó, Concórdia, Joaçaba, São Miguel do

⁸⁸ Ver mais em Henn (2008).

⁸⁹ O Grupo Pão de Açúcar, dono da rede de lojas de eletrodomésticos e eletroeletrônicos Ponto Frio, comprou a rede das Casas Bahia em dezembro de 2009. Chapecó possuía uma unidade da rede Ponto Frio e uma das Casas Bahia. Com essa compra, a loja do Ponto Frio foi fechada no início de 2010.

Oeste e Xanxerê. Já as Casas Bahia só está presente com uma unidade em Chapecó em toda a região Oeste Catarinense.

Quanto às redes regionais que atuam nos estados do Sul do Brasil, podemos citar a rede Schumann, com quatro unidades e um centro administrativo, e a rede América Móveis, com duas unidades. As Lojas Salfer, com três unidades em Chapecó, é uma rede de atuação nos estados do Paraná e Santa Catarina. A rede de Lojas Berlanda atua nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo que em Chapecó possui três unidades.

As Lojas Havan, presentes em Chapecó desde 2007, se autodenominam lojas de departamentos⁹⁰, com um *mix* de mais de 100 mil produtos, dentre os quais a linha cama, mesa e banho, utensílios domésticos, brinquedos, eletroeletrônicos, moda masculina, feminina, infanto-juvenil e infantil, tapetes, móveis, artigos de decoração, linha bebê, calçados, malas, ferramentas, material escolar, tecidos para decoração e cama, artigos de praia e camping. Essa rede tem vinte e uma unidades distribuídas nos estados de Santa Catarina e Paraná.

A importância de analisar essa rede e a influência dela na cidade está relacionada com os horários de funcionamento do comércio, que foram alterados com a instalação da mesma. Até então, o horário do comércio na cidade era das 8h ao meio-dia e das 13h30min às 18h, de segunda a sábado. Essa loja segue o horário de funcionamento da rede, de segunda a segunda, das 9h às 21h, sem fechar ao meio-dia. Um estudo feito pela Havan sobre a importância do horário diferenciado, constatou que no domingo cerca de 45% dos seus clientes são de outras cidades da região e durante a semana esse número chega a 30%. A partir da adoção desses horários diferenciados pela rede, muitos outros estabelecimentos comerciais seguiram a mesma lógica, principalmente os de redes regionais ou nacionais.

No que se refere à sua localização espacial, observou-se que as lojas de redes nacionais e regionais têm seus estabelecimentos concentrados no setor central da cidade. Vale destacar que algumas, principalmente as de redes regionais, estão instalando filiais em alguns bairros, como no bairro Efapi. A

⁹⁰ Segundo o nome registrado na Receita Federal: Havan Lojas de Departamentos Ltda.

localização central dessas atividades se deve principalmente às condições de acesso dos consumidores e à diversificação desse setor, como também de todo o comércio varejista, o que confere à cidade de Chapecó certa importância regional, pois acaba atraindo pessoas de outras cidades para o consumo de mercadorias.

É oportuno realçar também duas lojas de redes de venda de vestuário, cama, mesa e banho, com destaque nacional, que possuem cada qual uma unidade em Chapecó: as lojas Marisa e Pernambucanas⁹¹. A primeira tem em Santa Catarina apenas oito unidades, distribuídas entre as cidades de Blumenau (2 unidades), Florianópolis (2 unidades), Balneário Camburiú, Joinville, Itajaí e Chapecó (cada qual com 1 unidade).

As redes nacionais que se instalam em diferentes cidades acabam gerando transformações nos lugares onde atuam, voltando o seu interesse não somente para essa cidade, mas sim, para todo o potencial consumidor que a região possa oferecer. São redes que estão presentes nas grandes metrópoles e nas principais cidades brasileiras, contribuindo significativamente para a difusão de um padrão de consumo de grandes centros urbanos.

g) Setor imobiliário

O setor imobiliário em Chapecó tem se apresentado um dos setores mais dinâmicos da economia local. A ação das grandes empresas imobiliárias da cidade começou a registrar-se a partir da década de 1980, apoiada no crescimento econômico dos diversos setores da economia e ainda impulsionada pelos incentivos do poder público. Segundo Ogliari et al (2008, p. 3):

A pressão por novos imóveis é atendida pelas construtoras e incorporadoras com empreendimentos imobiliários específicos nas regiões industriais e áreas nobres do município. Estes empreendimentos incorporaram novas tecnologias de construção para diminuir custos e incluem conceitos de valorização da qualidade de vida para atender os anseios do consumidor.

⁹¹ As lojas Pernambucanas também revendem eletrodomésticos e eletroeletrônicos, porém em Chapecó se destacam mais na venda da linha de roupas.

Quanto a este setor, segundo dados do Sicom, em 2010 eram registradas em Chapecó 64 empresas. Ainda informações do Sinduscon contabilizam que as 53 empresas associadas ao sindicato empregam em torno de quatro mil funcionários. Dentre elas, citamos aqui algumas, consideradas as maiores de Chapecó, que possuem empreendimentos que aquecem o setor imobiliário da cidade e que demonstram também a reestruturação da cidade.

A Exata Imobiliária⁹² atua em Chapecó desde 1993. Os empreendimentos em execução são 15 loteamentos, com um total de 3.110 terrenos; um loteamento fechado, com 210 terrenos; um empreendimento residencial, com 118 casas; e um condomínio fechado horizontal⁹³, com 25 unidades residenciais.

A Catarinense Construções e Incorporações⁹⁴ atua em Chapecó desde 1986 no ramo de construções próprias e no atendimento a outros clientes. No ramo de construções e incorporações, os condomínios são exclusivamente verticais, de médio e alto padrão.

A Construtora e Incorporadora Nostra Casa Ltda⁹⁵ foi fundada em 1980 na área de vendas de imóveis. Hoje sua atuação compreende venda e locação de imóveis, administração de condomínios e construção e incorporação de imóveis. Desde 2005, foram entregues 17 edifícios residenciais e um prédio comercial e atualmente está com seis edifícios em construção.

A Abba Imóveis⁹⁶, fundada em 1986, é exclusivamente uma empresa de construção, compra e venda de imóveis. São mais de 19 edifícios residenciais entregues e seis em fase de conclusão, todos de médio ou alto padrão.

⁹² Informações obtidas em: www.exata-sc.com.br

⁹³ Ver mais em: <http://www.condominiolagosul.com.br/>

⁹⁴ Informações obtidas em: www.construtoracatarinense.com.br

⁹⁵ Informações obtidas em: <http://www.nostracasa.com.br/construtora/>

⁹⁶ Informações obtidas em: <http://www.abbaimoveis.com.br/>

A Santa Maria Engenharia⁹⁷ iniciou suas atividades em 1994, com foco no segmento de incorporação e construção de imóveis residenciais e comerciais. A atuação da empresa também é regional, registrando a construção de empreendimentos em outras cidades, como Pinhalzinho e também Florianópolis. Além do ramo de construções, também atua na compra, venda e locação de imóveis.

Analisando os dados dos municípios quanto à área liberada para construção, licenças expedidas pelo CREA/SC, conforme o quadro 10, percebemos a dinâmica desse setor em Chapecó em comparação com as demais cidades analisadas.

Quadro 10: Chapecó e municípios polarizados: Área a construir com licenças expedidas pelo CREA/SC - 2009

Município	Área (m ²)
Chapecó	565.254,72
Concórdia	159.032,98
Joaçaba	98.740,34
Maravilha	68.796,67
Pinhalzinho	96.313,48
São Miguel do Oeste	123.048,08
Xanxerê	59.219,11

Fonte: Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado do Planejamento. Disponível em: http://www.spg.sc.gov.br/dados_munic.php
Organizado pela autora.

É notável o dinamismo do setor na cidade, notadamente pela concentração de empreendimentos na área central ou próxima. Salientamos que grande parte dos novos empreendimentos em construção, principalmente condomínios verticais, localizam-se no centro ou nas áreas adjacentes, imprimindo na área central e pericentral a verticalização. Uma das áreas mais valorizadas e com maior concentração de novos empreendimentos localiza-se próximo à Arena Condá⁹⁸, limite entre os bairros Centro com Presidente Médici e Maria Goretti. Podemos apontar dois motivos para esse fato: redução da oferta de espaços e valor pago por metro quadrado. Os bairros Presidente Médici e Maria Goretti são considerados bairros nobres e concentram uma

⁹⁷ Informações obtidas em: <http://www.stmaria.com.br/new/>

⁹⁸ Estádio Regional Índio Condá.

proporção expressiva dos setores de rendimentos médio-altos da cidade. Ainda, essas áreas centrais e pericentrais são as que recebem maiores investimentos do poder público quanto à melhoria da infraestrutura e, conseqüentemente, atraem mais investimentos do setor imobiliário formal.

Após as análises feitas nas sete variáveis acima, podemos afirmar que a cidade, a partir das funções urbanas que desempenha, fornece aportes técnicos, financeiros e de serviços necessários para atender não somente o intraurbano, mas também extrapolando para o interurbano. Segundo Sposito *et. al.* (2007, p. 45):

Do ponto de vista do mercado consumidor, as cidades médias continuam a desempenhar o papel de pólos para os quais moradores de cidades menores e de áreas rurais estão dispostos a se deslocar para realizar o consumo de bens e serviços mais sofisticados do que aqueles a que tem acesso nas cidades de menor porte.

Chapecó possui dinâmicas diversas das demais cidades da região, fazendo com que se configure enquanto cidade polo de uma vasta região e também se apresente enquanto uma cidade média no contexto regional. Em virtude da intensidade, da especialização e da repercussão dessas dinâmicas, é que Chapecó se destaca das demais cidades da região Oeste Catarinense.

4.1.2 Dinâmica populacional e mercado de trabalho

A cidade de Chapecó, ao longo de sua história, tem apresentado mudanças consideráveis quanto à evolução em números da população urbana, como já se mostrou anteriormente na tabela 1 do primeiro capítulo. Isso se deve basicamente à evolução das taxas de crescimento populacional, da migração e dos índices de urbanização. Esta tem apresentado taxas de crescimento populacional acima das estaduais, como se vê na tabela 5 do capítulo 3. Entre os anos de 1970 e 2010, o município de Chapecó teve um incremento demográfico de 368,12%, ou seja, a sua população cresceu praticamente quatro vezes, passando de 49.865 habitantes em 1970, para 183.561 em 2010.

O processo de urbanização que ocorreu nas principais cidades brasileiras entre as décadas de 1960 e 1970, aconteceu também em Chapecó

e, mais tarde, nas outras cidades polarizadas e que estamos relacionando com esta, como podemos perceber na tabela 14 .

Tabela 14: Chapecó e municípios polarizados – Evolução da População Urbana – 1960 a 2010

Ano	CCÓ	%	CON	%	JOA	%	MAR	%	PZO	%	SMO	%	XXE*	%
1960	10.898	21	7.204	16	11.662	34	1.230	17	-	-	3.522	19	4.172	26
1970	20.452	41	10.726	24	13.755	66	3.630	21	1.354	17	7.816	35	9.110	37
1980	55.269	66	19.578	33	19.230	78	7.181	32	5.211	52	18.790	53	17.621	59
1991	96.751	79	36.271	56	23.211	82	12.171	50	6.695	63	25.638	61	27.766	74
2000	134.592	92	45.254	72	21.688	90	14.226	77	9.313	75	27.392	85	32.385	87
2010	168.159	92	54.872	80	24.918	92	18.090	82	13.618	83	32.052	88	39.123	89

* CCÓ: Chapecó; CON: Concórdia; JOA: Joaçaba; MAR: Maravilha; PZO: Pinhalzinho; SMO: São Miguel do Oeste; XXE: Xanxerê
 Fonte: IBGE – IPEADATA. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>
 Organizado pela autora.

O crescimento demográfico da cidade de Chapecó se deve ao êxodo rural no município atrelado à modernização da agricultura, como também aos migrantes originários de pequenas cidades da região e do país, em busca de melhores condições de vida. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Getulio Vargas para a Revista Você S/A de 2009, Chapecó foi considerada a 76ª melhor cidade para se trabalhar do Brasil. Conforme dados do CAGED (2007), Chapecó está na posição 46ª como cidade mais empregadora do Brasil.

De acordo com o último censo do IBGE (2010), dos municípios analisados somente Joaçaba possui o mesmo percentual da população urbana que Chapecó, 92%. Mas todos eles tem mais que 80% da população morando na área urbana. Essa lógica da evolução demográfica de Chapecó e cidades enfocadas segue a tendência nacional, quanto ao crescimento das populações urbanas em detrimento das populações rurais. Se analisarmos a população economicamente ativa desses municípios, esta segue a mesma lógica de evolução, como podemos observar na tabela 15.

Tabela 15: Chapecó e municípios polarizados – Evolução da População Economicamente Ativa (PEA) – 1991 e 2000

Município	1991			2000		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Chapecó	41.539	11.408	52.947	70.809	5.935	76.744
Concórdia	17.108	13.447	30.555	24.928	9.485	34.413
Joaçaba	10.500	2.617	13.117	11.066	1.207	12.273
Maravilha	5.644	6.863	12.507	7.641	2.683	10.324
Pinhalzinho	3.140	2.233	5.373	4.834	2.030	6.864
São Miguel do Oeste	11.449	9.609	21.058	15.058	3.213	18.271
Xanxerê	12.031	4.281	16.312	16.912	2.718	19.630

Fonte: IBGE – IPEADATA. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>
Organizado pela autora.

Dados do IBGE – IPEA demonstram que em 2000 o total da população ocupada de Chapecó chegava a 67.239 pessoas, das quais 61.626 correspondem à urbana. Em 2010, dados da Prefeitura Municipal apontam que o total da população ocupada ultrapassa os 90.000.

O Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal – IFDM, que mede os índices do emprego e renda, educação e saúde, aponta uma boa classificação de Chapecó e Concórdia em nível de Brasil, como se mostra no quadro 11.

Quadro 11: Chapecó e municípios polarizados – Ranking do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal – IFDM – 2007

Município	Nacional	Estadual
Chapecó	133 ^o	10 ^o
Concórdia	129 ^o	9 ^o
Joaçaba	631 ^o	47 ^o
Maravilha	317 ^o	22 ^o
Pinhalzinho	447 ^o	34 ^o
São Miguel do Oeste	397 ^o	29 ^o
Xanxerê	1002 ^o	93 ^o

Fonte: Firjan – Ranking IFDM – 2007 edição 2010. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/>
Organizada pela autora.

Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB), Chapecó ocupa a 7^a posição no ranking estadual, registrando, entre os anos de 2004 a 2008, um incremento de R\$ 1.500.000,00 (34,92%). O quadro 12 apresenta o PIB para Brasil, Santa Catarina, Oeste Catarinense, Chapecó e demais cidades polarizadas.

Quadro 12: Brasil, Santa Catarina, Oeste Catarinense, Chapecó e municípios polarizados: Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes (Mil Reais) - 2008

UNIDADE ADMINISTRATIVA	PIB
Brasil	3.031.864.490,00
Santa Catarina	123.282.982,00
Oeste Catarinense	24.428.746,00
Chapecó	4.295.173,00
Concórdia	1.640.552,00
Joaçaba	783.880,00
Maravilha	394.781,00
Pinhalzinho	323.352,00
São Miguel do Oeste	615.614,00
Xanxerê	882.528,00

Fonte: IBGE – Banco de Dados Agregados – Sidra. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>
Organizado pela autora.

O PIB per capita de Chapecó, no ano de 2008, foi superior ao do estado de Santa Catarina que registrou R\$ 20.369,00. Analisando este dado em relação ao estado de Santa Catarina, Chapecó ocupa a 27ª posição, atrás também de Joaçaba, outro município analisado do Oeste Catarinense, como se verifica no quadro 13 abaixo:

Quadro 13: Chapecó e municípios polarizados: Produto Interno Bruto (PIB) Per Capita em R\$ - 2008

Município	PIB Per Capita (R\$)	Posição Estadual
Chapecó	25.003	27
Concórdia	23.515	31
Joaçaba	31.074	15
Maravilha	17.398	88
Pinhalzinho	21.005	49
São Miguel do Oeste	17.587	85
Xanxerê	21.130	46

Fonte: Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado do Planejamento. Disponível em: <http://www.spg.sc.gov.br/>
Organizado pela autora.

Quanto ao Valor Adicionado Bruto da indústria e dos serviços, podemos ver a importância de Chapecó perante os outros centros urbanos da região, como é destacado na tabela 16.

Tabela 16: Chapecó e municípios polarizados: Valor adicionado bruto (VAB) a preços correntes (Mil Reais) – 2008

UNIDADE ADMINISTRATIVA	VAB INDÚSTRIA	VAB AGROPECUÁRIA	VAB SERVIÇOS	VAB SERVIÇOS PÚBLICOS*
Brasil	719.987.000	152.273.000	1.707.850.000	406.958.000
Santa Catarina	36.832.565	8.599.451	61.559.171	11.879.548
Oeste Catarinense	8.409.121	3.743.773	10.379.291	2.346.604
Chapecó	1.743.464	80.169	2.066.544	326.678
Concórdia	749.611	115.461	640.858	124.254
Joaçaba	242.642	24.783	431.478	58.208
Maravilha	151.699	33.788	176.751	39.293
Pinhalzinho	110.266	28.981	154.860	28.837
São Miguel do Oeste	193.073	29.866	341.148	63.463
Xanxerê	248.489	66.340	482.823	76.526

*Valor adicionado bruto a preços correntes da administração, saúde e educação públicas e seguridade social.

Fonte: IBGE – Banco de Dados Agregados – Sidra. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Organizado pela autora.

O município de Chapecó também tem apresentado melhorias nas condições de vida com base no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), pois, entre os anos entre 1970 e 2000, acumulou uma evolução de 77,4%, com destaque especial para a evolução determinada pela variável renda, que nesse mesmo período acumulou um crescimento de 104,1%. Se comparado com o índice do estado de Santa Catarina e do Brasil, Chapecó também possui indicadores superiores, conforme tabela 17.

Tabela 17: Brasil, Santa Catarina e Chapecó – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – 1970 a 2000

Índices	Chapecó				Estado	Brasil
	Educação	Longevidade	Renda	Total	Total	Total
1970	0,550	0,518	0,366	0,478	0,477	0,462
1980	0,625	0,654	0,919	0,733	0,734	0,685
1991	0,807	0,799	0,676	0,761	0,748	0,742
2000	0,943	0,855	0,747	0,848	0,822	0,757
Evolução %	71,5%	65,1%	104,1%	77,4%	72,3%	63,9%

Fonte: IBGE – IPEADATA. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> SEBRAE, 2010.

Organizado pela autora.

Chapecó, entre os anos de 1991 e 2000, no *ranking* tanto do estado quanto do Brasil, evoluiu satisfatoriamente, registrando em 1991, a posição 23^a e passando para 14^a no estado, e da 190^a passando para 39^a em nível de Brasil. Os dados demonstram, conforme o *ranking* do IDH, uma evolução nos últimos anos, mas ressaltam-se as disparidades entre os indicadores relativos à educação, longevidade e renda.

4.1.3 Os equipamentos e infraestrutura

Outro aspecto a ser considerado para apontar uma cidade como cidade média são os equipamentos e a infraestrutura disponíveis que atendem a região sob sua influência.

Uma das funções desempenhadas pelas cidades médias relaciona-se com seu papel como centros de consumo de artigos específicos e especializados. Analisando a dinâmica do comércio varejista, Chapecó possui características de comércio de rua, ou seja, se encontram lojas de diversas marcas ao longo da Avenida Getúlio Vargas e ruas laterais, no centro da cidade.

Alguns empreendimentos destinados a agrupar e centralizar as lojas de marcas mais exclusivas foram construídos no centro da cidade, mas por esta apresentar a característica do comércio de rua, muitos deles entraram em decadência, ou ainda, nem se efetivaram no todo. O Centro Comercial Chapecó com 26 salas comerciais, o Merco Centro com 34 salas e o Centro Comercial Itajoara⁹⁹ com salas comerciais e de serviços, restaurante e cinema, foram criados com a função de *mini-shoppings*, no entanto hoje não passam de espaços cobertos que abrigam algumas lojas. Nos três espaços citados, encontramos salas comerciais desocupadas.

Uma das justificativas para o declínio dos mesmos foi que nenhum deles possuía uma loja âncora que pudesse atrair maior público. O Merco Centro, apesar de estar com salas comerciais desocupadas, ainda é o espaço dentre os três com maior poder de atração de consumidores, pois aí encontra-

⁹⁹ Quando da instalação desse empreendimento em 1990, foi classificado como um *shopping*, mas não conseguiu exercer essa função. Hoje abriga uma igreja e algumas lojas comerciais.

se o único cinema da cidade, com duas salas, além de dispor de franquias nacionais, como da Carmen Steffens, que vende bolsas, calçados e acessórios, e a World Turismo, como também franquias mundiais do ramo de *fast foods*, *Bob's* e *Subway*.

Está em fase de conclusão a obra do primeiro *shopping* de Chapecó e da região, o Shopping Pátio Chapecó¹⁰⁰, com inauguração prevista para início de outubro de 2011. O investimento é bancado por quatro empresários chapecoenses, um de Florianópolis e um de São Paulo¹⁰¹. O valor do investimento chega a R\$ 100 milhões, com uma área construída de 38 mil metros quadrados, sendo 14 mil de área bruta locável. O *shopping* terá dois pavimentos e abrigará 120 lojas, duas lojas âncora, duas megalojas, quatro salas de cinema, praça de alimentação com 13 operações e 750 vagas de estacionamento. Com área de expansão de 12 mil metros quadrados para o *shopping*, o projeto envolve ainda a construção de um hotel e um centro empresarial no mesmo terreno.

Com a instalação do *shopping*, chegam também importantes lojas de redes nacionais e franquias de vestuário, como a primeira unidade na cidade das Lojas Americanas, Lojas Renner, Centauro, *Chilli Beans*, Lilica e Tigor, Datelli e Mc. Donalds; como também unidades da Carmen Steffens, M. Officer, Cacau Show, *Subway*, Boticário, entre outras. Ademais, terá quatro salas de cinema, uma com projeção em 3D, a primeira da região.

Com a implantação desse *shopping* em Chapecó, pode-se afirmar que se instala um dos principais signos do consumo moderno na região. Assim como escreve Milton Santos (1987, p. 34), esses espaços, juntamente com os supermercados, compõem os verdadeiros “templos modernos de consumo”. Ainda é cedo para análises sobre o impacto na reorganização da cidade a partir deste empreendimento, mas como ele concentrará boa parte do comércio de luxo, seguindo a tendência de outros centros urbanos, introduzirá novos hábitos e costumes, principalmente da elite local e regional, atendendo aos padrões de consumo mais elitista. Analisando a reorganização do espaço, este

¹⁰⁰ Informações obtidas em: <http://shoppingpatiochapeco.com.br/site/index>

¹⁰¹ Hécio Pova, dono da AD Shoppings, que administrará o shopping.

empreendimento terá um impacto na reestruturação da cidade, pois foi construído fora da área central (dista 5km do centro da cidade), mas dentro da área de expansão urbana e comercial. Vale lembrar, que o lugar de consumo na cidade, ainda se limita principalmente à Avenida Getúlio Vargas, no centro da cidade.

No setor de transportes, verifica-se o aeroporto como ponto de ligação para os principais centros urbanos brasileiros. O Aeroporto Municipal Serafim Enoss Bertaso é administrado pela Prefeitura Municipal e está localizado a 10Km do centro, tem operação noturna e procedimentos para pouso por instrumentos. A pista possui uma extensão de 2.060 metros homologados pela Anac e 560 metros para escape, comportando aeronaves de grande porte. O aeroporto conta também com hangares de aviação executiva, táxi aéreo e o Aeroclube Chapecó. O terminal de passageiros conta com cinco balcões de locação de veículos, banca de revistas, restaurante, lanchonete e sala de embarque com capacidade para 150 pessoas.

Do aeroporto partem linhas aéreas regulares com voos diários das companhias aéreas Avianca, Gol Transportes Aéreos S/A e NHT Linhas Aéreas, para as cidades de Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Brasília e Porto Alegre, conforme podemos observar no quadro 14.

Quadro 14: Decolagens e Pousos no Aeroporto Municipal Serafim Enoss Bertaso – Chapecó

Empresa	Partida	Origem	Destino	Frequência
AVIANCA	06h15min	Chapecó	Florianópolis/São Paulo(Congonhas)	Todos os dias
AVIANCA	14h35min	Chapecó	Florianópolis/São Paulo(Guarulhos)	Todos os dias
AVIANCA	11h20min	São Paulo (Guarulhos)	Florianópolis/Chapecó	Todos os dias
AVIANCA	21h35min	São Paulo (Congonhas)	Florianópolis/Chapecó	Todos os dias
GOL	05h30min	Chapecó	Florianópolis	Seg a Sáb.
GOL	15h10min	Chapecó	Florianópolis/Guarulhos	Todos os dias
GOL	12h	São Paulo (Congonhas)	Florianópolis/Chapecó	Todos os dias
GOL	21h45min	São Paulo (Guarulhos)	Florianópolis/Chapecó	Dom a Sex
NHT	10h25min	Chapecó	Curitiba	Seg a Sex
NHT	08h45min	Curitiba	Chapecó	Seg a Sex

NHT	15h58min	Chapecó	Erechim/Passo Fundo/ Porto Alegre	Ter e Quin
-----	----------	---------	--------------------------------------	------------

Fonte: P.M. Chapecó abril de 2011 e Sicom outubro de 2010.
Organizado pela autora.

O aeroporto atualmente tem registrado aproximadamente 17.000 passageiros por mês, entre embarques e desembarques, servindo aos municípios da região Oeste Catarinense, Sudoeste do Paraná e Noroeste do Rio Grande do Sul, com um movimento de cerca de 600 pousos e decolagens ao mês.

Quanto ao transporte rodoviário intermunicipal, o Terminal Rodoviário Municipal Raul Bartolomei tem 5.500m² de construção, 21 boxes para ônibus, estacionamento para 120 veículos e 12 guichês de venda de passagens. São registradas 57 saídas diárias de ônibus que fazem a linha estadual e 13 saídas diárias para a linha nacional. Entre as empresas que fazem linhas nacionais, destacamos a Reunidas S/A, Unesul, Eucatur Transporte e Turismo Ltda, Empresa Ouro e Prata, Empresa Planalto de Turismo S/A, Medianeira Transporte e Turismo e a Empresa Hélios de Transporte Ltda. Quanto ao transporte coletivo urbano, estão registradas na cidade duas empresas no setor que juntas possuem um fluxo de passageiros/mês de 813.060¹⁰² pessoas.

Com relação às rodovias de acesso, Chapecó possui, ao Norte, a BR 282, que liga o extremo-oeste catarinense ao litoral; ao Sul, a SC 480 ligando à RS 406, no Rio Grande do Sul; a Leste, a BR 283, que liga Chapecó aos municípios de Seara e Concórdia; e a Oeste, essa mesma rodovia liga ao município de Planalto Alegre e a SC 459 ligando ao município de Guatambu.

Um grande projeto em andamento na região e que pode acentuar ainda mais a importância de Chapecó enquanto nó logístico na centralização da produção agrícola é a denominada Ferrovia do Frango, que ligará o porto de Itajaí a Dionísio Cerqueira (município que faz divisa com a Argentina e possui uma aduana), passando por Chapecó. O primeiro trecho da obra, Itajaí/Chapecó está em processo licitatório, com previsão de início das obras para 2012 e com previsão de gastos de cerca de R\$ 31 milhões, segundo o

¹⁰² Dados da Prefeitura Municipal, 2011.

Ministério dos Transportes. A ligação ferroviária ligando o Oeste Catarinense ao porto de Itajaí justifica-se pela enorme produção agropecuária¹⁰³, surgindo como possibilidade de redução dos custos operacionais da logística de exportação, principalmente, de carnes produzidas na região.

Em Chapecó, esse empreendimento terá impacto direto por se tratar de um dos nós logísticos da rede ferroviária. Além das agroindústrias instaladas que se beneficiarão da ferrovia, a cidade concentrará unidades de armazenamento da produção regional e um importante entreposto para cargas.

Outro ponto a ser ponderado para verificar a infraestrutura da cidade é o setor hoteleiro. Segundo o Sebrae (2010), estão registrados em Chapecó 40 hotéis para atender os viajantes e visitantes da cidade e região. Dados do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Chapecó¹⁰⁴ apontam que os 17 hotéis cadastrados no sindicato disponibilizam mais de 1.800 leitos. Um grande empreendimento que unirá hotel de alto padrão e centro empresarial será construído junto ao novo *shopping* da cidade. Não se registra ainda nenhuma grande rede nacional ou internacional de hotéis.

A maioria dos hotéis de Chapecó localizam-se na área central, principalmente nas Avenidas Getúlio Vargas, Fernando Machado e Nereu Ramos. Destaca-se que a cidade dispõe de hotéis simples, três de quatro estrelas e um hotel executivo, o Mogano Business Hotel, que tem estrutura para realização de eventos com até 300 pessoas.

Chapecó se sobressai também quanto ao turismo de eventos e negócios, através da realização de eventos setoriais e multissetoriais, recebendo em 2007, da Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina, o título de Capital Estadual do Turismo e Eventos de Negócios¹⁰⁵. A cidade possui dois espaços para a realização de eventos de grande porte, o Parque de Exposições Tancredo de Almeida Neves, conhecido como Parque da Efapi – localizado no bairro Efapi – e o Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de

¹⁰³ O Valor Adicionado Bruto da Agropecuária da Região Oeste Catarinense perfaz um total de 43,54% sobre o estado de Santa Catarina, conforme podemos observar na tabela 16 deste capítulo.

¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.cidadechapeco.com.br/>

¹⁰⁵ Conforme Lei 14.071/2007.

Nês – localizado no centro da cidade, ao lado do estádio Arena Condá. No Parque da Efapi ocorrem por ano cerca de sessenta eventos entre feiras, exposições e shows. O Centro de Eventos possui uma área 12.920m² e pode realizar até seis eventos simultâneos.

A cada ano vem crescendo o número de eventos e feiras realizadas em Chapecó, entre as quais podemos destacar:

1) Efapi¹⁰⁶ – Exposição Feira Agropecuária Industrial e Comercial de Chapecó - uma das maiores expofeiras multissetoriais do país, que abrange os setores primário, secundário e terciário. Evento bianual que teve início no ano de 1967 e, em 2011, terá sua 18ª edição. Em 2009, a feira registrou 650 expositores, cerca de 500 mil visitantes e um montante de R\$ 110 milhões em negócios.

2) Mercoagro¹⁰⁷ – Feira Internacional de Processamento e Industrialização da Carne -, considerada uma das maiores feiras, é promovida por organizações empresariais com o apoio da Prefeitura Municipal. Reúne expositores da Oceania, Europa, Ásia e América. (P.M., 2011). A edição de 2010 reuniu 650 expositores que fecharam ou agendaram negócios na ordem de US\$ 150 milhões.

3) Mercomóveis¹⁰⁸ – Feira Mercosul da Indústria de Móveis - considerada a terceira maior feira moveleira do país. Evento bienal, registrou na edição de 2010, mais de 15 mil visitantes e com negócios fechados ou prospectados no valor de R\$ 150 milhões. Em 2012, será realizada a 8ª edição.

4) Mercoláctea – *Milk Fair*¹⁰⁹ – Feira Internacional do Setor Lácteo - que tem o foco principal voltado para a cadeia produtiva e para a tecnologia industrial do setor leiteiro. Sua primeira edição foi no ano de 2008, a 2ª em

¹⁰⁶ Informações obtidas em: <http://www.efapichapeco.com.br/>

¹⁰⁷ Ver mais em: <http://www.mercoagro.com.br/>

¹⁰⁸ Ver mais em: <http://www.mercomoveis.com.br/mercomoveis12/>

¹⁰⁹ A produção de leite de Santa Catarina – 5º no ranking nacional – é de 5,5 milhões de litros/dia. O Oeste Catarinense responde por 72%, ou 4 milhões de litros/dia, e registra crescimento anual da ordem de 15%. Disponível em: http://www.mercolactea.com.br/br/noticias_mostra.php?idnoticia=30

2009 e a 3ª edição no ano de 2011. Esta última edição reuniu 150 expositores, mais de 26 mil visitantes.

5) Logistique¹¹⁰ – Feira Internacional de Logística, Serviços, Transporte e Comércio Exterior - feira e seminário que discute assuntos do setor, tendo sido primeira edição em 2009. A segunda edição ocorreu em 2010, reunindo cerca de 90 expositores, 15 mil visitantes e R\$ 35 milhões em negócios.

Além dessas, podemos citar: METALPLAST – Feira e Congresso de Metalmeccânica e Plásticos; Congresso Sulbrasileiro Multiprofissional em Saúde; AMBIENTALIS – Conferência e Mostra de Sustentabilidade; Simpósio Brasil Sul de Avicultura; Simpósio Brasil Sul de Suinocultura; INTERLEITE; DECORARE – Mostra de Decoração, Arquitetura, Desing e Paisagismo; SUPERMARKET – Feira Sul Brasileira de Distribuidores e Atacadistas; GROGESTÃO – Congresso Nacional da Gestão do Agronegócio; DANÇA CHAPECÓ – Festival Sul Brasileiro de Dança; Rodeio Artístico e Crioulo Nacional, entre outras. Essas feiras atraem para Chapecó grande fluxo de pessoas e de capital e demonstram que elas surgiram devido ao dinamismo e às atividades relacionadas, principalmente, ao setor agroindustrial.

A cidade de Chapecó atrai fluxos de pessoas, sobretudo pelos seus equipamentos urbanos, suas atividades econômicas, como também pelos eventos realizados. Quanto a isso, podemos ressaltar as agências de turismo que acabam atendendo às demandas das pessoas atraídas para a cidade. Registram-se em Chapecó dezessete agências de viagem e turismo, treze delas localizadas no centro.

Na tentativa de compreender e também de construir uma série de reflexões sobre Chapecó enquanto cidade média, neste capítulo, foi ressaltada a cidade com um papel regional forte. O desenvolvimento das atividades econômicas, a especialização das funções urbanas, aliadas à aceleração da urbanização, fizeram com que a cidade polarizasse diretamente as demais da região. Essa inserção regional ocorre principalmente pelas funções produzidas a partir da modernização do setor agroindustrial e pela variedade de bens de consumo e de serviços que pode oferecer, tais como os relacionados ao

¹¹⁰ Ver mais em: <http://www.logistique.com.br/>

comércio varejista, à criação de novos centros de consumo, bem como os serviços de atendimento à saúde, à educação e bancários.

Além das atividades mencionadas acima, também cabe destacar os índices superiores que Chapecó apresenta quanto a PEA, PIB e de Desenvolvimento que apontam para a superioridade econômica. Ao longo dos últimos 50 anos, a expansão da infraestrutura da cidade está associada diretamente ao setor agroindustrial, comercial e de serviços, o que garantiu a ampliação do capital local e também a atração de novos investimentos econômicos.

Apresentamos dados que nos permitiram distinguir Chapecó e as demais cidades que possuem certo grau de influência na região Oeste Catarinense, apontando assim, alguns processos ocorridos no âmbito universal e no particular, como também, processos que são singulares. Quanto ao universal, foi dado destaque à influência do setor agroindustrial em toda a região Oeste Catarinense e à importância da mesma para a economia regional. Do que é particular, através dos dados apresentados, observamos a evolução ou retração nos índices dos municípios em foco e, quanto ao que é singular, todas as características apresentadas foram identificadas somente em Chapecó, reforçando as teorias de polo regional e cidade média do Oeste Catarinense.

A par disso, mostramos a importância estratégica que Chapecó representa enquanto localização em relação à região Oeste Catarinense, constituindo-se como um importante nó num eixo rodoviário privilegiado e participante das redes internacionais, o que será ainda mais intensificado com a instalação da ferrovia ligando Chapecó ao porto de Itajaí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chapecó, cidade média no contexto catarinense

A importância de estudar as cidades médias para entender os elementos constituintes da sociedade que intensificam e marcam as relações entre elas e sua região de influência, pode ser medida a partir dos efeitos da hierarquia assimétrica e irreversível, pois Chapecó apresenta, principalmente após meados do século XX, uma tendência crescente a consolidar a sua centralidade em relação às outras cidades da região, o que dificilmente será revertido. Nessa perspectiva, foi analisada a cidade de Chapecó, demonstrando a importância dos agentes econômicos na estruturação urbana, considerando-se principalmente:

1) atividades econômicas urbanas ligadas ao setor agroindustrial, com a presença de importantes indústrias com abrangência nacional e internacional, tanto as de processamento de matéria-prima animal, como as indústrias metal-mecânicas;

2) o setor varejista que comercializa bens de consumo para grande parte do território da região Oeste Catarinense, como as redes de revenda de eletrodomésticos e eletroeletrônicos e também os supermercados;

3) as atividades ligadas ao setor de saúde especializada, através de hospitais que realizam procedimentos de média e alta complexidade, de clínicas especializadas e de um grande número de profissionais da saúde atuando nas diversas especialidades;

4) o setor de serviços financeiros com ampla rede de bandeiras de bancos nacionais e mundiais e a maior concentração de agências bancárias da região;

5) a concentração de instituições de ensino superior, registrando tanto cursos de graduação quanto de pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*), e

contando com uma clientela da maioria dos municípios da região devido a encontrar, nessas instituições, cursos nas diferentes áreas do conhecimento;

6) a oferta de equipamentos e infraestruturas que atendem às demandas regionais, destacando-se aqui, principalmente, o aeroporto municipal.

As cidades médias caracterizam-se basicamente pelas funções regionais, por serem polos regionais de serviços, pelas suas funções suprarregionais que extrapolam sua atuação além dos limites regionais e estaduais, participando muitas vezes de circuitos maiores, como o nacional e o mundial, exercendo um poder de comando regional. Para Sposito (2001, p. 635):

Podemos caracterizar as “cidades médias”, afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades.

Com isso, através do desenvolvimento das atividades econômicas e da aceleração da urbanização, houve uma reestruturação do seu conteúdo urbano e, conseqüentemente, uma intensificação dos papéis exercidos por Chapecó, que passa a polarizar as demais cidades da região Oeste Catarinense, parte das cidades do Noroeste gaúcho, como também do Sudoeste paranaense. Essa inserção regional intensificou-se, principalmente, devido à oferta de ampla variedade de serviços relacionados ao atendimento à saúde, à educação e ao comércio varejista, bem como à presença de empresas do setor agroindustrial e outras ligadas a elas, que em conjunto apresentam relações que se estabelecem além da escala local, perpassando as escalas nacional e internacional.

Ao longo da história, a cidade foi criando condições que garantiram a ampliação do capital local e a atração de novos investimentos econômicos, alterando e ampliando seu papel de centro urbano da região e possibilitando a consolidação de uma rede urbana de múltiplos circuitos em nível regional. Devido a essas especificidades apresentadas, Chapecó acabou se transformando no maior centro urbano da região Oeste Catarinense e uma

importante cidade do estado de Santa Catarina e, graças à especialização de suas funções, uma cidade média no contexto regional e estadual.

Com isso podemos afirmar que Chapecó sofre um processo eminente na reestruturação urbana, pois tem apresentado ao longo de sua história recente, profundas mudanças que orientaram os processos de estruturação da cidade. Conforme afirma Soja (1993), essa reestruturação se dá numa mudança estrutural necessária já que a ordem e os modelos anteriores já não explicam mais o presente e esse processo acaba se tornando indispensável para contínuo desenvolvimento da produção e reprodução urbana.

Em Chapecó, paralelamente ao desenvolvimento e à dinâmica das atividades econômicas, verifica-se também a atração populacional, a diversidade no nível de renda, as políticas locais e regionais, a infraestrutura existente, as interações espaciais intraurbanas e interurbanas, que são fatores que apontam a cidade para além de um polo regional, pois a combinação do tamanho demográfico e das funções urbanas, principalmente pela especialização dessas funções e a organização de seu espaço intraurbano, indica Chapecó como uma cidade média na rede urbana brasileira. Segundo Bessa (2005), as cidades médias possuem essa característica, pois exercem um papel na promoção do equilíbrio sócio-espacial intra-urbano, como também passam a ser polos de convergência e divergência de especializações produtivas.

REFERÊNCIAS

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano: Os Agentes da Produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002. 184pp. (Debates)

ALEGRE, Marcos. **Estrutura da população brasileira: tópicos e realces para São Paulo e Paraná. Análise com apoio ao método cartográfico**. Presidente Prudente, UNESP/FCT, 2002. 293pp.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. Os Ciclos Econômicos do Extremo Oeste Catarinense: Modernização, Progresso e Empobrecimento. 2003. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)**. Universidade de Blumenau – FURB, Blumenau. 2003.

_____. **Ciclos Econômicos Regionais: Modernização e Empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2005. 219pp.

BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950). **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 3, n. 4, mai. 1988, p. 7-27.

_____. Município de Chapecó: legislação e evidências 1919-1931. In: **Cadernos de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM**. Chapecó: Grifos, 1989.

_____. **Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó (1917-1950)**. Editora Grifos. Chapecó, 1996.

BELUSSO, Diane; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A evolução da avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais. In: **Revista Percursos - NEMO Maringá**, v. 2, n. 1, p. 25-51, 2010.

BELUSSO, Diane. A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná. 2010. 219f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Presidente Prudente, 2010.

BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). Geografia. In.: **Caminhos de Geografia** – revista on-line, nº. 16, pp. 268-288. Outubro de 2005. Disponível

em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/10279/6139>. Acessado em setembro de 2011.

BERNARDY, Rógis Juarez; ZUANAZZI, Jeancarlo; MONTEIRO, Ricardo Rodrigues. **Território, planejamento e gestão: um estudo do Oeste Catarinense a partir da região da AMOSC**. Chapecó: FIE, 2008. 232pp.

BRASIL – Ministério da Integração. **Política Nacional de Desenvolvimento Regional**. Disponível em <http://www.mi.gov.br/programas/programasregionais/fronteira/relatorio.asp>. Acessado em maio de 2010.

BRUMES, Karla Rosário. Movimentos migratórios em cidades médias: o caso de Uberlândia – MG (1970-2000). 2003. 120f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Presidente Prudente, 2003.

CORRÊA, Paulo Lobato. **A rede urbana**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

_____. A identificação dos centros de gestão do território no Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n 1, p. 83-102, jan./mar., 1995. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201995%20v57_n1.pdf. Acessado em 04 mai. 2011.

ELIAS, Denise. Novas Dinâmicas Territoriais no Brasil Agrícola. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Orgs). **Cidades Médias: Produção do Espaço Urbano e Regional**. 1ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006. p. 279-303.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999. 263pp.

FERRARI, Maristela; DIAS, Leila Christina. A ocupação do espaço fronteiriço brasileiro-argentino e a emergência de redes sociais e econômicas transfronteiriças. In: **Gestão de Territórios e do Ambiente no Brasil: Desafios à Formação e à Pesquisa em Geografia no Ensino Superior**. ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE 3. ANPEGE, 2003. **CD-Rom**. p. 451-460.

FERRARI, Maristela. **A Geopolítica entre Paraná e Santa Catarina na definição de limites**: a questão do Contestado. Grifos (Chapecó), v. 1, p. 111-122, 2005.

_____. **Os Sentidos da Fronteira**. Grifos (UNOESC), v. 1, p. 122-147, 2007

_____. **Conflitos e Povoamento na Fronteira Brasil-Argentina**: Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Misiones). Florianópolis: EDUFSC, 2010. 323 pp.

FLORES, Maria Bernadete Ramos Flores; SERPA, Élio Cantalício. **A Hermenêutica do Vazio**: Fronteira, Região e Brasilidade na Viagem do Governador ao Oeste de Santa Catarina. A Viagem de 1929, Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Editora: Argos, 2005. p. 129 à 153.

FUJITA, Camila; MATIELLO, Alexandre Maurício; ALBA, Rosa Salette. Rede de pólo e micropólos regionais no oeste catarinense. In: **REDES**. Santa Cruz do Sul, v. 14. n. 2, p. 53-79, mai./ago. 2009. Disponível em online.unisc.br/seer/index.php/redes. Acessado em mai. 2010.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. **Geografia do Brasil**: Grande Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, Volume IV, 1968. 371pp.

_____. **Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1972. 110 pp.

_____. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, DGC, 1987. 212 pp.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Evolução da rede urbana brasileira**. Coleção “O Brasil Urbano”. Rio de Janeiro, 1963. 462 pp.

GIESE, Bárbara. A atuação política do empresariado catarinense dos ramos têxtil e agroindustriais: demandas e canais de influência (1970 a 1980). 1991. 178f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Univesidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 1991.

GOMES, Paulo de Oliveira. **A ação da igreja Católica no bairro são Pedro**: um depósito de massa sobrando, 1959-1985. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, Chapecó, 1998.

HANN, Mauro. Capital social e estratégias de desenvolvimento econômico da Microrregião de Itapiranga (SC). 2005. **Dissertação** (Mestrado em Agroecossistemas), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2005.

HASS, Monica. Os partidos políticos e a elite Chapecoense: um estudo de poder local 1945 a 1965. 1993. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina – UFCS, Florianópolis, 1993.

_____. **A política Chapecoense de 1917 a 1945**. Chapecó: Unoesc, 1996. (Série Interdisciplinar, 19)

_____. **Os partidos políticos e a elite chapecoense**: um estudo do poder local 1945 a 1965. Chapecó: Grifos, 1997. 295 pp.

_____. **Os Partidos Políticos e a Elite Chapecoense**: um estudo de poder local. Chapecó: Argos, 2000.

_____. Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo do poder local – 1945-1965. Chapecó: Argos, 2001. 339 pp.

_____. Democracia e governança: o planejamento estratégico participativo de desenvolvimento urbano de Chapecó (SC) – 2001-2004. 2006. **Tese** (Doutorado em Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina – UFCS, Florianópolis, 2006.

HASS, Monica; ALDANA, Myriam; BADALOTTI, Rosana. A possibilidade de um pacto social à luz dos princípios do Estatuto da Cidade: o Plano Diretor de Chapecó (SC). In: HASS, Monica; ALDANA, Myriam; BADALOTTI, Rosana (Orgs). **Os Planos Diretores e os limites de uma gestão urbana democrática**: as experiências de Chapecó, Xanxerê e Concórdia (SC). Chapecó: Argos, 2010. 209 pp.

HENN, Cristiane Gretzler. A entrada das grandes redes de lojas em Chapecó e as repercussões na reorganização urbana a partir do ano de 2000. 2008. 80f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Geografia). Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ, Chapecó, 2008.

HENN, Cristiane Gretzler; ALBA, Rosa Salete. A entrada das grandes redes de lojas em Chapecó e as repercussões na reorganização urbana a partir do ano

de 2000. In: **Anais do 3º Encontro Sul Brasileiro de Geografia**. Francisco Beltrão, PR, 2008.

HERMES, André Carlos; VILLELA, Ana Laura Vianna. Evolução urbana da cidade de Chapecó: a compreensão da estrutura urbana. In: **Cadernos Ciência, Tecnologia e Educação**. Chapecó: CETEC/Unochapecó, ano 2, nº. 8, 1º. sem. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXXII, Rio de Janeiro, 1959. 418 pp.

_____. **Divisão do Brasil em micro-regiões homogêneas – 1968**. Rio de Janeiro, 1970. 564 pp.

_____. Proposição metodológica para revisão da divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas. Grupo de estudos. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. Ano 38, nº 2, abr./jun., 1976. p. 100-129.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades 1993**. Rio de Janeiro, IBGE, 2000. 230p. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/regioesdeinfluencia/Regioes%20de%20influencia%20das%20cidades_1993.pdf. Acessado em: 05 ago. 2009.

_____. **Regiões de Influência das Cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/regioesdeinfluencia/Regioes%20de%20influencia%20das%20cidades_2007.pdf. Acesso em: 06 mai. 2009.

IPEA; IBGE; UNICAMP/IE/NESUR; IPARDES. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais: Sul**. 1ª reimpressão, Brasília: IPEA, 2000. v. 6. 206 pp.

IPEA; IBGE; UNICAMP. **Caracterização da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana**. Brasília; IPEA, 2001. 396 pp.

LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina: dimensões e perspectivas**. Florianópolis: UFSC, 1978. 349 pp.

LANCINI, Marília Mallmann. Chapecó em fotos: 1940 a 1980. 2003. **Monografia** (Graduação de História), Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, 2003.

LINS, Hoyêdo Nunes. Transformações econômicas e reflexos espaciais no Brasil Meridional. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos (Orgs). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUR, 2003. p. 499-517.

KONZEN, Otto G. A pequena propriedade rural em Santa Catarina: situação, problemas e busca de solução. In: **Análise Econômica**. Faculdade de Ciências Econômicas UFRGS. Ano 4, nº 7, novembro, 1986. p. 39-62

MARCHIORI, Valentina; PINTO, Terezinha Maria B. A urbanização da cidade de Chapecó na década de 70: análise do processo de exclusão do Bairro São Pedro. 2001. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em História). Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Chapecó, 2001.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Camponeses, Cultura e Inovações. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs). **América Latina: Cidade, Campo e Turismo**. 1ª ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006 . p. 281-293.

MELLO, Márcio Antonio de. Sementes que brotam da crise: a produção de novidades organizacionais na agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina. 2009. 298f. **Tese** (Doutorado em Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2009.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores Familiares, Agroindústrias e redes de Desenvolvimento Rural**. Chapecó: Argos, 2005. 338 pp.

MOURA, Rosa. Notas sobre a rede urbana da Região Sul. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. (org.) **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano regional**. São Paulo: UNESP: ANPUR, 2003. p.105-112.

OGLIARI, Egly; OLTRAMARI, Ana Cristine; CAMARGO, Anderson de; CUNHA, Greison da; BETTIATO, João C.A.; SANTOS, Milton L. dos; MOTA, Osvaldo A. Cenários do mercado imobiliário de Chapecó em 2020. In: **Cenários prospectivos: visão estratégica de futuro**. Texto final do Curso de formação de consultores em cenários prospectivos. Disponível em: http://www.zucchi.com.br/portal/servicoonline/downloads/C_MI_Texto_final.pdf acessado em jul. de 2011.

PAIM, Elison. **Fala professor(a)**: o ensino de História em Chapecó, 1970-1990. Chapecó: Grifos, 1997.

_____. **Aspectos da construção histórica da região Oeste de Santa Catarina**. Saeculum (UFPB), v. 14, 2006. p. 121-138.

PARIZOTTO, Kátia Maria; FAVERO, Rosângela (Coordenação). **Agenda 21 de Xanxerê: exercício de cidadania**: plano local de desenvolvimento sustentável, PLDS/ documento base. Xanxerê: s.n., 2008. 140pp.

PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. A evolução da cidade de Chapecó: de povoado a centro regional. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1982. p. 365-399.

_____. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed.: UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991. 400 pp

PERROUX, François. O conceito de pólo de crescimento. In: SCHWARTZMAN, Jacques. **Economia regional**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. (Textos escolhidos).

PERTILE, Noeli. Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes no Oeste catarinense. 2008. **Tese** (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. A estrutura espacial da Microrregião Colonial do Rio do Peixe. 1984. **Dissertação** (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

PIRES, Elson Luciano Silva. Mutações econômicas e dinâmicas territoriais locais: delineamento preliminar dos aspectos conceituais e morfológicos. In:

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, M. Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar. (Orgs). **Cidades Médias: Produção do espaço urbano e regional**. 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 47-70

PONTES, Beatriz Maria Soares. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, M. Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar. (Orgs). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. **Banco de Dados 2009**. Chapecó, Prefeitura Municipal de Chapecó, 2009. 110 pp.

_____. **Banco de Dados 2010**. Chapecó, Prefeitura Municipal de Chapecó, 2010. 115 pp.

_____. **Banco de Dados 2011**. Chapecó, Prefeitura Municipal de Chapecó, 2011. 118 pp.

POMPILIO, Maria José. Hierarquia urbana e áreas espaciais de influência no Estado de Santa Catarina. In: **Geosul**. Florianópolis: UFSC, 1987, volume II, n. 3, p. 7-43.

RECHE, Daniela. Leis e planos urbanos na produção da cidade: o caso de Chapecó, SC. 2008. 167f. **Dissertação** (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2008.

RECHE, Daniela; SUGAI, Maria Inês. A influência do capital agroindustrial na distribuição sócio-espacial urbana do município de Chapecó no sul do Brasil. In: Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica**. Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/257.htm>. Acessado em maio de 2011.

RENK, Arlene. A colonização do Oeste catarinense: as representações dos brasileiros. In: Ceom: para uma história do oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó: UNOESC, 1995. 336 pp.

_____. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

_____. **A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros.** Cadernos do CEOM (UNOESC), 2006, v. 23, p. 37-71.

ROSSETTO, Santo. Síntese histórica da região oeste. In: Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste. **Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de CEOM.** Chapecó: UNOESC, 1995. p. 07-15.

ROVER, Oscar José. O orçamento participativo de Chapecó e sua dimensão rural. In: Leonardo Avritzer; Zander Navarro. (Org.). **A inovação democrática no Brasil: o orçamento participativo.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 274-330.

SANFELIU, Carmen Bellet; SPOSITO, M. Encarnação Beltrão (Orgs.). **Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado.** 1ª Ed. Lleída: Edicions de la Universitat de Lleída, 2009. 407 pp.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. In: **Revista Geosul.** Florianópolis: UFSC, ano III, n. 5, p. 85-100, 1988.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1992.

_____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996. 308 pp.

SERFHAU. Serviço Federal de Habitação e Urbanismo. **Plano de Desenvolvimento Urbano:** termos de referência: Chapecó, SC. Rio de Janeiro: Minter/SERFHAU, 1972.

SKRZYPCZAK, Valdir. Relação Campo Cidade: a Crise do Frigorífico Chapecó e a Repercussão Regional – o caso da Linha Limeira, Xaxim (SC). 2004. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Geografia), Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, junho de 2004.

SOBARZO, Oscar. Passo Fundo: uma cidade média do Sul do Brasil na encruzilhada das horizontalidades e das verticalidades. In: SANFELIU, Carmen Bellet; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado/As cidades médias ou**

intermediárias em um mundo globalizado. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida. 2009. p. 145-158.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOUZA, Nali de Jesus. Teoria dos pólos, regiões inteligentes e sistemas regionais de inovação. In: **Análise.** Porto Alegre, v. 16, nº. 1, jan./jul. 2005. p 87-112.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas.** 1ª Ed. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001. 643 pp.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro; GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **Cidades Médias:** espaços em transição. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-69

STEINBERG, Marília; BRUNA, Gilda. Cidades médias: elos do urbano regional e do público-privado. In: ANDRADE, Thompson; SERRA, Rodrigo (Orgs.). **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 35-77

TESTA, Vilson Marcos; NADAL, Raul de; MIOR, Luiz Carlos; BALDISSERA, Ivan Tadeu; CORTINA, Nelson. **O Desenvolvimento Sustentável do Oeste Catarinense:** (Proposta para Discussão). Florianópolis: Epagri, 1996. 247 pp.

THEIS, Ivo M.; NODARI, Tânia M. dos Santos. A Agroindústria de Aves e o Desenvolvimento Regional no Meio Oeste de Santa Catarina. In: **Cadernos de Economia.** Chapecó, v. 4, n. 7, p. 7-28, jul.-dez. 2001.

VIEBRANTZ, Kerli Paula Melz. A extensão rural na formação profissional dos agricultores de Itapiranga e Mondaí – SC, entre as décadas de 1960 e 1990. 2009. 121f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, 2009.

VILLELA, Ana Laura. Patrimônio construído como meio de resgate e/ou negação da identidade cultural: o paradoxo da cidade de Chapecó/SC. In: XI

Seminário de Arquitectura Latinoamericana. México: SAL, 2007. **Anais...** p. 1-18

WERLANG, Alceu. **A colonização do Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2002. 86 pp.